

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP
FACULDADE DE CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO
DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM**

Antonio Henrique Ruiz Nakashima

**CONTRAPONOTOS ENTRE FREUD E LACAN SOBRE A ANGÚSTIA:
PERSPECTIVAS DO *SEMINÁRIO 10* PARA *INIBIÇÃO, SINTOMA E ANGÚSTIA***

**Bauru
2019**

Antonio Henrique Ruiz Nakashima

CONTRAPONOTOS ENTRE FREUD E LACAN SOBRE A ANGÚSTIA: PERSPECTIVAS
DO *SEMINÁRIO 10* PARA *INIBIÇÃO, SINTOMA E ANGÚSTIA*

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de mestre à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Programa de Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem. Linha de pesquisa: Desenvolvimento: Comportamento e Saúde. Orientador: Prof. Dr. Érico Bruno Viana Campos

Bauru
2019

Nakashima, Antonio Henrique Ruiz.

Contrapontos entre Freud e Lacan sobre a angústia :
perspectivas do Seminário 10 para Inibição, sintoma e
angústia / Antonio Henrique Ruiz Nakashima, 2019
162 f. : il.

Orientador: Érico Bruno Viana Campos


Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2019

1. Angústia. 2. Metapsicologia. 3. Psicanálise. I.
Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências.
II. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE ANTONIO HENRIQUE RUIZ NAKASHIMA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 22 dias do mês de fevereiro do ano de 2019, às 09:00 horas, no(a) Sala 1 do Prédio da Pós-graduação da Faculdade de Ciências, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. ERICO BRUNO VIANA CAMPOS - Orientador(a) do(a) Departamento de Psicologia / UNESP-FC/Bauru, Profa. Dra. FÁTIMA SIQUEIRA CAROPRESO do(a) Departamento de Psicologia / Universidade Federal de Juiz de Fora, Prof. Dr. ANDRE LUIZ GELLIS do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências de Bauru, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de ANTONIO HENRIQUE RUIZ NAKASHIMA, intitulada **Contrapontos entre Freud e Lacan sobre a angústia: perspectivas do Seminário 10 para Inibição, Sintoma e Angústia**. Após a exposição, o discente foi arguido oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADO _____. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.


Prof. Dr. ERICO BRUNO VIANA CAMPOS


Profa. Dra. FÁTIMA SIQUEIRA CAROPRESO


Prof. Dr. ANDRE LUIZ GELLIS

participação por videoconferência

À Deda
(*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao meu orientador, professor Érico, pela generosa acolhida e pela disposição em conversar. Antes mesmo do pré-projeto ser formalizado, as interlocuções mantidas possibilitaram a sedimentação dos pontos elementares, que constituíram as pedras fundamentais da investigação. A “pluralidade metapsicológica”, antes disforme, pôde paulatinamente encontrar uma via de percurso para a realização de um mestrado. Além disso, agradeço a ele por seu acompanhamento, ao longo desses dois anos, oferecendo uma orientação com abertura, a partir da qual pude desenvolver meu pensamento. Sempre solícito e terno, pude contar também com seu auxílio em momentos de impasse e – a propósito – de angústia.

À Rosária e ao Matheus, pelo incentivo e apoio em incursionar pela pesquisa acadêmica. O que era inquietação, foi se constituindo como desejo de escrever. Agradeço a eles por estarem sempre dispostos a ajudar e a conversar.

Aos meus pacientes, que confiaram a mim suas angústias: o acompanhamento da trajetória de cada um deles permitiu-me identificar a centralidade desse afeto na experiência psicanalítica.

Aos membros das bancas de qualificação e defesa: Prof. André Gellis, Prof^a. Ana Maria Loffredo e Prof^a. Fátima Caropreso. Agradeço a eles pela leitura cuidadosa do meu trabalho, pelos apontamentos, sugestões de bibliografia, observações quanto às particularidades conceituais no encaminhamento de minhas proposições, pelas precisões metapsicológicas – as nuances atinentes à complexidade da temática da angústia.

Aos meus amigos, com os quais pude vivenciar as pausas (tão necessárias!) do trabalho de pesquisa, oxigenando as ideias e encontrando ânimo para a sustentação da empreitada, com brincadeiras, bobagens e risadas. Agradeço à Branca, Dedé, Má e Li, cuja proximidade facultou-me dividir os momentos difíceis. À Rena, que mesmo distante geograficamente, pude manter uma conversa frequente, esclarecendo dúvidas, obtendo apoio, discutindo sobre psicanálise, e tantas outras pautas. À Neu, amiga de todo-dia, sempre se fazendo perto, com quem pude expressar as delícias e as dores desse processo.

Às minhas companheiras de grupo de estudos sobre o Seminário 10, Lê e Geni, com as quais caminhei pelas aulas que integram esse período do ensino de Lacan, pontuado por valiosas indicações clínicas e belas passagens. Suas considerações sobre o luto e a angústia foi o gérmen a partir do qual meu interesse granjeou reflexões, que levaram a outras leituras e conversas, até assentar na pergunta que enceta essa pesquisa.

A todos os professores cujas disciplinas fizeram parte do processo formativo do mestrado. As discussões incitadas durante as aulas auxiliaram na lapidação do pensamento em pesquisa e na atividade reflexiva, consonantes ao rigor necessário para o trabalho intelectual, pelo qual tenho muito apreço.

Aos meus colegas do grupo de orientação, pela parceria e pelas boas discussões.

Ao André, pela escuta que acolhe, pelo silêncio que viabiliza um percurso de análise. Em especial, agradeço pelas palavras e pela presença discreta, imprescindíveis no atravessamento da angústia. Pelo manejo que possibilita a sustentação da passagem. Por vezes, é preciso *segurar pela mão para não deixar cair*, tal como Lacan nos indica no Seminário 10.

A toda minha família, pelo carinho e pela torcida. Em especial, agradeço aos meus pais, cujo apoio e amor sempre pude contar. Sou grato pela compreensão, pelos ensinamentos, pela convivência e por todo o suporte que neles encontro.

*Fascina-me um olhar em agonia,
Por saber que é verdadeiro:
Não se fingem convulsões,
Nem simula-se uma dor.*

*Descem brumas sobre os olhos –
– É a Morte – impossível falsear
As contas, pela cruel angústia,
Na frente alinhadas feito um colar.
(Emily Dickinson)*

*Meus estilhaços se espalham em centelhas.
Um vento violento assim
Não suporta obstáculos: preciso gritar.
(Sylvia Plath - Olmo)*

*“Se eu transpusesse os limites desse denso existir, meu coração se
abriria surpreso, um ponto no mais profundo do meu ser se
constrangeria de dor aguda e clara”
(Maura Lopes Cançado – Hospício é Deus, diário I)*

NAKASHIMA, A. H. R. **Contrapontos entre Freud e Lacan sobre a angústia: perspectivas do Seminário 10 para Inibição, sintoma e angústia**. 2019. 162f. Dissertação (Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2019.

RESUMO

A angústia é um afeto que aflige o ser humano em todas as fases da vida e pode ser descrita a partir de seus efeitos e correspondentes fisiológicos. Porém, uma caracterização em termos dinâmicos e propriamente psíquicos se faz necessária, tratando-se de um afeto. Freud emvidou esforços para tanto, formulando teorias a respeito da angústia. Em *Inibição, sintoma e angústia*, ensaio publicado em 1926, ele estabeleceu sua última definição quanto a ela. Entretanto, Lacan, em seminário ministrado entre os anos 1962 e 1963, dedicado ao tema (*Seminário 10*), recorre ao ensaio de Freud, problematizando alguns pontos e propondo resoluções para os impasses levantados. A partir desse balizamento teórico, a presente pesquisa visa a tematização da angústia segundo o recorte dos momentos da produção intelectual de Freud e Lacan, concernentes às duas obras mencionadas. Trata-se um estudo teórico na área da metapsicologia, tomando a angústia como elemento motivador fundamental da subjetividade. O objetivo geral da investigação constitui-se pelo cotejamento entre as teorias de Freud e Lacan, presentes nas obras *Inibição, sintoma e angústia* e *Seminário 10*, buscando caracterizar a angústia em ambas, atentando-se para possíveis aproximações e divergências. A partir disso, o trabalho almeja identificar as perspectivas que o *Seminário 10* pode oferecer para a leitura de *Inibição, sintoma e angústia*. A metodologia consiste na interpretação de ambas as obras, contando com comentadores que se dedicaram ao tema em questão. O expediente hermenêutico utilizado constitui-se pela

aproximação entre a perspectiva desconstrutiva e uma abordagem do texto a partir do método psicanalítico. Verificamos que as proposições de *Inibição, sintoma e angústia* têm como referência o campo edípico. É a partir dele que são elaboradas as questões atinentes à problemática defensiva, envolvendo o perigo de castração e a função sinalizadora da angústia. Tais formulações pressupõem inscrição psíquica, estando fundamentadas em um paradigma representacional. Entretanto, elas são elaboradas sobre o pano de fundo correspondente à dimensão traumática do desamparo, irrepresentável. A investigação trilhada na senda aberta pela angústia, no *Seminário 10*, levou Lacan aos limites da inserção da subjetividade na linguagem. A construção do objeto *a*, e da falta não suturável pelo simbólico, a qual ele é correlativo, demarcam o registro do real, distinto do eixo simbólico-imaginário, que é regulado pelas leis do significante e sustentado pela falta simbólica. Concluímos que os encaminhamentos para o tema da angústia, presentes em *Seminário 10*, ao relacionar a angústia à aproximação do real, registro do inominável, confere destaque à concepção de angústia como afeto negativo, referente à abolição da ordem do sentido, sublinhando assim o aspecto originário e automático da angústia apresentado em *Inibição, sintoma e angústia*.

Palavras-chave: Angústia; Metapsicologia; Psicanálise; Angústia automática; Angústia-sinal, Angústia de castração; Objeto da angústia.

ABSTRACT

Anxiety is an affect that afflicts the human being at all stages of life and can be described from its physiological effects. However, a characterization in dynamic and properly psychic terms is necessary, when it is an affection. Freud has made efforts to formulate theories about anxiety. In *Inhibition, Symptom and Anxiety*, essay published in 1926, he established his last definition of it. However, Lacan, in a seminar uttered between 1962 and 1963, dedicated to the theme (*Seminar 10*), resorts to Freud's essay, discussing some points and proposing resolutions for the impasses raised. From this theoretical ground, the present research aims at an approach of the anxiety according to the cut of the moments of the intellectual production of Freud and Lacan, concerning the two mentioned works. It is a theoretical study in the area of metapsychology, taking the anxiety as a fundamental motivating element of subjectivity. The general objective of the investigation is the comparison between Freud's and Lacan's theories in the works *Inhibition, Symptom and Anxiety* and *Seminar 10*, seeking to characterize the anguish in both, considering possible approximations and divergences. From this, the work aims to identify the perspectives that *Seminar 10* can offer for the reading of *Inhibition, Symptom and Anxiety*. The methodology consists of the interpretation of both works, counting on commentators who dedicated themselves to the subject in question. The hermeneutical expedient used is the approximation between the deconstruction perspective and an approach of the text based on the psychoanalytic method. We verify that the propositions of *Inhibition, Symptom and Anxiety* have as reference the oedipal field. It is from that the issues related to the defensive problem are elaborated, involving the danger of castration and the signaling function of the anxiety. Such formulations presuppose

psychic inscription, being based on a representational paradigm. However, they are elaborated on the background corresponding to the traumatic dimension of helplessness, the unrepresentable one. The investigation traced in the path opened by anxiety, in *Seminar 10*, led Lacan to the limits of the insertion of subjectivity in language. The construction of the object *a*, and of the non-suturable lack by the symbolic, to which it is correlative, demarcate the register of the real, distinct from the symbolic-imaginary axis, which is regulated by the laws of the signifier and sustained by the symbolic lack. We conclude that the referrals to the theme of anxiety, present in *Seminar 10*, when relating the anxiety to the approximation of the real, register of the unnameable, emphasizes the concept of anxiety as a negative affection, referring to the abolition of the order of meaning, thus emphasizing the aspect originating and automatic of the anxiety presented in *Inhibition, Symptom and Anxiety*.

Keywords: Anxiety; Metapsychology; Psychoanalysis; Automatic anxiety; Signal anxiety; Castration anxiety; Anxiety's object.

SUMÁRIO

Introdução.....	12
Capítulo 1: Inibição, sintoma e angústia.....	18
1.1 – Angústia Automática ou Originária.....	19
1.2 – Angústia-Sinal e Perigo.....	28
1.3 – Angústia de Castração.....	33
1.4 – Objeto da Angústia.....	42
Capítulo 2: O seminário 10: a angústia.....	47
2.1 – A angústia na rede dos significantes.....	51
2.2 – As estruturas da razão analítica: o mundo, a cena e a cena dentro da cena.....	57
2.3 – A angústia na articulação entre o imaginário e o simbólico.....	60
2.4 – A inquietante estranheza.....	65
2.5 – Fantasia, desejo do Outro e angústia originária.....	70
2.6 – Perigo e Angústia-sinal.....	81
2.7 – Angústia de castração.....	87
2.8 – Objeto da angústia.....	99
Capítulo 3: Pontos e contrapontos entre Inibição, sintoma e angústia e o Seminário 10.....	113
3.1 – A origem da angústia.....	113
3.2 – Perigo e angústia-sinal.....	121
3.3 – Angústia de castração.....	131
3.4 – Objeto da angústia.....	141
Capítulo 4: Considerações finais.....	149
Referências.....	154

INTRODUÇÃO

Zapeando pelos canais da TV, deparo-me com um filme, já na metade de sua exibição. Parece ser algo entre o gênero policial e o suspense. Uma mulher, estacionando o carro, ouve pela rádio notícias sobre o aumento dos índices de violência urbana: assalto, estupro, latrocínio. “É preciso redobrar o cuidado!”, emenda o radialista. Ela sai do veículo e segue pela calçada. É noite, a rua está deserta. Ouve-se passos, alguém também caminha. Sem olhar para trás, ela anda mais depressa. Em um enquadramento subjetivo, a câmera nos mostra o que ela pode ver: a rua mal iluminada e ninguém a frente. O som dos passos se intensifica. Seja o que for, está mais perto. A cena nos mostra a mulher ofegante, olhos vidrados, gotas de suor transudam pelos poros. A trilha sonora torna-se estridente. Os batimentos do coração, do lado de quem assiste, elevam-se. Algo irá acontecer. A personagem pára em um poste de luz e se vira. Um rapaz, vestindo moletom e tênis de corrida passa por ela. Um corredor noturno: era só isso.

A cena mostra que, de fato, não havia perigo. Entretanto, a composição de elementos nos leva a conceber uma ameaça – a rua escura, as notícias do rádio, os passos. A reação da personagem se dá diante de algo, em que pese quem estava se aproximando, no fim das contas, não se identificava a esse “algo”. De fato, quem se aproximava não era perigoso.

Outro momento, na clínica. A paciente diz que sente uma inércia. Questionada a respeito, diz que essa inércia é tal como um elefante, que está sobre um tapete. Sob este, estaria “uma agonia, um nada, que é um mal-estar, uma coisa que está lá embaixo do elefante da inércia. É pesado, é parado, mas embaixo eu sinto que tem uma agonia”.

Por fim, uma terceira situação. Desta vez, em uma reunião social. Falando a respeito do tema desta pesquisa para um pequeno grupo de pessoas, uma delas diz que deveria eu, então, tomá-la como objeto de estudo. Pergunto pela razão disso. “Porque eu vivo angustiado. Tomo uma decisão e depois fico pensando: será que o foi a melhor escolha? Não paro de pensar, nisso e em tudo ao mesmo tempo. Os pensamentos me atormentam. Vivo com angústia!”, concluiu, rindo.

Esses três momentos, pinçados de diferentes contextos, nos permitem abordar, preambularmente, a caracterização da angústia. Se é possível identificar esse afeto nos três

momentos, o que permite tal agrupamento? Qual característica deixaria claro o delineamento do conceito?

Etimologicamente, angústia deriva do verbo grego *agkhô*, que significa eu aperto, eu estreito (PEREIRA, 2012). Segundo Rocha (2000), a palavra angústia remete, fundamentalmente, às ideias de estreiteza, dificuldade de respirar, sufocamento, aperto na garganta. A referência à constrição e aperto podem indicar o traço semântico existencial que a palavra adquire na língua portuguesa. Nesse sentido, podemos entender que a pessoa esteja oprimida por algo subjetivo, preocupado por um conteúdo essencialmente seu, indicando um sofrimento por alguma coisa que “se volta para o próprio sujeito” (HANNIS, 1996, p. 64).

As duas últimas situações ilustram essa ideia de sofrimento gerado pela opressão de algo subjetivo. As pessoas em questão falam de um fenômeno interiorizado. Em uma delas, a segunda, o que está em questão nem possui claro discernimento. É um mal-estar, indicando uma negatividade – “um nada”. Segundo Dunker (2011), diferentemente do sofrimento sintomático, que tem significação, a indefinição do mal-estar encontra na angústia o seu nome clínico. No terceiro caso, destaca-se uma preocupação intensa, um pensamento multifacetado que parece acosar o sujeito, de maneira constante: isso não pára.

Na primeira descrição encontramos o traço de prontidão altamente reativa, referente a um perigo mais próximo, remetendo ao significado do medo. Souza (2010) nos indica que esse sentido é um importante elemento que compõe o sentido do *angst*, palavra alemã encontrada nos textos originais de Freud. O sufoco e o aperto estão presentes, bem como a ideia de uma antecipação; algo acontecerá.

A presente pesquisa tem a angústia como tema. Ele será abordado por meio de um estudo comparativo entre duas importantes referências sobre esse afeto, no contexto psicanalítico: *Inibição, sintoma e angústia*¹, escrito por Freud e publicado em 1926, e *O seminário, livro 10: a angústia*², cujo texto fora estabelecido por Jacques-Alain Miller, a partir da transcrição das aulas ministradas por Jacques Lacan, entre os anos de 1962 e 1963.

A escolha pelas obras envolve um percurso formativo. Entre os anos de 2011 e 2012, integrei um grupo de estudos cujo objeto de interesse consistia no *S10*, como referência de leitura, reflexão e discussão. O tema da angústia me interessou, dada sua relevância clínica, além de que, nesse seminário, Lacan abordaria importantes considerações acerca da formalização do objeto *a*.

1 Doravante designado como *ISA*.

2 Doravante designado como *S10*.

As linhas argumentativas do *S10*, contemplando as referências ao *ISA*, de Freud, me instigaram a revisitá-lo. A leitura deste ensaio freudiano faz emergir para o primeiro plano algumas categorias conceituais, ao redor das quais gravitam e se organizam a sua caracterização da angústia. São elas: angústia automática; angústia-sinal e noção de perigo; angústia de castração e objeto da angústia.

A despeito de ser um texto no qual Freud mostra certa reticência quanto às suas formulações, pouco organizado, repleto de retomadas de reflexões, passando ao largo de uma linearidade quanto à exposição de ideias, consideramos que o movimento de conceituação nele empreendido pode ser balizado nas categorias indicadas.

Também o *S10* apresenta-se multifacetado. A abordagem da angústia transita por muitas temáticas. Dentre elas, sem a pretensão de ser exaustivo, podemos destacar: passagem ao ato e *acting out*; contratransferência; amor; a relação entre os sexos, ou a falta dela; as posições masculina e feminina e suas respectivas relações com o desejo; sadismo e masoquismo; luto. Portanto, comparado à labiríntica perspectiva temática encontrada no *S10*, o texto de *ISA* nos oferece um quadro referencial mais circunscrito.

Sabe-se que o ensino lacaniano orientou-se, em princípio, como um retorno a Freud. Porém, verifica-se que esse projeto se lastreou em bases e matrizes de pensamento alheias àquelas que fundamentaram o pensamento freudiano. Lacan empreende uma leitura dos textos de Freud tomando como interlocutores a antropologia estruturalista e o pensamento hegeliano e heideggeriano, entre outras. Assim, verifica-se uma divergência inicial, quanto aos pontos de partida de ambos os psicanalistas; porém, uma possível convergência também é observada, viabilizando reflexões metapsicológicas que sejam afins (SIMANKE, 1994). Mais do que isso, pode-se afirmar que Lacan ressignifica, em nova chave, muitas balizas da metapsicologia, articulando-as com perspectivas revolucionárias na prática clínica e na concepção institucional da psicanálise. Em particular, isso envolve a passagem de uma epistemologia assentada no psicologismo e naturalismo, relativa à concepção de representação mental, para uma perspectiva fundamentada na estrutura simbólica e na articulação diferencial significante, efetuando um descolamento dos fundamentos biológicos freudianos, de caráter funcionalista e organicista (CAMPOS, 2013). A temática da angústia insere-se no contexto da teoria da representação freudiana. Muitos comentadores apontam que seus desenvolvimentos finais circunscrevem um campo de problematização, referente aos limites de uma concepção representacional e funcional que pudesse abranger a totalidade do campo de fenômenos

afetivos e mecanismos psicodinâmicos abordado pela clínica, deixando uma série de problemas e possibilidades em aberto como legado para as escolas freudianas posteriores (CAMPOS, 2014; LOFFREDO, 2012; ROCHA, 2000). É principalmente na tradição francesa da psicanálise, começando por Lacan e depois se desdobrando em estudos clássicos como o de Laplanche (1987) e Green (1982), que a problemática do afeto e da angústia ganha maior destaque, com trabalhos conceituais acerca de suas implicações metapsicológicas, epistemológicas e éticas.

É nesse contexto que o *S10* de Lacan emerge como uma referência explícita e central para a teorização sobre a angústia. Em que pese não abarcar a totalidade do percurso do autor sobre este tema, é o seu seminário dedicado especialmente à angústia, além de ser aquele no qual ele dialoga mais diretamente com a tradição freudiana sobre esse afeto. Isso é realizado sob uma perspectiva um tanto enigmática, que nos convida a uma leitura comparada, buscando a interlocução entre os textos desses dois autores. No início de seu *S10*, Lacan (1962-1963/2005) refere-se ao *ISA*, dizendo que este seria a última expressão do que Freud articulou quanto ao tema e que nele trata-se de tudo, exceto de angústia. Ao abordar esse afeto, “não há assunto em que a rede do discurso freudiano mais se aproxime de nos dar uma falsa segurança” (p. 18). Apesar disso, como observa Rinaldi (2000), é a esse texto freudiano que Lacan se refere privilegiadamente, questionando certas formulações e propondo caminhos para a resolução dos impasses apresentados.

Nesse sentido, surge a proposta de realizar um cotejamento entre essas duas obras centrais para a tematização da angústia, buscando articular como a perspectiva original, dada por Lacan sobre o tema, permite desenvolver e ressignificar as categorias centrais de Freud sobre a angústia, no sentido de propor novos encaminhamentos para os impasses deixados pelo fundador do campo psicanalítico. Assim, com a intenção de expor a caracterização da angústia presente no *S10*, optamos, então, por apresentá-lo sob certos recortes, tomando como referências as categorias teóricas que emergem a partir de *ISA*, o que nos propiciará uma via metodológica para estabelecer uma interlocução entre as duas obras. Procuraremos estabelecer um diálogo entre as duas obras de maneira a verificar como Lacan desenvolve e ressignifica as questões apresentadas por Freud. Dessa forma, o trabalho será orientado pela leitura de *ISA* (Freud), e seus problemas, com o *S10* (Lacan).

Trata-se de um estudo conceitual de caráter ensaístico, no âmbito da metapsicologia, tomando a angústia como elemento motivador fundamental da subjetividade. Nosso interesse

é a tematização da angústia a partir do cotejamento das duas obras escolhidas, visando a identificação de aproximações e divergências. A tarefa de comparação entre ambos os trabalhos será realizada com o auxílio de comentadores, cujas publicações dedicaram atenção ao tema.

A pesquisa se pautará na interpretação hermenêutica dos textos. O expediente hermenêutico a ser utilizado na pesquisa será aquele proposto por Campos e Coelho Jr. (2010) para investigações teóricas em psicanálise. Esse tipo de instrumental de leitura constitui-se pela aproximação entre a perspectiva desconstrutiva e uma abordagem do texto a partir do método psicanalítico, proposta por Laplanche. Privilegia-se uma leitura que não se fecha em uma suposta unidade dogmatizante, procurando abordar as articulações internas do texto a ser estudado. Além disso, esse instrumental “está baseado em um princípio de análise igualitária, que é o aplainamento ou desmantelamento dos enunciados textuais a partir de uma atenção igualmente flutuante” (CAMPOS e COELHO JUNIOR, 2010, p. 256). Esses pressupostos da leitura a ser efetuada permite a problematização do texto, evidenciando seus impasses e ambiguidades. Deste modo, o pesquisador aborda a obra valendo-se da própria escuta interpretativa, fundamentada na atenção livremente flutuante, “para encontrar as dificuldades e tensionamentos presentes no plano conceitual” (CAMPOS, 2014, p. 20).

Tem-se como hipótese que a teorização lacaniana retoma a problemática freudiana da angústia sublinhando o caráter essencialmente negativo do afeto, irrepresentável, característica que, em *ISA*, é apresentada quanto à dimensão originária da angústia. O papel da castração parece estar articulado aos elementos simbólicos e imaginários, atinentes às construções da fantasia, enquadrada pelo Outro simbólico. Porém, o estudo sobre a angústia, desenvolvida no *S10*, leva à inflexão lacaniana relativa ao objeto *a*, que indica uma irredutibilidade aos aspectos imaginários e simbólicos, apontando para o registro das intensidades, para o que é da ordem pulsional e não encontra conformação em imagens ou representações. Isso demarca um outro registro: o real. Além disso, defendemos que essas construções teóricas venham delinear uma diferença de ordem epistemológica entre os dois focos do estudo: as concepções acerca da negatividade da angústia, presente no *S10* de Lacan, distancia-se de uma concepção representacional e biologizante do psíquico, presente nas formulações freudianas de *ISA*. Nesse sentido, acreditamos que Lacan venha permitir um encaminhamento revolucionário à abordagem freudiana da angústia, libertando-a de certas aporias em seus pressupostos originais na tradição psicanalítica. Este ensaio teórico consiste

no desenvolvimento e demonstração dessa hipótese dentro dos limites de um recorte do universo da obra dos dois autores, intencionando, desta forma, não ser exaustivo e definitivo em suas conclusões, mas trazendo uma contribuição consistente e sugestiva para o campo psicanalítico.

O trabalho encontra-se estruturado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, abordaremos o ensaio *ISA*, publicado por Freud em 1926. A apresentação de suas ideias terá como referência as categorias conceituais estabelecidas para o presente estudo: angústia automática; angústia-sinal e noção de perigo; angústia de castração e objeto da angústia. No segundo capítulo, apresentaremos o *SIO* por meio das mesmas categorias. A discussão, na qual procederemos ao trabalho comparativo entre as duas obras, será desenvolvida no terceiro capítulo. Subsequentemente, e concluindo o percurso da pesquisa, serão apresentadas as considerações finais no quarto capítulo.

CAPÍTULO 1 – INIBIÇÃO, SINTOMA E ANGÚSTIA

No plano geral da teoria freudiana, é possível reconhecer uma periodização das formulações acerca da angústia (ROCHA, 2000; LOFFREDO, 2012). Podemos identificar três tempos, referentes a determinadas matrizes teóricas. Constituem-se como concepções da angústia articuladas às mudanças na perspectiva teórica psicanalítica.

O primeiro tempo é concernente às investigações sobre as neuroses atuais, no qual a angústia é concebida como descarga somática, inscrita no corpo sem a participação do psiquismo. Trata-se de uma teoria essencialmente econômica. O segundo coincide com a proposição da primeira tópica e primeira teoria das pulsões, que possibilitou a passagem das neuroses atuais para as psiconeuroses de defesa. O historial clínico do pequeno Hans (FREUD, 1909/2015) ganha destaque aqui, com a distinção da histeria de angústia como processo psicopatológico independente. A angústia passa a ser inscrita no psiquismo, como afeto derivado do recalque, por meio da transformação da libido. Nessa concepção da angústia, Freud destaca a dimensão tópico-dinâmica. O terceiro tempo se articula com o contexto teórico-clínico referente à virada dos anos 1920. A proposição da segunda teoria pulsional e da segunda tópica, concebendo o psiquismo por meio de instâncias que interagem entre si (Eu, Id, Supereu), levou Freud à reformulação de sua teoria da angústia por um “procedimento de coerência sistêmica” (ROCHA, 2000, p. 98). A experiência clínica com os aspectos autodestrutivos da melancolia, com o masoquismo e a identificação da reação terapêutica negativa, articulados intimamente com a pulsão de morte, evidenciaram o estado de desamparo primordial próprio ao ser humano.

As proposições de *ISA* inserem-se nesse terceiro tempo, reformulando a teoria da angústia a partir dos aportes teóricos conferidos pela segunda tópica, tendo como pano de fundo o desamparo fundamental.

O texto de *ISA* não se apresenta de maneira linear, cheio de idas e vindas (CAMPOS, 2014), delineado por um movimento de vai e vem da argumentação, o que lhe dá uma “aparência um tanto desconjuntada” (GAY, 2012, p. 493). Laplanche (1987) o considera um “texto difícil, repleto de retornos, arrependimentos, dúvidas, retomadas das mesmas questões” (p. 133).

Apesar disso, verifica-se que o quadro geral do ensaio pode ser balizado por algumas referências conceituais no que diz respeito à teoria da angústia nele apresentada. São elas: angústia automática, ou originária; angústia-sinal; angústia de castração e objeto da angústia. Como já indicamos na introdução, estabeleceremos tais marcos teóricos como as categorias que nortearão o presente trabalho.

1.1 – Angústia Automática ou Originária

Uma das linhas de investigação que integram a elaboração de *ISA* constitui-se pelo entendimento acerca da natureza da angústia. Freud (1926/2014) reconhece que essa não é uma tarefa fácil, “[...] a angústia é algo difícil de apreender” (p. 71). No encalço de tal empreendimento, procura localizá-la na categoria conceitual referente aos afetos. Tal como a dor e o luto, a angústia seria caracterizada como afeto desprazeroso. Porém, distinguindo-se deles, ela possui uma dimensão motora, implicando reações de descarga, bem como a percepção destas. A característica de descarga nos remete a uma noção energética, ao aumento de excitação, seguida por sua eliminação.

Isso nos remete aos estudos primevos sobre o tema, realizados na década de 1890, nos quais Freud concebeu a angústia tomando como modelo a categoria clínica da neurose de angústia. Trata-se do momento de produção atinente à primeira teoria freudiana da angústia (CAMPOS, 2004). No trabalho *Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada ‘neurose de angústia’*, Freud (1895/1976) havia proposto não ser possível rastrear nenhuma origem psíquica para a angústia; esta estaria restrita ao corpo. Ocorreria um acúmulo de excitação somática, de natureza sexual. Esta seria distinta da libido psíquica ou desejo psíquico. Essa distinção entre o somático e o psíquico é fundamental para entendermos o mecanismo de geração de angústia nesse momento teórico. No *rascunho E* (FREUD, 1950/1977), provavelmente redigido em 1894, o autor estabelece que a neurose de angústia é uma neurose de represamento, caracterizada pelo acúmulo de tensão física. Em situações ideais, esta aumenta até um determinado limiar, a partir do qual se verte em libido psíquica. As ideias sexuais são investidas, energizadas, e passam a buscar solução em uma ação específica – o ato sexual – visando sua descarga. Na neurose de angústia, entretanto,

observa-se uma falha no despertar do afeto sexual (libido psíquica) a partir da tensão física. Esta se acumula e, não estando psiquicamente ligada, é transformada em angústia. Nota-se, então, uma escassez de libido presente nos casos de neurose de angústia. Consideramos interessante a denominação de “fiador psíquico”, concedido à libido por Jean Laplanche (LAPLANCHE, 1987). A libido prestaria fiança à excitação física, responsabilizando-se pelo destino conferido à tensão, uma vez “psiquizada”. Uma passagem do artigo de 1895 é esclarecedora:

[...] em todos os conjuntos de casos, a neurose de angústia é acompanhada por um decréscimo da libido sexual, ou desejo psíquico, de modo que, quando se diz aos pacientes que suas queixas decorrem de ‘satisfação insuficiente’, eles respondem regularmente que isso é impossível, pois precisamente agora toda sua necessidade sexual se extinguiu. Todas essas indicações – que se trata de um acúmulo de excitação; que a ansiedade [angústia], provavelmente corresponde a essa excitação acumulada, é de ordem somática; e, além do mais, que essa excitação somática é de natureza sexual e ocorre paralelamente a um decréscimo de participação psíquica nos processos sexuais –, todas essas indicações [...] levam-nos a esperar que o mecanismo da neurose de angústia deve ser procurado em uma deflexão da excitação sexual somática da esfera psíquica, com um consequente emprego anormal dessa excitação. (FREUD, 1895/1976, p. 126).

Percebemos que a angústia, nesse momento, é concebida como algo restrito à dimensão do corpo, sem inscrição psíquica. Justamente, sublinha-se a inacessibilidade à esfera psíquica, ocasionada pela deflexão da excitação física. O que é físico não adentra à dimensão psíquica, permanecendo alheio a esta. Restringindo-se à esfera física, sem verter-se em libido, a tensão não encontra resolução por meio da atividade sexual, acumulando-se. Verifica-se um “excesso de corpo” (PEREIRA, 1999, p. 87), impossibilitado de alguma figuração psíquica. A angústia é o único destino para ela, descarregando-se a partir da transformação nesse afeto.

Para nossos propósitos, destacamos dessa primeira teoria da angústia a não inscrição psíquica da tensão física, presente na conceituação da angústia. Correlativo a isso, percebemos o *fundamento econômico* identificado em sua elaboração. O modelo teórico compreende termos que remetem às ideias de aumento, diminuição, acúmulo, descarga. Essa perspectiva econômica mantém-se, em parte, na caracterização da angústia apresentada em *ISA*.

A angústia [...] é um estado desprazeroso especial, com reações de descarga em trilhas específicas. Seguindo nossa concepção geral, acreditaremos que na base da angústia exista um aumento da excitação que, por um lado, gera o caráter

desprazeroso e, por outro lado, alivia-a com as descargas mencionadas. (FREUD, 1926/2014, p. 73).

Como foi mencionado, Freud procura alocar a angústia dentro do grupo dos afetos. A caracterização destes segue o modelo da constituição do sintoma histérico, ou seja, haveria uma vivência que teria deixado uma marca, sendo esta a referência para o afeto. Tal como o sintoma histérico, o afeto seria, então, um símbolo mnêmico de uma vivência traumática.

A título de ilustração, lembramos do caso Miss Lucy, descrito nos *Estudos sobre a histeria* (FREUD, 1893-1895/2016). A queixa da paciente consistia na percepção de um cheiro de pudim queimado, sensação que a perturbava. A investigação de Freud seguia a perspectiva referente à possibilidade da lembrança de alguma vivência na qual o cheiro fora, de fato, sentido. A ideia de um símbolo mnêmico corresponde à concepção segundo a qual o sintoma representa algo traumático, entendendo-se com isso a memória de uma experiência recalçada. Portanto, implica em uma inscrição, ou seja, um registro da vivência. O trabalho na linha da rememoração pressupõe a presença de algo inscrito e esquecido por conta da operação do recalque.

Diante disso, ao conceber o afeto como um ataque histérico universal, comum a todos os humanos, Freud indica o aspecto filogenético dele. “Os estados afetivos incorporaram-se à psique como precipitados de antiquíssimas vivências traumáticas, e são *despertados como símbolos mnêmicos* quando situações análogas ocorrem” (FREUD, 1926/2014, p. 23, grifos nossos). Nesse caso, aventa-se a possibilidade de eventos ocorridos na história da espécie humana que ficaram registrados e transmitidos filogeneticamente. Freud não dá curso a essa linha argumentativa, em *ISA*. O que gostaríamos de destacar é que o despertar da angústia como símbolo mnêmico levaria à concepção dela como algo *reproduzido*, tendo como referência uma ocorrência traumática.

Entendemos que em *ISA* Freud (1926/2014) enfoca o aspecto ontogenético da angústia. Concede especial atenção ao momento do nascimento, como possibilidade de nele identificar-se um referente traumático ao qual a angústia assenta-se como reprodução afetiva. O que se procura é a origem da angústia. “No ser humano e nas criaturas a ele aparentadas, o ato do nascimento, sendo a primeira vivência individual da angústia, parece ter dado traços característicos à expressão da angústia” (FREUD, 1926/2014, p. 23).

Não é anódino tal interesse de Freud pelo momento do nascimento, ao escrever *ISA*. Segundo Obaid (2012), Freud já havia, em outros momentos, estabelecido relações entre

angústia e o nascimento. Por exemplo, na *Interpretação dos sonhos*, em nota acrescentada em 1909, ao dizer que “o ato do nascimento é a primeira experiência de angústia e, assim, a fonte e o modelo para esse afeto” (FREUD, 1900/2013, p. 426). Ou, na *Conferência 25*, ao considerar o ato do nascimento como a “impressão precoce” que o afeto de angústia reproduz. Ele seria “o modelo do efeito gerado por um perigo de vida e que, desde então, repetimos sob a forma do estado de angústia” (FREUD, 1916-1917b/2014, p. 524).

No entanto, a redação de *ISA* vem como resposta às investidas teóricas representadas pela publicação do livro *O trauma do nascimento*, de Otto Rank, em 1924. Ao abordarmos a temática da angústia originária, nos deparamos com a origem da própria escrita do ensaio *ISA*. Apesar de Freud mencionar que, com esse texto, visava-se o estabelecimento de uma versão metapsicológica sobre o problema da angústia, o trabalho de Obaid (2012) destaca que o impulso essencial de sua elaboração consiste no debate com as teses de Otto Rank. O próprio Freud reconhece isso ao dizer que o trabalho de Rank “[...] obrigou-me a reexaminar o problema da angústia” (FREUD, 1926/2014, p. 109).

No plano pessoal, isso foi emocionalmente custoso para Freud. Rank era considerado como “seu prezado filho psicanalítico, que julgava inteiramente confiável” (GAY, 1989/2012, p. 474). O período em questão, correspondente ao debate, incluiu muitos desentendimentos no meio psicanalítico, envolvendo muitos amigos e colaboradores de Freud, tendo Otto Rank como o motivo da discórdia. Por fim, o processo terminou com a quebra da relação de amizade entre Freud e Rank. Ainda segundo Gay (1989/2012), a elaboração de *ISA* nasce da capacidade de Freud em extrair vantagens de suas perdas.

As ideias de Rank (1924/2016) consideravam o nascimento como a vivência traumática fundamental, assentando-se como a referência última da angústia. Ele corresponderia à experiência da qual toda manifestação afetiva da angústia seria símbolo mnêmico, seguindo o modelo do trauma que foi mencionado acima, que pressupõe uma inscrição psíquica.

Ao tentarmos, pela primeira vez, reconstruir o trauma do nascimento, aparentemente corporal, em suas imensas consequências psíquicas [...] logamos reconhecer nele o último substrato biologicamente compreensível do psíquico, chegando assim ao exame do fundamento e do núcleo do inconsciente, sobre cuja compreensão se ergue a estrutura criada por Freud da primeira psicologia abrangente e fundamentada psiquicamente. (RANK, 1924/2016, p. 22).

Suas teses elevam o trauma do nascimento ao status de pedra fundamental da estrutura teórica psicanalítica, dado que tem como um de seus objetivos “fundamentar biologicamente o inconsciente” (RANK, 1924/2016, p. 23). O nascimento seria a marca, firmada no organismo, a partir da qual o psíquico seria engendrado. O segundo objetivo seria, portanto, remontar toda produção psíquica a esse marco biológico, ou seja, colocando tudo o que é da ordem do psíquico em relação ao marco orgânico do inconsciente, “tal como ele se apresenta a partir do significado [...] do trauma do nascimento e das tentativas sempre reiteradas de superá-lo” (RANK, 1924/2016, p. 23). Dessa forma, toda manifestação ulterior de angústia seria uma tentativa de superar o trauma do nascimento, ou ab-reagi-lo.

O livro de Rank consistiu em uma investida teórica contra as concepções freudianas, uma vez que concedia primazia ao ato do nascimento no que diz respeito à estruturação psíquica. Segundo suas proposições, as noções de angústia de castração e Édipo, centrais na teoria freudiana, ficavam em segundo plano (OBAID, 2012). Daí toda a polêmica ocasionada pela publicação de Rank.

Partindo das elaborações teóricas presentes no livro de Rank, Freud se propõe a avaliar a validade da concepção do surgimento da angústia, referente ao modelo do nascimento. Segundo Laplanche, o que leva Freud a interessar-se pela teoria de Otto Rank foi uma motivação presente ao longo de todo o seu pensamento, a saber: “a *busca da realidade* e a busca ascendente de um primeiro evento sobre o qual se possa dizer que tudo decorre” (1987, p.134). Nesse encaço por um evento primeiro, Freud é levado a uma busca arqueológica, visando a primeira vivência de angústia.

A partir da ideia de que a angústia seria uma reação afetiva *reproduzida*, Freud inquiriu: “[...] qual a sua função, e em que ocasiões é reproduzida? A resposta parece plausível e inevitável. A angústia surgiu como reação a um estado de *perigo*, e agora é reproduzida sempre que um estado desses se apresenta” (1926/2014, p. 74). No encaço da formalização da noção de perigo, ele hipotetiza um estado de angústia original, a referência para as ulteriores reações de angústia.

Assim, o momento de ingresso à vida, com todo o incremento de excitação observado através das reações fisiológicas que o bebê demonstra ao nascer, deixariam a marca do afeto da angústia. Entretanto, psiquicamente, tal reação fisiológica pouco nos diz. Freud observa que Rank procura estabelecer relações entre as primeiras fobias da criança e as impressões deixadas pelo nascimento. O aspecto psicológico do afeto, deixado por tais impressões

sensoriais, pressuporia a percepção, sobretudo visual, e a retenção de elementos atinentes ao momento do trauma do nascimento. A lembrança destes evocaria, então, a reação de angústia. Quanto a essa tese, Freud (1926/ 2014) tece objeções: é pouco provável que o bebê, ao nascer, seja capaz de obter e reter algo além das sensações de natureza tátil. Além disso, as considerações de Rank acerca das posteriores reações de angústia, quanto ao sentido destas à luz das primeiras percepções do bebê, estão eivadas de arbitrariedade na interpretação. Chega-se à conclusão de que as fobias da criança não possuem referência direta à impressão deixada pelo trauma do nascimento.

A noção de perigo não pode ser identificada ao momento da natividade, dado que, psicologicamente, ele nada *representa*. “O perigo do nascimento não tem ainda um conteúdo psíquico” (FREUD, 1926/2014, p. 75). É justamente quanto a esse ponto que as teses de Rank são fragilizadas. Elas pressupõem uma vivência, uma experiência psiquicamente inscrita, algo da ordem da *representação*. Tais requisitos implicariam em um aparelho psíquico constituído, capaz de registros mnêmicos, o que seria impossível no momento do nascimento. Neste, o que é identificado é um imenso distúrbio ou convulsão econômica.

Grandes quantidades de excitação chegam até ele [o bebê], produzindo novas sensações de desprazer, vários órgãos conquistam investimentos elevados, algo como um prelúdio do investimento objetual que logo começará; o que, em tudo isso, será utilizado como sinal distintivo de uma “situação de perigo”? (FREUD, 1926/2014, p. 75-76).

Percebemos que o interesse de Freud visa a identificação de uma situação de perigo, relacionada a qual se constituiria um sinal. Entretanto, quanto ao momento do nascimento, o que ele encontra é um excesso enérgico, sem possibilidade de inscrição, ou seja, um irrepresentável. Somente após ter-se estabelecido os investimentos objetais, em especial com o objeto materno, é que a noção de perigo poderá ser identificada.

A partir da observação do desenvolvimento dos bebês, Freud percebe que a intensidade da angústia diminui com o passar do tempo, vindo a aparecer novamente anos depois. São identificadas três ocasiões nas quais as manifestações de angústia pela criança são compreensíveis: quando ela está sozinha, no escuro ou na presença de alguém estranho. Em todas, o fator comum é ausência da pessoa amada, a mãe. A angústia, assim, seria uma reação à falta do objeto amado. Verifica-se que a exigência da percepção da mãe está relacionada ao fato de ser esta quem satisfaz suas necessidades. Na vigência da insatisfação destas, o bebê

encontra-se *sem recursos*³ para lidar com o montante de excitação gerado a partir daí, que exigem solução. Eis configurada o núcleo da situação perigosa. Freud assim a descreve:

A situação de insatisfação, em que magnitudes de estímulo alcançam nível desprazeroso, não sendo controladas mediante utilização psíquica e descarga, deve ser análoga à vivência do nascimento para o bebê, uma repetição da situação de perigo. Comum a ambas é a perturbação econômica gerada pelo aumento das magnitudes de estímulo a pedir solução, sendo esse fator, portanto, o autêntico núcleo do “perigo”. Em ambos os casos há a reação de angústia, que no bebê ainda se mostra adequada, pois a descarga via músculos respiratórios e vocais solicita a mãe, tal como antes incitou a atividade dos pulmões para afastar os estímulos internos. Não é preciso que o bebê tenha conservado, de seu nascimento, outra coisa além dessa forma de assinalar o perigo. (1926/2014, p.79).

Essa convulsão econômica gerada pelo incremento das exigências pulsionais é o que se teme ante a possibilidade da falta da assistência materna. Além disso, destaca-se a condição de desamparo implicado em tal condição, dado que o bebê se encontra sem recursos para solucionar os estímulos. Esse excesso ao qual o bebê estaria submetido e quanto ao qual ele não é capaz de lidar, corresponde à situação traumática, núcleo do perigo, uma vez que ela é seu fundamento. Instigado pelas teorias de Rank, Freud centra sua investigação no momento do nascimento, em busca da noção de perigo. No entanto, o que ele pode identificar nesse momento é o trauma, a dimensão do excesso, desprovido de representação.

A noção de trauma implicada aqui, difere daquela que apresentamos, que pressupunha uma inscrição psíquica. Segundo Uchitel (2011), é possível identificar duas concepções do traumático ao longo da obra freudiana. Uma delas, referente a um acontecimento preciso, “[...] localizável temporal e espacialmente pelo esforço mnêmico, que foi objeto do recalque e, portanto, com representações garantidas no inconsciente” (UCHITEL, 2011, p. 104). A outra, que nos interessa neste momento, corresponde ao excesso energético, sem elementos representacionais, na qual “[...] prevalece o caráter econômico, não simbolizável e inacabado do acontecimento” (UCHITEL, 2011, p. 104).

Freud (1926/2014) faz uma importante distinção entre *situação de perigo* e *situação traumática*. O perigo se configura quando a necessidade não é atual. Conta-se com o apoio de um objeto protetor do desamparo, sendo perigosa a possibilidade da perda dele. Conforme veremos adiante, na situação de perigo, ainda cabe ao Eu a possibilidade de realizar alguma

3 Sem recursos, sem proteção, sem amparo: *hilflos*, em alemão. Daí a expressão empregada por Freud, *Hilflosigkeit*, vertida para o português como desamparo. “A palavra *Hilflosigkeit* significa, portanto, uma experiência na qual o sujeito se encontra sem ajuda” (ROCHA, 1999, p. 334).

ação no sentido de subtrair-se ao perigo. A situação traumática corresponde à situação de desamparo vivida.

Dessa forma, a angústia originária corresponde à descarga afetiva automática e involuntária, referente à situação de desordem econômica e, portanto, ao trauma. A designação automática refere-se à impossibilidade do Eu responder, encontrando-se submetido à condição avassaladora; esta modalidade de angústia é invasiva e desorganizadora. O termo originário remete ao nascimento, momento no qual há um encontro com a situação traumática.

Percebemos que o aspecto originário da angústia congrega, em si, as noções de trauma e desamparo. Quanto a isso, Loffredo indica que “a conceituação de desamparo articula-se à definição de *situação traumática* e deve ser destacado que o termo angústia automática refere-se ao *conjunto* todo, da situação traumática que a produz à descarga específica que a acompanha” (2014, p. 325-326).

Dado que essa modalidade de angústia apresenta íntima relação com a dimensão traumática e irrepresentável, podemos verificar que ela se assemelha às proposições freudianas atinentes à primeira teoria da angústia, fundada nas observações das neuroses atuais. Nessa concepção, como apresentamos, implica em uma excitação física defletida da esfera psíquica, na qual poderia encontrar alguma representação e resolução, permanecendo restrita ao corpo e descarregando-se como angústia. Desse modo, a noção de angústia automática virá “reinscrever no cerne da nova teoria da angústia, a antiga hipótese freudiana de que a angústia, sob sua forma mais fundamental, é pura descarga de energia libidinal acumulada e transformada” (PEREIRA, 1999, p. 86).

Perguntamo-nos o que seria recolhido do ato do nascimento, dado que não se deriva daí qualquer inscrição mnêmica. Lembremo-nos de uma descrição sobre a angústia que Freud nos concede em *ISA*: reação de descarga em *trilhas específicas*. Entendemos que essas correspondem à forma de apresentação da angústia, o modelo de reação afetiva. O ato do nascimento é caracterizado por

[...] expressões corporais tais como hiperatividade pulmonar e aceleração do ritmo cardíaco e não a formação de representações psíquicas; de qualquer forma, não é a formação de imagens visuais; se algumas imagens acompanham essa vivência, são sobretudo imagens táteis e olfativas. O que se repete nos estados de angústia são precisamente essas expressões corporais e não imagens da situação traumática original. Não há traço mnêmico, há apenas a expressão de uma pura intensidade sem conteúdo. (GARCIA-ROZA, 2008, p. 56).

O desamparo atinente à situação traumática, em si mesmo irrepresentável, constitui-se como um protótipo, um modelo sobre o qual configurarão as situações de perigo. O trauma do nascimento adquire o *sentido* de perda *a posteriori* (CAMPOS, 2014). Figueiredo (1999) também realça essa temporalidade, segundo a qual, somente depois o sentido pode ser articulado. Desse modo, a rigor, o momento do nascimento não poderia ser considerado uma vivência, propriamente. Dada a ausência de um Eu constituído e da possibilidade de registro, a origem da angústia é apenas arquetípica, ou mítica, fora do âmbito da experiência.

Nesta medida, a “primeira vez” da vivência de angústia, e todas as posteriores, seriam “repetições” da situação dita “arquetípica”, mas só na “repetição” o “passado” [...] se constituiria como experiência, ou seja, apenas na posterioridade de um Eu constituído se constituiria a “origem arquetípica” de uma experiência que, de alguma forma não podia ter sido vivida antes, mas que, devemos necessariamente admiti-lo, havia deixado traços que funcionavam como um apelo de sentido, como um apelo ao suplemento de sentido que “só depois” se converteria em experiência vivida. (FIGUEIREDO, 1999, p. 54-55).

Podemos verificar o quanto a noção de angústia automática relaciona-se com o momento originário referente ao nascimento.⁴ Verificamos como essa modalidade de angústia está articulada às noções de trauma e desamparo, bem como a situação do nascimento caracteriza-se pelo aspecto irrepresentável. Nesse sentido, a angústia de caráter automático tem um aspecto fundamentalmente *negativo*, demandando elaboração em sentido, e permanece como condição originária do funcionamento afetivo e defensivo do aparelho psíquico.

Quanto a isso, alguns comentadores (CAMPOS, 2014; ROCHA, 2000) salientam um ponto interessante. Eles observam que as indicações freudianas não articulam essa angústia de caráter originário, de natureza traumática e, portanto, econômica e pulsional, com a pulsão de morte. Esta que, desligada das pulsões de vida, em sua forma pura, possui caráter destrutivo, tendendo o psiquismo para uma completa redução das tensões, rumo ao estado inorgânico. Assim, *ISA* deixou de lado a consideração do desamparo do sujeito, frente à pulsão de morte.

O momento do nascimento, como vimos, é um protótipo para as situações de perigo. Na próxima seção, daremos ênfase às noções de perigo e angústia sinal.

4 Cabe mencionar que o próprio uso terminológico de Freud não é preciso. Uma das oposições que ele estabelece, em *ISA*, é entre angústia neurótica, como aquela que é produto do retorno do recaiado, e angústia automática, esta que estamos descrevendo. No entanto, em outros textos essa demarcação não é clara, sendo utilizado o termo automática também para situações em que a angústia se produz involuntariamente por retorno do recaiado. Em *ISA*, essa demarcação é estabelecida claramente, mas mesmo em textos posteriores ela não é mantida.

1.2 – Angústia-Sinal e Perigo

A partir do que foi exposto no tópico anterior, pudemos constatar que a descrição da angústia, enquanto fenômeno automático, é essencialmente econômica. Refere-se ao terrível aumento de estimulação, gerado pela necessidade, e sua descarga.

Paralelo a esse *aspecto econômico*, Freud supõe existir um *fator histórico*, ou seja, uma vivência na qual se observou um aumento de excitação e descarga. Essa perspectiva seria semelhante àquela que permite o entendimento dos sintomas histéricos. A análise dos sujeitos neuróticos revelou que esses sintomas são símbolos de uma vivência traumática. A angústia, como vimos, seria a reprodução de uma vivência em reação à qual se respondeu com esse afeto.

O esclarecimento de um ataque histérico depende da identificação de uma situação na qual as reações motoras que o compõem sejam justificadas. Traçando um paralelo entre a angústia e o ataque histérico, verifica-se que, no momento do nascimento, as inervações motoras do coração e dos órgãos respiratórios, características da angústia, estão plenamente adaptadas à situação. Em ocasiões futuras, quando a angústia é reproduzida, tal como observado quanto ao ataque histérico, a reação é inadequada, disfuncional, uma vez que não responde às exigências da situação; ao contrário, a angústia é resposta a um perigo baseado em *algo anterior*, que não se apresenta atualmente. Ela apenas seria adequada a um fim caso se constituísse como um sinal que alerte quanto à iminência de uma situação perigosa, sendo logo substituída por reações apropriadas, visando subtrair-se ao perigo.

Procura-se, então, definir o que seria um perigo. Vimos que a busca por um fator histórico levou Freud a realizar especulações a respeito do ato do nascimento. Isso não confirmou a teoria de Rank, que propunha o trauma do nascimento como fundamento último da angústia, em relação ao qual toda manifestação ulterior do afeto visaria sua ab-reação. Do nascimento, Freud destaca a convulsão econômica, articulada à condição de desamparo, própria a esse momento. Desse desenvolvimento teórico, delinea-se a noção de angústia automática, gerada involuntariamente nas situações traumáticas, nas quais o Eu, impotente diante do desamparo, nada pode fazer.

O nascimento é desprovido de conteúdo representacional. A dimensão do trauma/desamparo, em sua irrepresentabilidade, constituiu-se como modelo sobre o qual se

configuram as situações de perigo, *a posteriori*. Ela corresponde ao *algo anterior* a partir do qual o perigo adquire seu lastro. Quanto a isso, Freud propõe uma sequência remissiva, na qual um elemento aponta para o subseqüente, em uma linha vetorizada para o que é mais original: “angústia – perigo – desamparo (trauma)” (1926/2014, p. 116). Em seguida, ele esclarece: “a angústia é a original reação ao desamparo no trauma, que depois é reproduzida na situação de perigo como sinal para a ajuda” (FREUD, 1926/2014, p. 116). Assim, o trauma, a temida situação econômica, é o fundamento da situação de perigo. Em última instância, é o que se teme ante um perigo.

Nesse sentido, Freud identifica que a criança passa a conceber a mãe como um objeto protetor do desamparo, na medida em que ela satisfaz suas necessidades, evitando-se a elevação das magnitudes de estímulos, que levaria à situação traumática. Quanto a isso, destacamos uma importante passagem de *ISA*, na qual o autor assinala a passagem da *situação traumática/econômica* para a *situação de perigo*, viabilizada pela constituição de um objeto protetor do desamparo:

Tendo-se constatado que um objeto externo apreensível pela percepção pode pôr fim à situação perigosa que lembra o nascimento, o teor do perigo se desloca da *situação econômica* para sua condição, a perda do objeto. A falta da mãe torna-se o *perigo*; tão logo este surge, o bebê dá o sinal de angústia, ainda antes que se instale a temida situação econômica. (FREUD, 1926/2014, p. 79-80, grifos nossos).

Tão logo a ausência do objeto materno é constatada, o bebê emite o sinal de angústia na tentativa de evitar que a desordem econômica se instale. Essa sinalização, caracterizada por uma *reprodução deliberada* de angústia, é considerada por Freud como “um primeiro grande avanço no desvelo pela autoconservação” (1926/2014, p. 80). Perfilam-se, então, dois tipos de angústia. Uma, de caráter automático e involuntário, referente à situação de desordem econômica (trauma), e outra, emitida deliberadamente pelo Eu, como sinal salvador, alertando a instância prazer-desprazer para a iminente vigência da situação ameaçadora. Em ambos os casos, “a angústia revela-se produto do desamparo psíquico do bebê, que é contrapartida evidente de seu desamparo biológico” (FREUD, 1926/2014, p. 80).

Essas duas modalidades de angústia – automática e sinal – encontram ressonâncias com as proposições anteriores, presentes na *Conferência 25* (FREUD, 1916-1917b/2014), referentes aos aspectos de prontidão para o perigo e desenvolvimento da angústia (*angstentwicklung*). Este último nunca é adequado quando se está face a uma situação perigosa. O incremento de angústia pode paralisar o sujeito, inviabilizando as defesas contra o

perigo. Mais alinhado à autoconservação estaria a prontidão expectante, correspondente à angústia de prontidão (*angstbereitschaft*), que antecipa o perigo e mobiliza ações motoras que o evitem. Essa antecipação dar-se-ia justamente por meio de um sinal. A angústia-sinal relaciona-se, então, a essa prontidão, que procura evitar a temida situação de perturbação econômica, configurada pela angústia automática. Esta teria relação com o inadequado aspecto do desenvolvimento da angústia.

É possível verificar que, anteriormente a *ISA*, o pensamento freudiano já havia considerado a ideia de uma sinalização referente à angústia – afeto reduzido a “mero estágio inicial, a um sinal” (FREUD, 1916-1917b/2014, p. 522). Entretanto, o ensaio de 1926 é considerado como a definição última para o problema da angústia⁵, estabelecido por Freud (LOFFREDO, 2012; MEZAN, 2001).

Para compreendermos parte do caráter inovador da reformulação teórica da angústia proposta em *ISA*, é preciso considerar o contexto teórico freudiano no qual o ensaio foi elaborado. Segundo Rocha (2000), um ponto essencial do percurso teórico, a ser sublinhado, consiste nas inovações condizentes à segunda tópica, apresentadas em *O Eu e o Id* (FREUD, 1923b/2011). Anteriormente, no período condizente ao intervalo entre 1900 e 1920, o interesse de Freud convergia, sobretudo, para o estudo metapsicológico do inconsciente e do recalque, priorizando o polo do recalçado, ao abordar as questões referentes ao conflito psíquico. Paulatinamente, a noção de Eu foi adquirindo relevância, sendo tomado como objeto de estudo, sobretudo a partir da perspectiva aberta pela introdução do conceito de narcisismo (FREUD, 1914/2010). Freud empreende investigações sobre a instância egóica de maneira mais dedicada, culminado na publicação de 1923, que inaugura a segunda tópica. Nesse sentido, um dos motivos mais importantes, que justificou a reformulação da primeira tópica “foi precisamente esse estudo mais aprofundado do ego [Eu] e das instâncias ideias do ego [Eu]. *Por causa dele*, Freud também foi levado a reformular a tópica da angústia” (ROCHA, 1999, p. 99, grifos nossos).

Em *O Eu e o Id* (FREUD, 1923b/2011), o Eu já havia sido considerado como a sede da angústia. Justifica-se, pois a esta instância cabe sentir os afetos e julgar as situações. É uma instância organizada, o que não se pode dizer do Id. Freud, naquele momento, não atribui uma angústia referente ao Super-eu. Em relação ao Id, indica que ali ocorrem processos que

5 A despeito de, posteriormente, em 1933, Freud dedicar-se novamente ao tema, no contexto das *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise*, não se encontra lá novas considerações sobre a angústia. Trata-se de um texto complementar ao *ISA*, no qual Freud apresenta as teses elaboradas neste último de forma mais assertiva (CAMPOS, 2014).

motivam a angústia sentida pelo Eu, pois este julga os investimentos do Id como perigosos. Além disso, reconhece que no Id se produz a situação de desordem econômica equivalente ao trauma do nascimento, resultando no desenvolvimento automático da angústia, que desorganiza o Eu. Freud estabelece uma correlação entre os dois tipos de angústia com as duas espécies de afecções neuróticas. A angústia sinal estaria para as psiconeuroses, assim como a angústia automática estaria para as neuroses atuais.

A partir dessas indicações, é possível constatar que, embora a característica de sinal já havia sido atribuída à angústia, em *ISA* ela ganha destaque a partir de sua articulação ao Eu, considerando o papel que ele exerce no psiquismo. Ele se constitui como instância fronteira, responsável pela ordenação do psiquismo a partir da mediação exercida entre as exigências advindas do Id, do Super-eu e da realidade exterior. Anteriormente, concebia-se que a angústia sempre surgia por meio de um processo econômico, automaticamente⁶; agora, a angústia também é concebida como um sinal emitido pelo Eu, com a função de prevenir a instalação de uma situação traumática, conferindo ao psiquismo a independência em relação àquela coação econômica.

Em *ISA*, podemos identificar a passagem de um entendimento da angústia como descarga, referente a uma vivência essencialmente passiva, na qual o Eu está submetido ao trauma, para uma concepção do afeto na qual ele passa a adquirir uma função, tendo o Eu uma posição ativa, emitindo o sinal de angústia, que mobiliza as defesas. O Eu detém poder sobre o afeto, serve-se dele, reproduzindo-o ele mesmo como uma advertência ante um perigo. A função da angústia, como reação do Eu, implica em que o sinal seja reduzido ao mínimo possível, um afeto minorado. Freud recorre a analogia da vacina, que corresponde a uma forma atenuada da doença que incita o organismo a produzir defesas contra agentes patógenos. Somente em intensidade mínima a angústia poderia ser adequada, exercendo papel de sentinela. A função de sinal, estando intimamente ligada à situação de perigo, caracteriza-se pela expectativa: o perigo é alertado. Deste modo, ele é aguardado, esperado, viabilizando-se uma preparação para enfrentá-lo; evita-se a surpresa. O desenvolvimento do afeto, ao contrário, mostra-se inadequado, uma vez que ocasiona a desorganização egóica ou sua paralisia, inviabilizando as ações adequadas à situação. Assim, Freud estabelece a “importância biológica do afeto da angústia” (1926/2014, p. 110). Dado que em *ISA* as

6 Nesse sentido, cabe observar que tanto a concepção de uma angústia automática originária como de uma angústia neurótica, que é produto do retorno do reprimido, eram tomadas como parte de uma mesma categoria. Conferir nota anterior.

considerações acerca da função da angústia ganham preponderância, essa teoria é considerada como fortemente funcionalista (LAPLANCHE, 1987; FIGUEIREDO, 1999).

A partir da função indicativa da angústia, é preciso que nos atentemos para aquilo que ela sinaliza imediatamente: o perigo. Afinal, Freud especifica que “[...] se o afeto da angústia é capaz de obter posição excepcional na economia psíquica, isso está relacionado à essência do perigo” (1926/2014, p. 94). Podemos verificar que a convulsão econômica, típica do ato do nascimento, possibilitou a Freud destacar o núcleo do perigo: a dimensão do trauma/desamparo, desprovida de conteúdo psíquico (irrepresentável). A partir de Figueiredo (1999), apontamos para o caráter de posterioridade segundo o qual ocorre a articulação de um sentido, de uma experiência. A esse respeito, Laplanche admite níveis de elaboração do afeto, partindo do grau mais elementar, caracterizado pela angústia – “é o afeto menos elaborado e mais próximo da descarga energética pura” (1987, p. 32). A elaboração implica em trabalho de ligação, primeiramente com meras reações somáticas; posteriormente, com representações, ampliando os níveis de simbolização.

Esses aportes teóricos nos ajudam a compreender a noção de perigo concebida em *ISA*. Como foi apresentado, o deslocamento da situação traumática para a situação de perigo ocorre mediante a constituição de um objeto capaz de evitar o encontro com o desamparo: a mãe. Assim, a falta da mãe se torna perigosa, uma vez que o bebê estaria sujeito ao incremento de tensão, gerada pela insatisfação das necessidades, que seriam resolvidas pelos cuidados maternos. Entendemos que, em *ISA*, a noção de perigo requer uma inscrição psíquica, ou seja, uma experiência passível de ser registrada mnemonicamente. O apelo de sentido, próprio da dimensão irrepresentável do trauma/desamparo, posteriormente articula-se com a acepção da falta de objeto.

A imagem mnemônica da pessoa ansiada é intensamente investida, sem dúvida; no início de forma alucinatória, provavelmente. Mas isso não produz resultado, e então é como se o anseio se transmutasse em angústia. Tem-se mesmo a impressão de que essa angústia seria uma expressão de perplexidade, como se aquele ser ainda pouco desenvolvido não soubesse fazer nada melhor com esse investimento de anseio. A angústia aparece, então, como *reação à falta do objeto*. (FREUD, 1926/2014, p. 78, grifos nossos).

Portanto, a partir da busca por um fator histórico, Freud concebe a angústia segundo uma perspectiva distinta daquela fundamentalmente econômica, referente à dimensão traumática e caracterizada pela descarga automática e involuntária. Centrando-se nas atividades do Eu, a angústia constitui-se como um sinal de alerta para o perigo, exercendo

importante função para a autoconservação. A concepção de angústia-sinal implica em um afeto domesticado pelo Eu, na medida em que ele domina a angústia, serve-se dela segundo seus desígnios, como ordenador do psiquismo. Desta forma, a angústia é emitida deliberadamente pelo Eu, para fins defensivos.

A perspectiva histórica levou Freud a perscrutar um sentido para o perigo, que a angústia sinaliza. A noção de perigo, pressupondo memória, remete à *experiência da falta da mãe*, da possibilidade da *perda do objeto* de proteção contra o desamparo. A articulação de um campo semântico referente à perda/separação/falta constitui-se sobre um fundo vazio, irrepresentável, concernente ao trauma e ao desamparo. Nesse sentido, a angústia é o que protege da falta do objeto primário. Podemos, a partir da ideia de sinal de angústia, afirmar que a angústia ganha uma característica *positiva*, que protege da falta do objeto, esta entendida como *negativa*.

A sinalização e simbolização da angústia seguem uma série de qualificações ao longo do desenvolvimento, sendo que Freud insistirá na sua centralização em torno da problemática edípica e da angústia de castração, de forma que o perigo central do qual o neurótico se defende é o perigo da castração. É o que veremos no próximo tópico.

1.3 – Angústia de Castração

A argumentação presente em *ISA* aborda, essencialmente a questão da angústia. A partir das informações presentes nas notas de James Strachey, elaboradas para a versão inglesa do ensaio, constatamos que a publicação norte-americana de *ISA*, de 1936, recebeu o título de *The problem of anxiety* (STRACHEY, 1976), explicitando que, da tríade – inibição, sintoma e angústia – é em torno da última que gravita a maior parte das reflexões. Entretanto, Freud dedica-se, em alguns capítulos, a elaborar considerações acerca da formação de sintomas, para esclarecer as suas relações com a geração de angústia.

Ele propõe um pequeno estudo comparativo, a partir da revisão de dois de seus históricos clínicos: os casos do *Pequeno Hans* (FREUD, 1909/2015) e do *Homem dos Lobos*

(FREUD, 1918/2010). Refere-se a eles como ilustrações de fobia animal em crianças⁷. Seu intuito, em princípio, é investigar os meandros da formação dos sintomas.

O caso do pequeno Hans parte do estado subjetivo que esse menino de 5 anos idade passa a apresentar: um medo de cavalos. Na verdade, ele manifesta uma expectativa angustiada de ser mordido por um cavalo. A despeito de que a angústia apareça como uma das manifestações, ela não pode ser considerada um sintoma. Este é caracterizado por uma substituição, por um deslocamento. Logo, verifica-se a substituição do pai pelo cavalo. O menino apresentava disposições afetivas ambivalentes para com o pai, configurando-se um conflito, portanto. O sintoma, como formação de compromisso, viria como tentativa de resolver isso. A moção pulsional a ser recalcada é a hostilidade endereçada ao pai. A elucidação da formação do sintoma fóbico requer outra medida defensiva, além do recalque: a moção agressiva sofre regressão até o estágio oral, daí o elemento “morder”, presente no caso. Outra peculiaridade é a reversão da pulsão em seu contrário – a agressividade, originalmente remetida ao pai, passa a vir dele em relação ao menino. Lembrando da substituição já considerada – o deslocamento do pai para o cavalo – tem-se então, conscientemente, a ideia de Hans ser mordido por um cavalo, acompanhada de medo.

O caso do Homem dos Lobos surge no texto, entremeado ao do pequeno Hans. Freud inicia sua revisão a partir do elemento referente à oralidade, também presente nele. Esse paciente russo, que o procura para análise contando mais de 20 anos de idade, relata eventos de sua vida enquanto criança, momento em que apresentou uma fobia referente aos lobos. Ele apresentava medo de ser devorado por eles. Freud considera que a moção a ser recalcada, nesse caso, também corresponderia à hostilidade em relação ao pai. Entretanto, logo depois, sublinha como mais importante a postura passiva e terna diante dele. Nesse ponto, indica uma das coisas inesperadas que a revisão dos casos clínicos o faz observar. Na realidade, não se trata apenas de uma tendência pulsional, a hostil; a amorosa, que forma par com ela, também deve ser considerada. Assim, a corrente passiva, que já havia alcançado a organização fálica, relativa ao desejo de ser tomado como objeto de amor pelo pai, sofre uma degradação regressiva até o estágio oral, ocasionando a ideia de ser devorado. Observa-se que a tendência passiva permanece; porém, dada a regressão, o “ser amado” pelo pai, torna-se “ser devorado” por ele. Posto isso, sucede-se o recalque, resultando na substituição do pai pelo lobo.

⁷ Apesar disso, não se trata de casos com o mesmo diagnóstico. O historial do pequeno Hans tipifica uma histeria de angústia ou neurose fóbica; o caso do homem dos lobos é considerado atípico (CAMARGO; SANTOS, 2012).

A revisão desses casos de fobia em *ISA*, leva o autor a tematizar a problemática defensiva. Ele verifica que não se trata apenas de um recalque, mas de uma série deles. Além disso, é preciso considerar o papel da regressão sobre as moções pulsionais. Tais observações são dispostas juntamente àquelas que ele recolhe do estudo acerca das tendências gerais da formação de sintomas na neurose obsessiva. A configuração desta neurose implica outras técnicas defensivas, como o isolamento, a anulação do acontecido e as formações reativas no Eu. Ele chega à conclusão de que a defesa não se reduz ao recalque. Este, “constitui apenas um dos mecanismos de que a defesa se utiliza” (FREUD, 1926/2014, p. 50).

Voltando aos casos de zoofobia infantil, Freud ainda observa que quase todos os elementos afetivos que compõem o complexo de Édipo são atingidos pelo recalque. Além das correntes amorosa e hostil para com o pai, a disposição afetuosa dirigida à mãe também é suprimida, o que pode ser verificado com mais clareza no caso do pequeno Hans.

A constatação mais importante decorrente desse estudo comparativo corresponde a outro resultado inesperado ao qual Freud chega. Em ambos os casos, a angústia de castração constitui-se como o disparador do recalque. A ideia de “ser castrado pelo pai” seria o ponto sobre o qual o recalque incidiria. Eis o excerto no qual ele apresenta a ideia:

[...] nos dois casos, o móvel da repressão [recalque] é o medo da castração; os conteúdos do medo, ser mordido por um cavalo e ser devorado por um lobo, são substitutos distorcidos do conteúdo ‘ser castrado pelo pai’. Foi esse que sofreu verdadeiramente a repressão [recalque]. No russo ele era expressão de um desejo que não pôde subsistir em face da revolta da masculinidade; em Hans exprimia uma reação que transformou a agressividade em seu oposto. (FREUD, 1926/2014, p. 42-43).

A revisão dos casos clínicos parte das tendências pulsionais que expressam o desejo, compondo assim as inclinações edípicas. O desenvolvimento desses desejos encontra uma barreira, um limite, representado pela angústia ante a ameaça de castração, relacionada ao pai. Percebe-se que a angústia de castração é o ponto chave no deflagramento do recalque. Em consequência disso, surge uma outra parte dos achados surpreendentes, referente às relações entre recalque e angústia:

Mas o afeto da angústia, que constitui a essência da fobia, não vem do processo de repressão [recalque], não vem dos investimentos libidinais dos impulsos [moções] reprimidos, mas da instância repressora [recalcante] mesma; a angústia da fobia de animal é o medo da castração inalterado, ou seja, *um medo realista*, angústia ante um perigo propriamente ameaçador ou *considerado real*. Aqui é a angústia que gera a repressão [recalque], e não, como julguei anteriormente, a repressão [recalque] que gera a angústia. (FREUD, 1926/2014, p. 43, grifos nossos).

Tal conclusão é considerada inesperada, uma vez que leva ao questionamento da teoria da angústia que vigorava até então. Considerava-se que a angústia surgia como consequência do recalque, que ocasionava a separação da quantidade de libido ligada ao representante ideativo recalcado. A origem da angústia correspondia a uma transformação da libido desligada. Essa teoria foi gestada no período referente à primeira tópica, na qual não se contava com as distinções entre os processos do Id e os do Eu. Segundo a periodização da teoria freudiana da angústia proposta por Rocha (2000), trata-se das considerações elaboradas no período correspondente ao intervalo de 1900 – 1920. Ele é marcado pelo paradigma clínico das psiconeuroses e a teorização da angústia tem como referência a libido psíquica e o recalque, diferentemente do momento anterior, no qual a angústia era inscrita no corpo, tendo como referência a tensão sexual física acumulada. O ponto que Freud destaca aqui refere-se à produção da angústia em termos de sua relação com o recalque. Antes, a angústia era consequência dele; agora, a revisão dos casos clínicos o leva a conceber a angústia como anterior ao recalque. Em especial, a angústia de castração, que põe em marcha o processo defensivo. Temos, então, um marco teórico que o levou a propor um outro modelo de geração da angústia.

Isso se articula com a concepção de angústia-sinal, desenvolvida anteriormente. A angústia é emitida pelo Eu, a instância recalcante, sinalizando o perigo da castração. A partir daí, o recalque é acionado, com a consequente formação de sintomas, constituindo-se, assim, as neuroses.

Havíamos considerado que a noção de perigo se constitui *a posteriori*, sobre o pano de fundo do desamparo, a partir da inscrição de uma experiência de perda de objeto. Tendo-se o campo semântico da perda como referência para a constituição do perigo, Freud elenca as formas de angústia, de acordo com as ameaças referentes à ausência dos objetos concernentes a cada período da vida.

O perigo do desamparo psíquico se adéqua ao período de vida em que o Eu é imaturo, assim como o perigo da perda do objeto corresponde à dependência dos primeiros anos da infância, o perigo da castração, à fase fálica, a angústia ante o Super-eu, à época de latência. Mas todas essas situações de perigo e condições para a angústia podem subsistir uma ao lado da outra e induzir o Eu à reação de angústia também em épocas posteriores àquela adequada. É possível que também haja relações estreitas entre a situação de perigo que tem efeito e a forma da neurose subsequente. (FREUD, 1926/2014, p. 85).

Verifica-se que a noção de perigo se pluraliza, correspondendo aos objetos protetores do desamparo. Freud chega a levantar uma hipótese psicopatológica, indicando uma possível relação entre formas de neurose e situações de perigo. Essa passagem é interessante dado que a diversificação dos tipos de perigo poderia resultar em diferentes significações da angústia – angústia de castração, de separação, de aniquilamento. Campos (2014) denomina essa tematização como o *problema qualitativo envolvido na produção da angústia*, ou seja, como a angústia ganha diferentes qualidades a depender de sua dinâmica de produção. Disso decorre uma vertente que a considera sob várias formas e tipos, levando a uma ampliação de seu campo semântico e fenomênico, com o risco de vir a se tornar o sinônimo de afeto desprazeroso, já que passa a incluir aspectos como a dor psíquica, o luto, o medo, a vergonha, etc.⁸ O desenvolvimento de tal perspectiva implicaria a pergunta pelos tipos de fantasia aos quais a angústia está relacionada, ou seja, “a partir de qual configuração no esquema do desenvolvimento da libido se expressa a angústia” (CAMPOS, 2104, p. 228).

Ainda em relação à questão qualitativa da angústia, Freud chega a propor uma correspondência entre o tipo de perigo que condiciona a geração de angústia e as configurações psicopatológicas. Assim, a ameaça da perda do amor do objeto, ocasionando uma angústia de separação, seria consonante ao estabelecimento da histeria. A angústia moral, ligada ao temor ante o Super-eu, corresponderia à neurose obsessiva. E a angústia referente ao perigo da castração seria a condição atribuída à fobia. É possível supor que tal proposição relativiza a centralidade da angústia de castração na constituição das neuroses, indicando sua prevalência somente no que diz respeito às fobias. No entanto, observamos que Freud não dá seguimento à linha de argumentação que exploraria os diferentes tipos de objeto, cuja perda representa o perigo. Ele centraliza o valor da ameaça no que diz respeito à castração, de maneira que todos os outros perigos teriam seus sentidos remetidos à significação da castração. Para todas as neuroses, “a destruição do complexo de Édipo é o ponto de partida; em todas [...], supomos, o medo da castração é o motor da oposição do Eu” (1926/2014, p. 62). Mais adiante, de maneira mais assertiva: “não há o perigo de considerarmos o medo da castração o único motor dos processos defensivos que conduzem à neurose” (FREUD, 1926/2014, p. 86).

8 Encaminhamento este que será particularmente desenvolvido pela perspectiva das relações de objeto, e que pode adquirir designação sob a jocosa qualificação de *os sobrenomes da angústia*: angústia de castração, angústia esquizo-paranóide, angústia depressiva, etc. Veremos adiante que a orientação laciana seguirá um caminho diametralmente oposto quanto ao encaminhamento desse dilema, que é configurado em *ISA*.

É interessante notar que Freud concebe a angústia de castração como um *medo realista*, um perigo *considerado real*. Tal consideração envolve a distinção delineada entre angústia realista e angústia neurótica, que fora apresentada na *Conferência 25*, sendo retomada em *ISA*. A modalidade realista corresponderia a uma “reação à percepção de um perigo externo, ou seja, de um dano esperado, previsto; [...] é lícito considerá-la como manifestação do instinto [pulsão] de autoconservação” (FREUD, 1916-1917b/2014, p. 521). Já a angústia neurótica seria referente às exigências da libido; portanto, um perigo interno.

Lembramos que, em *ISA*, a concepção de angústia-sinal é indicada como uma conquista em prol da autoconservação, uma vez que se encontra fortemente relacionada à questão defensiva. Considerando-se a angústia de castração como o sinal que mobiliza o recalque, não é estranho tomar a ameaça de castração como algo real, e a angústia de castração como realista. Entretanto, ela poderia também ser considerada uma angústia neurótica, dado que o ponto de partida de todas as neuroses consiste na “necessidade de defender-se das exigências libidinais do complexo de Édipo” (FREUD, 1926/2014, p. 49). Entendemos que a angústia de castração fica, então, dividida no binômio realista-neurótica, levando a reboque o perigo de castração, inserido na polarização entre interno e externo⁹.

Em certo momento do ensaio, abordando as particularidades das fobias, Freud pontua o caráter de projeção atinente a elas

pelo fato de ela substituir um perigo interno, instintual [pulsional], por um externo, perceptivo. Isso tem a vantagem de o indivíduo poder proteger-se do perigo externo fugindo e evitando a percepção, ao passo que não há fuga ante o perigo interno. [...] A exigência instintual [pulsional] *não é um perigo em si, mas apenas por acarretar um real perigo externo*, a castração. (1926/2014, p. 65, grifos nossos).

Trata-se de uma asserção problemática, à primeira vista. Aparentemente, ela confere primazia a algo factual, fora do enquadramento típico da psicanálise, que privilegia a realidade psíquica, a fantasia. Laplanche chega a considerá-la como uma redução ameaçadora, um “verdadeiro achatamento do freudismo” (1987, p. 138). Em outro momento de *ISA*, considera-se que a ameaça de castração somente entraria em vigor caso houvesse uma disposição de certos sentimentos e propósitos cultivados interiormente. Estes seriam proscritos; a realização de tais tendências seria passível de punição. “Dessa maneira, esses

⁹ Esta ambiguidade se torna ainda mais evidente na medida em que a angústia de castração é internalizada no aparelho psíquico, posteriormente à dissolução do complexo de Édipo, na forma de angústia moral ou sentimento inconsciente de culpa, como angústia que se produz no Eu em relação ao Super-eu. Desse modo, é a ameaça real da castração que dá a qualidade da angústia internalizada como perigo interno.

impulsos instintuais [pulsionais] se tornam condições para o perigo externo e, assim, *perigosos eles mesmos*; e podemos então combater o perigo externo adotando medidas contra o perigo interno” (FREUD, 1926/2014, p. 89, grifos nossos). Identificamos, assim, certa vacilação quanto à localização do perigo, a partir das considerações tecidas acerca da ameaça de castração: ora o acento do perigo recai sobre o que é externo; ora, sobre o que é interno. Essa oscilação é acompanhada pelas medidas empregadas contra o perigo: a fuga, quando a ameaça advém desde o exterior; a luta defensiva, quando ela se origina de exigências pulsionais.

Hanns (1999) observa uma diferença de tendência em preconizar elementos internos e externos, no percurso freudiano:

[...] até aproximadamente 1924, a ênfase da teoria freudiana de *Angst* [angústia] recai sobre o mundo interno, isto é, sobre a matriz interna do medo atuante no processo primário, o qual acomete o sujeito sempre que aumenta a excitação pulsional. Os perigos externos são considerados por Freud, neste contexto, não como as causas principais do medo, mas como imagens convenientes das quais a psique se serve para representar o estado de perigo pulsional interno. [...]. A partir de 1924, o foco freudiano se inverte e se dirige às ameaças do mundo externo. Freud enfatiza que as pulsões são perigosas devido ao conhecimento consciente e cognitivo que o sujeito tem que as consequências que a realização desinibida da pulsão (desejos) no mundo externo provoca poderão ser desagradáveis. Portanto, pelo processo secundário, o eu cognitivamente reconhece e antecipa o perigo, retraindo as pulsões e represando libido, o que o leva, assim, ao impasse entre o desejo e o medo. Neste caso, o medo neurótico é a aplicação do modelo do trauma do nascimento às *consequências* perigosas que a satisfação da excitação de origem sexual traria (HANNS, 1999, p. 117).

Essas considerações nos permitem identificar que o ponto de virada da mudança de ênfase refere-se à segunda tópica – por volta de 1924. Como já indicamos, corroborado pelo excerto supracitado, as funções do Eu passam a adquirir maior relevância na teorização freudiana, e isso se reflete na noção de perigo.

Em *ISA*, chegando a seu final, Freud procura encaminhar o impasse entre o interno e externo recorrendo à dimensão negativa do trauma, o *núcleo do perigo*, àquilo que torna a perda do objeto essencialmente perigosa: “perigo externo e interno, perigo real e exigência instintual [pulsional] convergem na relação com a situação traumática, em que o indivíduo se encontra desamparado” (1926/2014, p. 118). Consideramos isso muito interessante. Apesar das significações conferidas ao perigo, capitaneadas pela primazia atribuída ao complexo de castração, a leitura freudiana tende a visar o aspecto vazio do trauma e do desamparo.

Ao abordar o perigo da castração, Freud procura considerar a essência traumática, na qual ele se assenta. O temido incremento de tensão, gerado pela necessidade, é identificado em relação à possibilidade da perda dos genitais. “Mas a necessidade de que se teme a intensificação é agora *especializada*, da libido genital, não é mais geral como no período da primeira infância” (1926/2014, p. 81, grifos nossos). Freud menciona e subscreve uma ideia de Sándor Ferenczi, segundo a qual “a alta apreciação narcísica do pênis pode alegar que a posse desse órgão envolve a garantia de uma reunificação com a mãe (a substituta da mãe) no ato do coito” (FREUD, 1926/2014, p. 81).

A ideia da ameaça de castração nos remete a outros trabalhos de Freud, nos quais a temática foi abordada. No próprio historial clínico do *Pequeno Hans* (FREUD, 1909/2015) e em *A Dissolução do complexo de Édipo* (FREUD, 1924/2011), encontramos uma especificação quanto a isso. A ameaça de cortar os genitais, quando proferida, geralmente causa pouco efeito no menino. Ele se mostra incrédulo e seguro quanto a posse do falo. Somente após constatar a diferença anatômica entre os sexos é que a ameaça produz impacto, configurando-se o complexo de castração.

A explicação que Hans recebeu pouco antes, de que as mulheres realmente não possuem faz-pipi, só pode ter tido o efeito de abalar sua autoconfiança e despertar seu complexo de castração. [...] É possível mesmo existirem seres vivos que não têm faz-pipi? Então já não é inacreditável que lhe tirem seu faz-pipi, que praticamente façam dele uma mulher! (FREUD, 1909/2015, p. 159).

A observação que finalmente desfaz a incredulidade do garoto é a do genital feminino. Em algum momento, o menino orgulhoso de possuir um pênis vê a região genital de uma menina e tem de se convencer da falta do pênis, num ser tão semelhante a ele. Com isso também a perda do próprio pênis se torna concebível, a ameaça de castração tem efeito a posteriori. (FREUD, 1924/2011, p. 207).

Em *ISA*, tal particularidade não é abordada. Consideramos relevante sua menção, uma vez que ela indica a ideia de uma concepção subjetiva da ameaça de castração. Esta constitui-se a partir de uma *percepção* feita pelo menino e da *fantasia* articulada por ele, referente à possibilidade de perder o genital¹⁰. A argumentação de *ISA*, por outro lado, incide sobre o papel do pai como exercendo uma barreira ao desejo edípico. Entendemos que o ensaio prioriza o limite com o qual o psiquismo se defronta e cuja ultrapassagem é assumida como arriscada.

10 Salientamos aqui a articulação entre uma percepção e uma fantasia na concepção do perigo de castração. Isso nos remete para a discussão já mencionada, que envolve a polarização interno-externo e a dicotomia entre angústia realista (que envolve um perigo externo, perceptivo) e angústia neurótica (que envolve um perigo interno, pulsional).

O perigo referente à perda do genital nos remete à distinção entre os sexos. A possibilidade ser privado do pênis, faria de Hans uma mulher e isso é angustiante para o menino. No caso do Homem dos Lobos, como indicado anteriormente, a revolta da masculinidade se impôs contra o desejo de ser tomado como objeto de amor pelo pai. Isso implicaria na transposição do campo referente aos seres detentores do falo para aquele onde se situam os seres castrados. A instituição de dois campos é decorrência lógica da constatação de que há alguns seres que não possuem o falo. É possível depreender disso uma organização de mundo em dois grupos: os fálcos e os castrados. O perigo atinente à ameaça consiste na perda do objeto que garantiria a permanência no grupo fálco, o que determinaria seu exílio para o campo da castração. A partir da argumentação de *ISA*, podemos inferir que o objeto fálco é considerado como protetor do desamparo, sendo este a condição destinada àqueles que são castrados. Ao menos, é possível considerar que tal é o conteúdo da fantasia referente ao complexo de castração. Os aportes teóricos freudianos referentes ao Édipo nos possibilita tal leitura de *ISA*, quando nele é destacada o papel da angustia de castração como elemento constituinte das neuroses. Deriva-se disso o quão importante é o campo da distinção sexual na estruturação da subjetividade.

O complexo de Édipo havia sido discutido no trabalho que abordava sua desintegração, em 1924, indicando seus aspectos ontogenéticos e filogenéticos. Deparando-se com as frustrações derivadas da irrealização de seus anseios edípicos, o pequeno enamorado é levado a abandonar sua desesperançada afeição. “Assim, o complexo de Édipo desapareceria devido ao seu fracasso, em consequência de sua *impossibilidade interna*” (FREUD, 1924/2011, p. 204). Sob outra perspectiva, o declínio do Édipo seria um fenômeno estabelecido e programado pela hereditariedade, previsto no quadro do desenvolvimento tal como a queda dos dentes de leite. Na *Conferência 23*, Freud (1916-1917a/2014) abordou a existência de fantasias prototípicas, permitindo considerar a ameaça de castração como um elemento filogenético. Em *ISA*, ele menciona a existência de afetos que seriam reprodução de antigas experiências, “eventualmente pré-individuais” (FREUD, 1926/2014, p. 73). Porém, a angústia de castração é focada no elemento de ameaça paterna, identificado a partir da revisão dos históricos clínicos de casos com sintomas de zoofobia. O autor refere-se ao temor pelo castigo infligido pelo pai, rival do menino no tocante à mãe, fazendo menção aos aspectos filogenéticos; porém, sem os desenvolver. Ao tomar consciência em relação às suas inclinações agressivas e intenções sexuais, o menino percebe que é razoável temer a ameaça

paterna. “O medo de ser castigado por ele [o pai] pode, *reforçado filogeneticamente*, manifestar-se como medo [angústia] de castração” (FREUD, 1926/2014, p. 91, grifos nossos).

A partir da revisão de sua casuística clínica, Freud identifica o perigo ante o qual a angústia do Eu, emitida como sinal, põe em marcha o processo defensivo que constitui o campo das neuroses. O sentido desse perigo refere-se à castração. É sob sua primazia que se dá a estruturação subjetiva: todos os outros perigos, fundamentalmente, remontam para a ameaça de castração. As considerações acerca dessa ameaça levaram a uma hesitação quanto a localização do perigo, em termos da polarização interno-externo. O perigo da castração, em *ISA*, refere estreita relação com o papel do pai enquanto aquele que exerce um limite para o desenvolvimento das tendências edípicas.

O percurso até aqui empreendido nos mostra como os mecanismos de produção de angústia e sua origem são marcados por ambiguidades. Destas, a metapsicologia freudiana realiza uma inflexão para uma vertente realista e funcionalista, desenvolvendo um modelo da dinâmica da angústia assentado em uma referência a um perigo real e externo, que se materializa de forma paradigmática no complexo de castração. Este encaminhamento insiste na centralidade dessa qualificação fálica e edípica da angústia, configurando-a em torno de um objeto específico que a circunscreve de forma estruturante na personalidade do indivíduo. Contudo, segundo a inteligibilidade freudiana, uma característica fundamental da angústia é sua indeterminação quanto ao objeto. Portanto, a caracterização do objeto da angústia é o que será abordado na sequência.

1.4 – Objeto da Angústia

A concepção de angústia apresentada em *ISA* considera a inexistência de objeto relativo a esse afeto. “Nela há uma característica de indeterminação e ausência de objeto” (FREUD, 1926/2014, p. 114). Quando a reação de angústia encontra um objeto referente, o afeto adquire outra qualidade, sendo designado por medo ou temor (*furcht*, em alemão).

Novamente, a discussão se envereda pela senda correspondente à dualidade entre angústia realista e angústia neurótica. A modalidade realista referindo-se a um perigo conhecido, a partir de um objeto externo; a neurótica, relativa a um perigo pulsional, portanto, inconsciente. Tal maneira de entender o fenômeno apresenta-se problemática, uma vez que

são observadas situações nas quais a reação afetiva ante um perigo identificável mostra-se maior do que o necessário para sua sinalização. Nesses casos, tem-se um perigo real e conhecido, combinado a um excesso de angústia. Entende-se que ocorre uma ligação do perigo real a um perigo pulsional, de maneira que angústia realista e angústia neurótica aparecem, então, mescladas.

Além disso, coloca-se como relevante um dos elementos referentes à concepção da angústia de castração. Como vimos, ela apresenta-se como algo realista; seu perigo é considerado real. No *Adendo B* de *ISA*, ao comentar sobre a ameaça advinda das pulsões, Freud escreve:

Na medida em que essa exigência instintual [pulsional] é uma *coisa real*, pode-se também admitir um *fundamento real* para a angústia neurótica. [...] se parece haver uma relação muito íntima entre angústia e neurose, é porque o Eu se defende tanto de um perigo instintual [pulsional] como de um perigo real externo com a reação de angústia [...]. (1926/2014, p. 117, grifos nossos).

Assim, a distinção entre angústia realista e angústia neurótica torna-se vaga, a partir do reconhecimento do *fundamento real* do perigo atinente às exigências pulsionais. Nesse ponto, é preciso lembrar que o aumento da tensão gerada pela insatisfação das demandas da pulsão corresponde à dimensão traumática do desamparo, puramente energética. Como vimos, constitui-se como o núcleo da situação de perigo, vazio de sentido, irrepresentável.

Freud atribui outra característica à angústia, além da ausência de objeto. Ele sublinha o traço de expectativa, de espera, no qual é possível preparar-se para o perigo. Isso se alinha às funções do Eu, visando a autopreservação, e estabelece relação com a situação perigosa, que possui sentido articulado. Como vimos, isso está ligado à dimensão semiotizada da angústia, a sua função de sinal. Segundo Freud, a angústia tem uma “relação com a *expectativa*: é angústia *diante de algo*” (1926/2014, p. 114). Surge a pergunta que visa cernir o que constitui esse algo (*etwas*, em alemão), diante do qual a reação de angústia é emitida. As considerações etimológicas acerca da angústia, encontradas em Hanns (1996), nos indicam que ela designa um afeto altamente reativo, ante uma ameaça muito próxima. Dessa forma, o que seria esse *algo*, ameaça que se mostra imediata, em relação a qual a angústia surge como reação?

A característica de expectativa está intimamente relacionada à situação perigosa. Esta, por sua vez, constitui-se no âmbito semântico da perda de um objeto protetor. Como foi abordado no tópico em que foi apresentada a noção de perigo, o deslocamento da situação

traumática para a situação de perigo, ocorre mediante a constituição de um objeto capaz de livrar o sujeito do desamparo.

Em geral, espera-se que as situações de perigo configuradas ao longo da infância sejam abandonadas com o avanço do desenvolvimento. Entretanto, Freud observa que algumas dessas situações sobrevivem ao longo do tempo, podendo demonstrar modificações em sua apresentação, mas mantendo-se como genuínas condições para a angústia¹¹. Ele nos indica que é preciso “avançarmos mais se não nos contentarmos em fazer a angústia remontar ao perigo” (FREUD, 1926/2014, p. 115). Se avançamos mais, para além do perigo, encontramos seu núcleo, a situação traumática do desamparo. De fato, Freud chega a concluir que

Por fim, [...] o fato de ser adulto não oferece proteção suficiente contra o retorno da traumática situação angustiosa original. Deve haver, para cada indivíduo, um *limite* além do qual seu aparelho psíquico fracassa em lidar com as quantidades de excitação que requerem aviamento. (1926/2014, p. 93, grifo nosso).

A possibilidade da instauração de situação traumática está sempre presente. Quanto a isso, Pereira (1999) salienta a importância em desacidentalizar o desamparo, concebendo-o como um horizonte da existência humana. Uma condição, portanto, que não se reduz aos primeiros tempos da vida, o que corresponderia apenas ao desamparo biológico. Tal horizonte, intrínseco ao sujeito, remete aos “limites da capacidade metafórica da linguagem” (PEREIRA, 1999, p. 87). No excerto supracitado de *ISA*, Freud menciona um *limite*, além do qual o aparelho psíquico é incapaz de aviar as excitações pulsionais. Embora expresso segundo uma perspectiva energética, e não linguística, Freud deixa claro a verificação de um limite.

Esse percurso nos permite observar o quão precária é a proteção do objeto suposto salvador da condição do desamparo. Ele é constituído a partir do objeto materno, supridor das necessidades. Freud reconhece essa precariedade ao fazer objeções ao excesso de zelo no cuidado com as crianças:

Mimar excessivamente uma criança traz a consequência indesejável de que o perigo de perder o objeto — *o objeto sendo proteção contra todas as situações de desamparo* — é bastante aumentado em relação a todos os demais perigos. Mimar em demasia favorece a permanência na infância, idade caracterizada pelo desamparo motor e psíquico. (1926/2014, p. 117, grifos nossos).

¹¹ Por exemplo, o perigo de castração pode apresentar-se, na idade adulta, como receio de contrair uma doença venérea.

Ao tentarmos encaminhar um discernimento quanto ao *algo* (*etwas*) na presença do qual a angústia surge, somos remetidos à ausência e indeterminação do objeto. Freud relaciona esta característica da angústia à situação traumática, esvaziada de sentido, definida como pura quantidade. Segundo a perspectiva freudiana, esse algo irrepresentável não poderia ser concebido, a rigor, como um objeto. Segundo Coelho Junior (2001), a noção de objeto na psicanálise freudiana implica em uma representação psíquica, que por sua vez é constituída a partir de um objeto empírico. Desta forma, aquilo que deflagra a angústia, que incita a reação desse afeto, em última instância, refere-se à dimensão irrepresentável do trauma, atinente à condição de desamparo. Trata-se de *algo* que extrapola os limites que concernem à possibilidade de designarmos um objeto, segundo a inteligibilidade freudiana.

Entretanto, é preciso lembrarmos que a angústia se aplaca por meio dos objetos que o psiquismo vai configurando, no processo de construção de suas fantasias. A partir disso, duas condições se destacam: por um lado o prototípico objeto primário materno, que subsiste em uma fantasia retroativa, e, por outro, o objeto paterno, que configura uma figura de injunção da lei e, portanto, um sinalizador do perigo e ameaça de castração. Assim, pelo menos dois objetos organizam e estruturam a fantasia que subsiste e dinamiza a formação e expressão da angústia no modelo metapsicológico freudiano. A questão é que o objeto, nesses casos, não é tanto um objeto *da* angústia, com o genitivo subjetivo – um objeto pertencente à angústia – mas um objeto da fantasia construída, ao qual a angústia se refere. De qualquer forma, essa fantasia vem emprestar sua qualidade à forma de sinalização defensiva e, portanto, à qualidade da angústia que se expressa. Desse modo, a questão do objeto da angústia não se resolve de forma simples na metapsicologia freudiana, é preciso descrevê-la em seus diferentes momentos de produção.

Embora Freud não tenha desenvolvido um esquema geral de desenvolvimento do psiquismo, articulado aos modos de produção da angústia, como apontamos acima, é possível afirmar, com certa segurança, dois pontos fundamentais. O primeiro, já indicado, refere-se à condição de desamparo da angústia originária como uma *negatividade* fundamental e, portanto, uma angústia que não tem objeto, apelando por sentido, ou seja, demandando ligação e elaboração simbólica em representação. O segundo ponto, que vem se configurar mais claramente com a articulação entre sinalização e castração na produção da angústia, vem mostrar que a *falta*, ou a *ameaça da perda*, aparece como uma injunção e limite ao desejo. Implica, primeiramente, na constituição de um objeto protetor do desamparo e na

possibilidade de perdê-lo, correspondendo a articulação de um campo semântico referente à perda/separação/falta, que designa o perigo, elaborado sobre a dimensão negativa do trauma/desamparo. Dessa forma, a angústia atinente à fantasia de castração comparece como uma *positividade*, dado que protege contra a falta do objeto primário. Tal perspectiva se afirma com a constituição de um objeto ameaçador, cuja incidência aponta para a perda da proteção, da qual o Eu se defende, a partir da sinalização. Portanto, a partir de uma angústia que é pura negatividade, vêm se configurar várias modalidades de angústia com objetos específicos, constituídos ao longo do desenvolvimento, tendo a mãe como objeto primário e o pai como objeto final. Nesse sentido, o pai é um objeto que implica sinalização do perigo de castração. Esse objeto é o que configura a estrutura da produção da angústia nas neuroses e na resolução padrão do Complexo de Édipo.

Embora essas indicações não sejam exaustivas e sem ambiguidades, é possível afirmar que esses dois polos – negatividade da angústia originária e positividade da castração produzindo sentimento de culpa – constituem-se como o eixo central da tentativa de síntese empreendida por Freud. Isso vem centralizar a compreensão do desenvolvimento da personalidade na problemática edípica, o que permite afirmar que a metapsicologia freudiana acaba se enraizando na matriz clínica da neurose (MEZAN, 2014). Contudo, além de uma restrição referente à abrangência clínica, esse esquema parcial também apresenta outros problemas, que são da ordem de sua fundamentação epistemológica, tais como o lugar da realidade e da referência ao objeto e, principalmente, da relação que pode se produzir entre os registros do interno e do externo ao psiquismo. Essas questões remetem, como também já pudemos apontar, ao estatuto da representação mental como correspondência a um referente externo (CAMPOS, 2014; LOFFREDO, 1999).

Veremos no próximo capítulo como essas limitações e ambiguidades circunscritas pela obra freudiana, de forma paradigmática em *ISA*, estofo de um legado teórico-clínico para a posteridade, são retomadas e ressignificadas por Lacan no *S10*.

CAPÍTULO 2 – O SEMINÁRIO 10: A ANGÚSTIA

Segundo Roudinesco (2008), em seu estudo historiográfico sobre a vida de Lacan, o contexto psicanalítico francês referente aos anos de 1962 e 1963, período no qual foi ministrado o *S10*, ofereceu um tenso cenário. Lacan e seus colegas, agremiados na SFP¹², foram submetidos a uma comissão de inquérito, promovida por um comitê integrado por membros da IPA¹³. O objetivo da comissão era verificar se as recomendações técnicas, expedidas pela IPA em seus relatórios, estavam sendo observadas, visando uma prática analítica estandardizada. O foco parecia ser a prática clínica de Lacan, dadas suas inovações e propostas pouco ortodoxas em um contexto psicanalítico avesso ao que não era protocolar. O processo findou em 1963, com a exclusão definitiva de Lacan da IPA. Isso implicava no impedimento em receber novos candidatos para formação psicanalítica, além de suas atividades de ensino. As aulas que compõem o *S10* foram as últimas realizadas no *Hospital Sainte-Anne*, local onde ocorriam os seminários desde 1953. A convite de Louis Althusser, Lacan passou a ministrar seus seminários na *École Normale Supérieure*. O contexto no qual o *S10* ocorreu, portanto, correspondeu à proximidade de uma quebra institucional, uma cisão, marcada pela interrupção do seminário subsequente ao *S10*, *Les noms du père*. A despeito do ponto de virada teórico no ensino lacaniano ter como baliza o que viria a ser abordado no seminário interrompido, é possível considerar que, no *S10*, algumas modificações importantes na teoria já estavam sendo urdidas. O percurso do *S10* nos conduz, por meio da via da angústia, à formalização do objeto *a*. Este consiste em uma invenção teórica propriamente lacaniana, que terá importante papel no campo do gozo. Trata-se de um momento teórico limite, prestes a realizar uma virada para um período no qual Lacan envidará esforços para a elaboração de sua própria doutrina.

O último ano do ensino de Lacan no Hospital Sainte-Anne foi também o da afirmação de sua *teoria do objeto da psicanálise*, ao se apoiar tanto nos dados da experiência quanto na leitura crítica dos escritos psicanalíticos maiores, os de Freud, mas também os dos pioneiros e dos autores contemporâneos. Seus seminários seguintes [...] serão sobretudo dedicados *aos prolongamentos de sua própria doutrina* e às questões que ela engendra [...] Uma nova etapa começará. (SAFOUAN, 2006, p. 193-194, grifos nossos).

12 *Société Française de Psychanalyse*.

13 *International Psychoanalytic Association*.

A questão referente ao objeto nos leva a um ponto do ensino de Lacan no qual essa temática foi abordada detidamente: o *Seminário 4*, sobre a *relação de objeto* (LACAN, 1956-1957/1995). Neste período, no qual foi discutido o caso pequeno Hans de maneira detalhada, a angústia de castração estava no centro das elaborações teóricas, marcada fortemente pelo romance edipiano. Os encaminhamentos são delineados seguindo as indicações freudianas, a partir da leitura estruturalista: as questões são apresentadas tendo como referência o significante, o Édipo e a castração. A angústia é abordada como algo sem objeto. Justamente, o *S10* foi construído visando a sustentação da tese segundo a qual a angústia “*não é sem objeto*” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 101). Miller faz o contraponto entre esses dois momentos do ensino lacaniano, referindo-se ao *S10* como “o negativo do Seminário *A relação de objeto*” (2005, p. 17). Nesse sentido, o *S10* é marcado pela relativização do Complexo de Édipo e pela conceituação da angústia de castração fora do enquadre edípico, privilegiando aspectos anatômicos e biológicos do órgão masculino, sem recorrer à dramaturgia edipiana, marcada pela lei e pela ameaça de castração.

Diante desses apontamentos gerais, cabe aqui um breve esclarecimento a respeito de algo já indicado aqui: o campo do gozo. No *S10*, o gozo é concebido “como profundamente independente da articulação do desejo” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 201). Anteriormente, a concepção de gozo encontrava-se confundida com a trama significante, inviabilizando-se destacar nela a dimensão do real. O ponto referente ao gozo deve ser situado de maneira mítica, anterior à constituição subjetiva. No *S10*, o autor faz menção ao *seminário 7*, sobre *A ética da psicanálise*. Nele, a ideia de gozo corresponde a “satisfação de uma pulsão” (LACAN, 1959-1960/2008 p. 251), diferentemente do desejo, que pode ser realizado; porém, não satisfeito. Entretanto, isso implica em uma elaboração complexa – a noção de satisfação pulsional não é redutível à dimensão econômica, em seu sentido energético. Ela envolve uma dimensão histórica, atinente aos primeiros contatos com o Outro. “O que pertence ao gozo não é de modo algum redutível a um naturalismo, trata-se, ao contrário, do ponto em que o vivo pactua com a linguagem” (VILTARD, 1996, p. 221). Refere-se, portanto, àquilo que é perdido ao aceder a ordem da linguagem. Para isso, paga-se um tributo, algo que é da ordem do corpo. No *Seminário 7*, encontramos: “Sublimem tudo o que quiserem, é preciso pagar com alguma coisa. Essa alguma coisa se chama gozo. Essa operação mística, pago-a com uma libra de carne¹⁴” (1959-1960/2008, p. 376). Isso nos leva à ideia de que o gozo corresponde a

14 Referência à peça *O Mercador de Veneza*, de Shakespeare, na qual Shylock, um agiota judeu, cobra do mercador cristão Antônio uma libra de carne, um pedaço de seu corpo, como pagamento da dívida contraída

algo que é renunciado, obedecendo ao limite dado pela lei referente ao Édipo, que institui o simbólico e o desejo, de maneira que a busca pelo gozo visa aquilo que ultrapassa as divisas da renúncia pulsional (MILLER, 1997). No *S10*, Lacan parece vetorizar seu interesse para essa ordem mítica, que é logicamente anterior ao campo do desejo, ou seja, que está fora do enquadramento simbólico, delimitado pelo Outro e pela referência à lei. Tal tempo corresponde a um registro de corpo anterior àquele configurado segundo a experiência do espelho, que proporciona a forma corporal unificada (LACAN, 1949/1998). Entendemos que essa ordem refere-se ao gozo, que é correlativo ao registro do real. A angústia, como veremos, apresenta íntima relação com essa dimensão.

A escolha pela via da angústia, como caminho no qual as considerações sobre o objeto *a* são elaboradas, no *S10*, pode ser entendida pelo fato dela indicar o nível menos elaborado do afeto, como vimos anteriormente. Lacan a qualifica como “*aquilo que não engana*” (1962-1963/2005, p. 88). Isso nos remete àquilo que é passível de equívoco. No *S10*, Lacan nos indica que a inscrição na ordem significante faculta ao sujeito falante a possibilidade de criar rastros falsos, de mentir, de enganar. A abordagem pelo significante, portanto, nos apresenta alguns limites.

A angústia, nesse seminário, é uma abordagem que visa outra coisa. [...] A angústia é uma via que visa o real, utilizando para isso outra coisa que não o significante. Abordar o real pelo significante é o que tinha sido justamente, até então, a via de Lacan. [...] esta foi uma via unilateral que teve por resultado [...] uma significantização generalizada da experiência analítica e dos conceitos inventados para dar conta dela. (MILLER, 2005, p. 23).

Tomemos a parte final desse excerto: fala-se da invenção de conceitos. Justamente, a angústia viabiliza, no *S10*, a elaboração de um conceito que aponta para o registro do real, indicando nele uma nova estrutura da falta, não redutível ao significante. Circunstanciando o *S10* no conjunto do ensino lacaniano é possível considerá-lo como a “passagem de um sistema conceitual a outro” (MILLER, 2005, p. 34) ou a “uma mudança de coordenadas” (Miller, 2005, p. 35).

Quanto à abordagem que Lacan concede à temática da angústia, no *S10*, cabe indicar que suas proposições não se revestem em pretensões sistemáticas, tal como observamos em *ISA* – as diligências de Freud, ao escrever seu ensaio, tencionavam a resolução do enigma da angústia. O estilo de Lacan coaduna-se a uma abordagem por múltiplas perspectivas, que não pretende circunscrever a angústia de maneira fechada. Pelo contrário, cria uma série de

(SHAKESPEARE, 1596?/2007).

atravessamentos, aberturas e encadeamentos significantes, condizente com sua concepção de estrutura simbólica constituída a partir de oposições diferenciais, além de zelar pela falta, conservando a questão da inefabilidade da verdade (IANNINI, 2012).

Tal tratamento da questão, não alinhado à sistematização conceitual, aponta para uma importante particularidade da visada proposta pelo *S10*:

Não lhes desenvolvo uma *psico-logia*, um discurso sobre a realidade irreal a que chamamos psique, mas sobre uma práxis que merece um nome: *erotologia*. Trata-se do desejo. E o afeto através do qual somos solicitados, talvez, a fazer surgir tudo o que esse discurso comporta como consequência para a teoria dos afetos, consequência não geral, mas universal, é a angústia. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 24).

A partir da citação, é possível observarmos que a angústia é elevada a um lugar elementar, derivando-se a partir dela o discurso acerca dos demais afetos. Porém, a tentativa de compilação de um tratado dos afetos, no qual a angústia estaria inserida, refere-se a uma empreitada própria à psicologia. Lacan propõe uma erotologia, na qual o desejo ganha preponderância.

Se desconhecemos que, em nossa técnica, trata-se de um manejo, de uma interferência, ou até, em última instância, de uma *retificação do desejo*, mas que deixa inteiramente em aberto e em suspenso a ideia do desejo e exige seu perpétuo questionamento, só poderemos perder-nos na rede infinita do significante, ou então recair nos caminhos mais corriqueiros da psicologia tradicional. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 271, grifos nossos).

Segundo Allouch, retificar o desejo consiste em “dar-lhe um lugar, um certo lugar passível de lhe dar também forma, tal como a jarra para o vinho” (2010, p. 16). Tal é a ambição de toda erotologia. O mesmo autor ainda nos diz que “não se vê como uma erotologia poderia ser dita e, pois, eros ser convocado de uma maneira ‘acéfala’, sem a *presença do corpo*” (ALLOUCH, 2010, p. 11, grifos nossos). A erotologia implica uma abordagem do corpo; porém, entendemos que, nesse caso, seja necessário sublinhar o que da corporeidade extrapola o registro simbólico-imaginário, o que nos remete para o campo do gozo, mencionado acima. No *Seminário 7*, Lacan diz: “Temos que explorar o que o ser humano, ao longo dos tempos, foi capaz de elaborar que transgredisse essa Lei, colocando-o numa relação com o desejo que ultrapassasse esse vínculo de interdição, e introduzisse, por cima da moral, uma *erótica*” (1959-1960/2008, p. 104, grifo nosso). Desta forma, a erotologia abarca essa ultrapassagem da dimensão da renúncia pulsional, instituída pela lei. Vemos que o *S10* envolve uma perspectiva que visa algo para além do registro edípico, dentro de cujas

fronteiras as ideias sobre a angústia foram formuladas em *ISA*, como pudemos demonstrar no capítulo precedente.

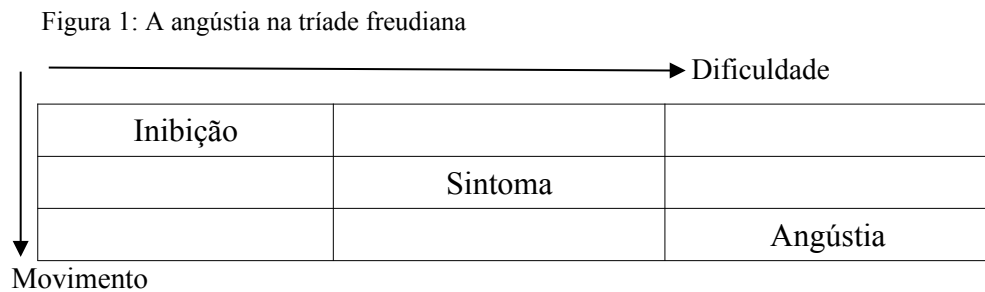
No presente capítulo, será apresentada nossa leitura do *S10* no que diz respeito à angústia, a partir dos recortes referentes às categorias conceituais que emergem de *ISA*. Antes de nos determos propriamente em tais pontos, julgamos como necessária a exposição de algumas noções, que fornecem base teórica para o desenvolvimento das ideias sobre a angústia. Assim, abordaremos a angústia entre os significantes; as estruturas da razão analítica; a articulação entre o simbólico e o imaginário; a leitura do *Unheimliche* e as noções referentes à fantasia e ao desejo do Outro.

2.1 – A angústia na rede dos significantes

Em *S10*, Lacan faz referência ao texto de Freud, *ISA*, tomando-o como o slogan que aparece à memória do psicanalista quando se trata do tema da angústia. Sob esse título, encontra-se “a última expressão do que Freud articulou sobre o tema da angústia” (1962-1963/2005, p. 17). Ele opta por não entrar no texto freudiano, em um primeiro momento, mantendo-se tão somente nas palavras que compõe seu título. Segundo avalia, “não há assunto em que a rede do discurso freudiano mais se aproxime de nos dar uma falsa segurança” (1962-1963/2005, p.18). Uma rede conceitual e teórica, ao tratar da angústia, só faria sentido pelos vazios delimitados pela trama dos seus fios; a angústia refere-se ao vazio, ao que não tem nome. A clínica nos faculta a constatação de que a angústia, embora relacionada com a linguagem, é um afeto para o qual não existe rede de proteção linguageira. A poeta Ana Cristina César escreveu: “angústia é fala entupida” (2013, p. 244). Algo inviabiliza a colocação daquilo que é da ordem na angústia sobre o trilho das palavras. O próprio Lacan chega a questionar: “Será que [...] não se pode falar dela?” (1962-1963/2005, p. 18). A pontuação acerca do discurso freudiano justifica-se, pois este tenta traçar uma rede para algo que não se deixa captar inteiramente pelo significante. A angústia, enquanto conceito, sempre escapa; quanto a ela “não existe rede” (1962-1963/2005, p. 18).

Ele elabora um esquema, partindo da tríade que compõem o título do ensaio freudiano: a *inibição*, o *sintoma* e a *angústia*. Inicia-se aqui a interlocução com o *ISA*, destacando as palavras de seu título, procurando localizar a angústia a partir de suas relações com outros

elementos da malha significante. Os três termos não estão no mesmo nível, possuem estruturas diferentes entre si; por isso, no esquema, ele os dispõe na diagonal, cada um em uma linha:



Partindo da inibição, indica duas coordenadas, dois eixos dispostos tais como um plano cartesiano: a abscissa, correspondendo à dificuldade e a ordenada, à dimensão do movimento. Dessa forma, no ponto da inibição temos o mínimo de dificuldade e movimento, enquanto que, no nível da angústia, encontramos o ponto máximo nas duas dimensões.

O movimento não se restringe à ideia de locomoção, abrangendo o espectro do funcionamento. “Existe movimento, pelo menos metaforicamente, em toda função, mesmo que não seja locomotora” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 18). Seu eixo, o vertical, iniciando-se no ponto zero da inibição, avança em intensidade para os níveis da emoção e da efusão (ou perturbação). A emoção é definida como “movimento que desagrega” e como “reação catastrófica” (p.20). Lacan pontua que muitos tendem a identificar a angústia com tal reação, caracterizando-a como uma emoção. Embora esteja relacionada com a angústia, ela ainda está distante de seu ponto. Um incremento de movimento nos leva ao nível da efusão, situada no mesmo patamar da angústia. O sentido aqui é da perturbação e da queda de potência. “[...] o perturbar-se mais profundo na dimensão do movimento” (1962-1963/2005, p. 22). Combina-se o máximo do movimento com o mínimo de dificuldade.

A dificuldade diz respeito ao avanço do sujeito em direção ao gozo, ou seja, “para o que lhe está mais distante” (LACAN, 1962-1963/2005, p.19). Quanto mais próximo do gozo, maior a dificuldade subjetiva. Em seu eixo, tem-se o nível do impedimento preenchendo a casa imediatamente sucessiva à inibição, indicando aqui um incremento de dificuldade subjetiva. Interessante verificar que o impedimento está na mesma coluna do sintoma. “Estar impedido é um sintoma. Ser inibido é um sintoma posto no museu” (p. 19). Embora o autor não desenvolva essa proposição, podemos inferir que o aumento de dificuldade impele o

sujeito a expressar-se de alguma forma, evidenciando a inibição. Quanto a algo posto em um museu, só é possível contemplar, estando vetado o manejo – tal é a situação referente à inibição: estamos no “nível zero”, indicando o mínimo de implicação subjetiva. No impedimento, o sujeito encontra-se impedido, apanhado na armadilha da captura narcísica. Esta introduz um limite quanto ao que é possível investir no objeto, dado que o falo mantém-se auto-eroticamente investido. Dessa forma, ao avançar em direção ao gozo, o sujeito encontra-se impedido ao deixar-se apanhar pela própria imagem especular. Ele se depara com o que Lacan designa por “fratura íntima”: o limite da imagem. “O sujeito no impedimento não se permite ir mais adiante nessa via uma vez que está [...] respondendo no imaginário. Essa é a armadilha da qual fala Lacan: o imaginário é insuficiente para responder à questão do sujeito” (CALAZANS, 2015, p. 130). Chega-se à posição do esquema na qual conjugam-se o máximo de dificuldade e o mínimo de movimento: o embaraço. Lacan a qualifica como uma “forma leve de angústia” (1962-1963/2005, p. 20), talvez por localizar-se na mesma coluna desta; porém, ainda guardando certa distância. Ele a relaciona com a barra que reveste o sujeito ($\$$: S barrado¹⁵). “Quando vocês já não sabem o que fazer de si mesmos, procuram alguma coisa em que se escorar. É justamente da experiência da barra que se trata” (1962-1963/2005, p. 19-20). A barra, aqui, faz referência a alguma coisa da qual o sujeito lança mão para se apoiar, escorando-se nessa barra, ao encontrar-se em um grau máximo de dificuldade subjetiva. Lembremos que o eixo da dificuldade é a via em que se avança em direção ao gozo. O sujeito encontra-se separado de seu gozo, barrado.

Figura 2: A angústia na rede significante

	→ Dificuldade		
	Inibição	Impedimento	Embaraço
	Emoção	Sintoma	X
↓ Movimento	Efusão/ Perturbação	X	Angústia

Fonte: LACAN (1962-1963/2005, p. 22)

15 Trata-se do sujeito falante, marcado pela linguagem, subvertido pela lei do significante, no qual verifica-se a incidência da castração. “No nível da castração, temos um sujeito [...] sob a forma em que, desde então, aprendemos a articulá-lo e a descobri-lo, ou seja, como o sujeito falante, o sujeito concreto. Ele é marcado pelo signo da fala. Inscrevemos S barrado, claro.” (LACAN, 1958-1959/2016, p. 373).

Na elaboração desse esquema, Lacan (1962-1963/2005) serve-se largamente da etimologia, esmerando a semântica das palavras escolhidas, em suas relações com a angústia, observando a distância e a aproximação dela no quadro. Justamente, sua intenção parece ser localizar a angústia na rede dos significantes que a rodeiam, que são respostas ou meios de evitá-la, dado que, no quadro, sua posição corresponde ao máximo de dificuldade e movimento. Salienta-se que tais significantes, embora alguns deles designem estados afetivos desprazerosos, são distintos da angústia. Segundo Miller (2005), o esquema nos mostra que tal rede dos significantes não é capaz de pescar o peixe da angústia. O enquadre significativo nos permite tão somente o balizamento de algumas aproximações de sentido. No entanto, tal feito não esgota a vivência da angústia. Esse esquema “é justamente feito para que se tome uma certa distância” (MILLER, 2005, p. 15)

Há uma opção pela via da experiência, ao tratar do tema da angústia, em detrimento de revisões do que já fora feito intelectualmente acerca dela. Enciclopedicamente, por exemplo, na tentativa de abranger todo o conhecimento constituído – tentativa essa que suporia que a angústia, enfim, pudesse ser apreendida pela rede dos significantes. Ao contrário disso, o esquema “[...] nos permitirá voltar para o chão, o chão do que não é encoberto pela palavra erudita, pela noção ou pelo conceito com que nos arranjam” (MILLER, 2005, p. 18). Sua construção segue “no sentido de levá-los ao patamar do vivenciado” (MILLER, 2005, p. 19). Voltar-se para o chão da vivência, entendemos, implica em tomar distância da rede, esquivando-se de um provável enredamento.

Isso nos remete à visada metodológica por meio da qual Lacan (1962-1963/2005) intenta abordar a angústia. Ele propõe três formas a partir dos quais é possível tratar o tema. A primeira seria a “via do catálogo”, segundo a qual ela seria inserida em um catálogo de afetos, reunindo-se aí tudo que já foi elaborado em relação à angústia, à maneira de um compêndio. A visada aqui apontaria para um horizonte de saturação, no qual esgotar-se-iam a significação de um termo, desenhando os contornos e limites atinentes a ele. “O problema é que este método nos conduz demais na direção do sentido, pois somos levados a reificar a classe por ele constituída como se ela correspondesse a um ser que preexiste à classificação” (VIEIRA, 2001, p. 147). A segunda seria o “método do análogo”, no qual seriam discernidos alguns níveis que permitiriam caracterizar a angústia através de seus aspectos biológicos, sociais e culturais. A angústia, assim, seria suposta *a priori* nesses campos e não deduzida a partir deles. “É esta suposição que serve de denominador comum permitindo reunir numa só gaveta

fenômenos e modos de apreensão tão distintos. Este método apoia-se [...] em uma petição de princípio” (VIEIRA, 2001, p. 148). A terceira via seria a correspondente à experiência. Lacan confere a esta abordagem a função de chave. “A chave é aquilo que abre e que, para abrir, funciona. A chave é a forma pela qual funciona ou não a função significante como tal” (1962-1963/2005, p. 30).

É a partir dessa última via que é traçado seu ensino a respeito da angústia no seminário em questão. Ele esclarece que a teoria analítica é composta por um saber constituído em um trabalho de elaboração da análise, ou seja, a experiência analítica é a fonte a partir da qual a teoria é estabelecida. Assim, ele propõe como senda essa via, que permitiria uma aproximação com a fonte da teoria: a experiência analítica. A pertinência da investigação acerca da angústia, empreendida por Lacan, bem como sua indissociabilidade do que transcorre em uma análise, é assim expressa por Soler: “[...] quando Lacan fala de angústia, ele não faz um tratado simplesmente sobre um afeto! Ele fala de uma dimensão que na análise não pode ser eliminada, a respeito da qual é necessário precisar o lugar e a natureza” (2012, p.23). Segundo Miller, as considerações de Lacan acerca da angústia não indicam que, quanto a ela, seja preciso curá-la, ou tratá-la. Quando muito, é possível atravessá-la. “Sob o título *Angústia*, uma obra onde a angústia não é propriamente falando uma perturbação, onde não se trata de tratá-la, onde se trata de lhe dar o seu lugar conceitual [...]” (MILLER, 2005, p. 09).

Observa-se que Colette Soler destaca o “lugar” da angústia, a ser precisado; Jacques-Alain Miller fala de “lugar conceitual”. Tal localização, entendemos, vem como alternativa a elaborações que visem um conceito fechado, ou saturado, acerca da angústia. Miller, inclusive, indica uma oposição: “a angústia ou o conceito. O conceito sendo o instrumento de apreensão simbólica do real. Quer dizer que nesse Seminário que se intitula *A angústia*, não é tanto que a angústia seja seu tema, seu objeto, mas que ele a situa apenas como uma via” (2005, p. 23). Indica-se aí a angústia como estando separada do conceito: “[...] isso não é um conceito, é, antes, o que vem no lugar de um conceito” (MILLER, 2005, p. 11). Verifica-se uma substituição – “vem no lugar de” – ou ao menos, orienta-se para a formalização de um conceito por meio de um lugar; ou uma via, um caminho. A angústia seria um caminho.

Como vimos, Lacan fala da via da experiência, como abordagem utilizada no *S10*. Miller propõe a angústia como “via de acesso ao que não é significante” (2005, p. 11), uma vez que “há alguma coisa no Outro que não é o significante” (2005 p. 10). Até este Seminário, Lacan abordava o real pelo significante, como já indicamos. A angústia, “uma via não

conceitual”, constitui-se como “uma via que visa o real, utilizando outra coisa que não o significante” (MILLER, 2005, p. 23). Tenciona, portanto, acessar o objeto pequeno *a*. Por ora, digamos que tal objeto designa um resto que não é projetado no imaginário, que não repousa sobre o sentido, que tampouco o simbólico (ou o significante) pode recobrir. Trata-se de um resto de alteridade (“há alguma coisa no Outro que não é significante”), do que não é simbólico, nem imaginário; trata-se do real, enfim. Assim, para abordar esse objeto – arredo ao significante, refratário à especularização – faz-se necessário destacar outra forma de tratamento da questão.

A falha no simbólico com relação ao real demanda que se suspenda o assentimento a tudo o que já está traçado, que é hábito, que é rotina. O apelo desse Seminário é: não se deixe suggestionar pela imagem nem adormecer pelo significante empregado na fala. Esse Seminário vai contra a sugestão [...]. (MILLER, 2005, p. 14).

Neste sentido, destaca-se uma situação hipotética e fantasiosa descrita por Lacan: uma representação em termos imagéticos, que pode ilustrar a experiência da angústia, sendo possível identificar alguns elementos importantes acerca dela. Trata-se de uma fábula que versa a respeito de um homem diante um louva-a-deus gigante. Este homem porta uma máscara, cuja forma ele desconhece, não sendo possível assim saber acerca de como está se apresentando diante desse outro. Ciente que a fêmea do louva-a-deus costuma devorar seu parceiro durante os ritos de acasalamento, a angústia do sujeito é a de não saber ao certo quem ele é e qual lugar ocupa em relação ao desejo onipotente do louva-a-deus gigante, potencialmente letal. Nesse estado de abandono diante do desejo desconhecido do Outro, ao sujeito cabe a pergunta “O que queres?” ou “O que quer ele comigo?”. Lacan ainda especifica que a interrogação concerne diretamente ao Eu, sendo então a pergunta assim formulada “O que quer ele a respeito deste lugar do eu?” (1962-1963/2005, p. 14). Eu não sei o que sou para o Outro; eu não sei qual imagem tenho para o Outro. O apólogo do louva-a-deus gigante introduz um ponto importante: “[...] a relação essencial da angústia com o desejo do Outro” (1962-1963/2005, p. 14).

Abordaremos a noção de desejo do Outro adiante. Por ora, o que foi exposto até aqui nos permite verificar que a tematização da angústia empreendida pelo *S10* constituiu uma via metodológica para abordar um objeto não constituído segundo as leis do significante. Lacan intenta visar o real, o registro da experiência humana que está fora do eixo simbólico-imaginário, perspectiva que havia sendo priorizada em seu ensino, e que se caracteriza pela

ordenação articulada pelo Édipo, com sua referência à lei. Se há algo no Outro que não é significante, isso indica que há um objeto que, embora não possuindo sentido e imagem, afeta a subjetividade, tendo efeitos sobre ela. A angústia é via privilegiada para dar curso à investigação disso pois, como apresentado, ela não se reduz às caracterizações semânticas. As relações dela com outros significantes, mostram que ela não se identifica conceitualmente com nenhum deles, possuindo estatuto próprio; porém, mostra-se refratária ao conceito. A rede de significantes não pesca o peixe da angústia; esta escapa pelos buracos. Daí a particularidade metodológica, oferecida pelo chão da experiência, mostrar-se mais afeita ao estudo em questão.

2.2 – As estruturas da razão analítica: o mundo, a cena e a cena dentro da cena

Um dos encaminhamentos presentes no *S10* refere-se ao discurso acerca da razão analítica, a razão que se constitui a partir de uma outra cena (*eine anderer Schauplatz*), o lugar referente ao inconsciente, tal como Freud o concebeu. Atenta-se, particularmente para o discernimento dos tempos, ou das estruturas dessa razão analítica, “a nossa razão” (LACAN, 1962-1963/2005, p.42). Entendemos que essa caracterização será útil nas elaborações decorrentes da via da experiência propiciada pela angústia.

O primeiro tempo seria o *mundo*: “o mundo existe” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 42). Identifica esse tempo ao materialismo primário, próprio ao século XVIII, segundo o qual “[...] o funcionamento da estrutura [...] só faria aproximar-se da própria estrutura do cérebro [...] ou da matéria” (p. 42). Segundo Soler, quanto a essa proposição, “as estruturas do mundo humano são como as réplicas ou as duplicatas, diz Lacan, do que está no real. É um postulado [...] que conduz [...] a uma espécie de cosmismo – as estruturas do mundo humano homogêneas com aquelas do mundo até o limite do cosmos!” (2012, p. 26-27).

Distinguindo-se radicalmente desse mundo, há a dimensão da *cena* (ou o *palco*): “esse lugar onde as coisas, mesmo que sejam as coisas do mundo, vêm a se dizer” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 42). A cena, na qual está o espectador, corresponde à própria dimensão simbólica, na qual a realidade é organizada por relações de oposições entre os elementos que a compõem. As coisas do mundo são colocadas em cena, tornando-se, assim entendemos, pertencentes ao mundo humano, podendo ser ditas. Tal transposição à dimensão da cena se

faz segundo as leis do significante, “leis que de modo algum podemos tomar de imediato como homogêneas às do mundo” (p. 43). Essa diferença entre a legislação cênica e a mundana nos indica a distinção entre esses dois tempos (mundo e cena), em termos de lógica, de funcionamento. Seriam registros distintos. Existe o mundo e existe o palco (a cena), no qual se faz a montagem desse mundo. “O palco é a dimensão da história” (p. 43).

Lacan ilustra essa montagem do mundo a partir da organização simbólica do tempo e seus desdobramentos. Um dado segmento do tempo linear, diacônico, denominado como dia, pode ser designado como 2 de dezembro ou 18 brumário. Trata-se de nomeações referentes à ordenações diferentes, calendários diversos – “calendário gregoriano” e “calendário revolucionário francês” ou “calendário republicano”.

Não se trata do mesmo calendário do qual vocês arrancam as páginas todos os dias. A prova disso é que essas datas têm para vocês um outro sentido. Podem ser reevocadas em qualquer outro dia do calendário para significar que imprimem nele sua marca, sua característica, seu estilo de diferença ou repetição. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 43).

Dessa forma, haveria uma primazia da cena em relação ao mundo: o que conhecemos deste corresponde àquilo que é devolvido pelo palco, organizado segundo as leis do significante.

Por fim, Lacan (1962-1963/2005) especifica um terceiro tempo: *a cena dentro da cena*, ou seja, a narrativa que se desenrola no palco do mundo, aquilo que possui estrutura de ficção. Ele lança mão da peça *Hamlet*, de Shakespeare, destacando uma sequência na qual o protagonista manda representar no palco um crime, visando apanhar a consciência de alguém. No caso, seu tio, Claudius, que assumira o trono, após a morte do pai de Hamlet. Entretanto, o que se passa no palco representa o próprio Hamlet cometendo o crime. “O que Hamlet manda representar no palco [...] é, afinal, ele mesmo praticando o crime em questão. Esse personagem [...] tenta dar corpo a alguma coisa que passa por sua imagem especular, sua imagem posta naquela situação” (LACAN, 1962-1963/2005 p. 45).

Tenta dar corpo, mas é insuficiente. Lacan discrimina dois tipos de identificações imaginárias operando em Hamlet: a identificação com a imagem especular, *i(a)*, “tal como esta nos é dada por ocasião da cena dentro da cena” (p. 46) e uma outra, qualificada como “mais misteriosa”, identificação com o objeto do desejo (*a*). Esta última, entendemos, é aquela que pode responder por algo, dar *corpo* àquilo que a identificação narcísica não

viabiliza. A cena dentro da cena remete a alguma coisa que se introduz em um lugar que deveria permanecer vazio. “Há um reconhecimento retroativo do objeto que esteve ali” (p. 47). Este terceiro tempo, a cena dentro da cena, “mostra-nos para onde convém levar a interrogação” (p. 47): aquela referente ao objeto do desejo, objeto que não se confunde com o da epistemologia, ou objeto do conhecimento. Lacan situa aí uma importante questão a ser desenvolvida neste seminário: “[...] trata[-se] da relação do objeto que tem status de objeto do desejo. Esse status, admito, ainda não está estabelecido, e a questão é justamente fazê-lo avançar durante este ano, por meio da abordagem da angústia” (p. 47).

O que foi exposto aqui, em termos dessas estruturas – o mundo, a cena e a cena dentro da cena – nos ilustra, primeiramente, a divisão entre palco e o mundo. O palco é articulado segundo as leis do significante, lugar no qual se possibilita o desenrolar das dramaturgias, no qual as histórias podem ser contadas. É no seio dessa estrutura que uma ficção, algo singular, pode ser concebido – a cena dentro da cena. Isso nos remete ao sujeito barrado, sujeito do desejo que se constitui na ordem simbólica, segundo o drama edípico. Interessante considerar-se algo radicalmente diferente, que não obedece ao significante, que não cabe no palco: a estrutura do mundo. Este nos indica o campo do gozo, já mencionado na seção de abertura do presente capítulo. O mundo ilustra aquilo cuja satisfação foi renunciada, de modo a que se pudesse subir ao palco simbólico. A abordagem da angústia, como já indicamos, envolve o tratamento de algo que é rebelde à conceituação, além de estar intimamente relacionada ao registro do real, que por sua vez é concernente ao gozo. Daí a noção de mundo, como algo fora do palco, alheio à leis do significante, nos parecer interessante.

Veremos que a estrutura da cena dentro da cena aproxima-se da noção de fantasia. As indicações de Lacan, supracitadas, fazem alusão à busca do *objeto que tem status de objeto do desejo* tendo relação com a construção fantasística. De fato, pode *aparecer* algo na cena, no lugar que deveria permanecer vazio, e tal intromissão bagunça, ou desorienta, o arranjo montado, causando *estranheza*. Presentifica-se algo da dimensão fora do palco. Uma parcela do mundo ganha *corpo* no seio da cena.

Tais elementos, aqui mencionados, prenunciam os próximos tópicos a serem desenvolvidos. A dimensão do palco será explorada a partir da articulação entre o imaginário e o simbólico, utilizando-se de um esquema cuja apresentação nos facultará evidenciar a diferença entre a mencionada articulação e aquilo que está fora dela, o mundo.

2.3 – A angústia na articulação entre o imaginário e o simbólico

Lacan repassa a articulação entre o imaginário e o simbólico, ou entre a imagem especular e o significante, ou ainda entre “a articulação do sujeito com o pequeno outro e a articulação do sujeito com o grande Outro” (1962-1962/2005, p. 40). Diz que o estudo da angústia permite revisitar tal articulação, alertando que ele não concebe a existência de dois tempos, atinentes a esses registros da experiência humana: um tempo centrado no imaginário, no estádio do espelho e, logo depois, um tempo correspondente à descoberta do significante, ao simbólico. Essas dimensões não almejam separarem-se entre si. Ao contrário, destaca que, entre elas vigora uma função de dependência, uma subordinação do imaginário em relação ao simbólico, na medida em que o primeiro é ordenado pelo segundo.

Recordemos, pois, de que modo a relação especular vem a tomar seu lugar e a depender do fato de que o sujeito se constitui no lugar do Outro, e de que sua marca se constitui na relação com o significante [Há] [...] uma ligação inaugural entre a relação com o grande Outro e o advento da função da imagem especular, cuja notação é $i(a)$. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 41).

Recorre ao esquema óptico, já desenvolvido em outros momentos de seu ensino. Faz referência a um escrito de sua própria autoria, *Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: ‘psicanálise e estrutura da personalidade’* (LACAN, 1960a/1998). O esquema lhe faculta a possibilidade de dedicar-se à relação entre o simbólico e o imaginário, articulando o falo imaginário ($-\varphi$) e o objeto a .

Figura 3: O esquema óptico

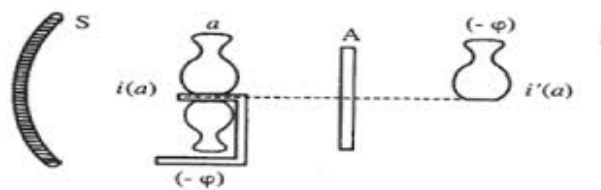


Figura 4 – Esquema óptico simplificado, Lacan, 1962-1963/2005, p. 49.

Fonte: LACAN (1962-1963/2005, p. 105)

O esquema é composto por dois espelhos. O vaso que se encontra dentro da caixa, na porção inferior do lado esquerdo, representa o corpo enquanto organismo biológico. Ele está escondido, indicando que é inacessível ao sujeito, perdido para este (GRECO, 2011). O sujeito (S) está situado no espelho côncavo, que produz $i(a)$, a imagem real. Esta é refletida pelo espelho plano, que representa o Outro (A), produzindo a imagem virtual, $i'(a)$. Esta última, portanto, está no lugar do Outro, sendo autenticada por ele. Lacan faz referência ao momento jubilatório, ao qual a criança está implicada, na experiência do reconhecimento inaugural de sua imagem no espelho. Ela se volta para quem a está segurando “[...] como que para invocar seu assentimento, e depois retorna à imagem” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 41). Com tal movimento de cabeça, “[...] ela parece pedir a quem a carrega, e que representa aqui o grande Outro, que ratifique o valor dessa imagem” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 41). Expressa-se aí a relação entre o imaginário e o simbólico: o advento da imagem especular tem relação com o grande Outro, buscando nele a sua autenticação.

Rabinovich (2005) indica que tal relação da imagem especular com o Outro possui um enodamento duplo. Ressalta que, em momentos precedentes de seu ensino, ao abordar o mesmo esquema óptico, Lacan centrava-se na articulação da imagem com o Ideal e a demanda do Outro. Neste seminário, sublinha-se a imagem egóica como resposta ao desejo do Outro; destaca-se, portanto, a dimensão deste último.

Com efeito, escrevi a relação do desejo do Outro, $d(A)$, com a imagem-suporte desse desejo [...] Não hesito, neste caso, em revesti-la da notação da imagem especular. Portanto, digo que esse desejo é desejo na medida em que sua imagem-suporte é equivalente ao desejo do Outro. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 34).

Quanto às imagens presentes no esquema, tem-se $i(a)$, imagem real – “imagem do corpo funcionando na materialidade do sujeito como propriamente imaginário, isto é libidinizado” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 49) – e $i'(a)$, imagem virtual. É a esta última que o homem tem acesso, aquela refletida no espelho plano, no lugar do Outro, autenticada por ele.

O que o homem tem diante de si nunca é senão a imagem virtual, $i'(a)$, do que representei em meu esquema por $i(a)$. O que a ilusão do espelho esférico produz à esquerda em estado real, é algo de que o homem tem apenas a imagem virtual, à direita, sem nada no gargalo do vaso. O a, suporte do desejo na fantasia, não é visível naquilo que constitui para o homem a imagem de seu desejo. (LACAN, 1962-1963/2005 p. 51).

A imagem virtual, $i'(a)$, é apenas a imagem refletida que temos de nós mesmos. Em que pese ser autenticada pelo Outro, ela é falaciosa, problemática. A dimensão do engano está justamente naquilo que o reflexo, a projeção da imagem, não mostra. Há uma lacuna, uma falta na imagem virtual, representado por *menos phi* ($-\phi$). O sinal negativo (-) é a indicação de que algo está faltando; portanto, está ausente. Trata-se do que é expresso no final do excerto destacado acima: o a , presente no lado esquerdo, não aparece na imagem do desejo do homem.

Tal aspecto falacioso relaciona-se àquilo que Lacan denomina como “fratura íntima”, referente aos limites do imaginário em recobrir o campo da experiência humana. O estágio do espelho (LACAN, 1949/1998) nos indica que há uma hiância entre o organismo biológico e a imagem totalizante do corpo; uma rachadura que denuncia a fragilidade da amarração imaginária daquilo que, originalmente, encontrava-se despedaçado e passa a ser uno. Nesse sentido, há um

[...] limite muito preciso que a captura imaginária introduz quanto ao que se pode investir no objeto, na medida em que o falo, ele próprio, continua auto-eroticamente investido. A rachadura que resulta disso na imagem especular vem a ser, propriamente, o que dá respaldo e material à articulação significativa que, no outro plano, o simbólico, chamamos de castração. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 19).

Justamente, a ideia da existência de um limite quanto à constituição da imagem especular, no interior da dialética do narcisismo, refere-se ao investimento libidinal. “O investimento da imagem especular é um tempo fundamental. É fundamental por ter um limite. Nem todo investimento libidinal passa pela imagem especular. Há um resto” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 48-49). Há um resto, de caráter libidinal, que permanece no lado esquerdo do espelho plano, na borda do vaso que representa $i(a)$. Correlativamente, no lado direito do espelho, há uma ausência. Guardemos a ideia de que algo não entra no espelho do Outro (A). Essa ausência indica “também a possibilidade de uma aparição, ordenada por uma presença que está em outro lugar” (p.55). A presença em questão refere-se ao objeto a , o resto.

Chegamos aos dois elementos presentes nos gargalos dos vasos representados no esquema por $i(a)$ e $i'(a)$. À esquerda, tem-se o a , qualificado como uma presença, mas também como “o resto, o resíduo” (p. 50). Resto do investimento libidinal. No esquema, isso é representado pelo a localizado na borda do vaso, sem integrar-se a ele. Isso nos indica que a não pertence à imagem real, encontrando-se cortado dela. Trata-se uma parcela de gozo que está separada, destacada da imagem. Por isso, pode-se entender o a como um tipo de falta.

Nesse sentido, parece-nos cara as considerações de Soler (2012): $i(a)$ e a representam a forma (imagem) mais (+) a cota de libido [$i(a) + a$]. Assim, ele também é designado como uma “reserva libidinal”, ou seja,

[...] esse algo que não se projeta, não se investe no nível da imagem especular, que é irredutível a ela, em razão de permanecer profundamente investido no nível do próprio corpo, do narcisismo primário, daquilo a que chamamos auto-erotismo, de um gozo autista. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 55).

O falo imaginário, $-\phi$, é designado como uma “reserva operatória”, ligada à reserva libidinal. O que tal reserva opera? Lacan afirma que o objeto a é um alimento, uma vez que anima “o que intervirá como instrumento na relação com o outro [...], a imagem do corpo em sua função sedutora, sobre aquele que é o parceiro sexual” (1962-1963/2005, p. 55). Portanto o falo vem a ser “o instrumento que, [...] de vez em quando deverá entrar em ação para a satisfação do desejo”. (LACAN, 1962-1963/2005 p. 49). Digamos que ele tem uma função instrumental, operatória, quanto ao desejo envolvido com a parceria sexual. O objeto a , alimenta esse instrumento. Ele tem função de causa, é o pivô de toda a dialética do desejo; “é o *initium* do desejo” (1962-1963/2005, p. 51), sendo que é a partir dele que a imagem $i'(a)$ adquire prestígio.

O falo imaginário é representado sob a forma de uma falta, como já foi dito. Não existe imagem da falta. É uma lacuna, “um furo, um branco, um menos, como algo que não se representa no espelho, que falta ali onde deveria estar” (RABINOVICH, 2005, p. 68). Trata-se da castração imaginária¹⁶, enfim. “Apesar de o falo ser, sem dúvida, uma reserva operatória, não só ele não é representado no nível imaginário, como é também cercado e, para dizer a palavra exata, cortado da imagem especular” (LACAN 1962-1963/2005, p.49). Ou, como já foi aqui destacado, o a não encontra reflexo na imagem virtual, $i'(a)$, que constitui a imagem do desejo do homem. Pensamos que não é anódino o fato de que, no esquema óptico, os elementos a e $-\phi$ ocuparem posições correspondentes em ambos os lados do espelho plano.

Rabinovich confere atenção ao fato do falo imaginário apresentar-se como cortado da imagem especular. “Produz-se [...] uma operação de corte que permite ao falo funcionar

16 No Seminário, livro 4, *A relação de objeto*, Lacan (1956-1957/1995) já havia conceituado a castração como uma forma de falta, de ordem simbólica. No *S10*, ele chega a dizer “a castração, eu lhes disse, é simbólica” (LACAN, 1962-1963/2005 p. 151). No entanto, ao se referir ao $-\phi$, ele fala da “forma da castração, isto é, a castração em sua estrutura imaginária” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 56). Em outro momento, ele diz: “Aquilo de que tudo parte, com efeito é a castração imaginária, porque não existe, por bons motivos, imagem da falta” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 51). Alguns comentadores também fazem uso da expressão “castração imaginária” (SOLER, 2012; RABINOVICH, 2005).

como reserva operatória” (2005, p. 69), como instrumento, portanto. A reserva refere-se a uma libido não especularizável; assim, não há transitividade entre $-\phi$ e $i'(a)$, ou seja, não é possível o transvazamento libidinal entre eles. Tal corte entre $-\phi$ e $i'(a)$, permite a Lacan distinguir o narcisismo do gozo.

O falo é uma reserva libidinal em termos de gozo, não em termos da freudiana libido de objeto ou narcísica. O gozo, como tal, envolve sempre o corpo em sua corporeidade, não pode separar-se do corpo como tal e, conseqüentemente, o gozo não passa para a imagem. Quando se produz algo que arremeda essa passagem, trata-se sempre de algo da ordem da metáfora, que remeterá ao ter e não ao gozo do corpo como tal. (RABINOVICH, 2005 p. 69).

Consideramos esse comentário precioso na medida em que nos auxilia a urdir a delicada distinção entre objeto a e falo imaginário, em termos de libido que resta, por um lado (a) e, não passando para a imagem especular, falta nesta ($-\phi$). Ela nos ajuda a entender a visada da erotologia, que Lacan procura imprimir no *S10* – põe-se em destaque a parcela de gozo que fica investida no próprio corpo, que não passa para a imagem especular. Ocorre uma cisão estrutural, um corte, entre narcisismo (imagem) e gozo, sendo qualquer arremedo possível entre ambos efeito do simbólico, da metáfora. O falo, portanto, enquanto reserva operatória, está articulado ao gozo e não com a produção de significação atinente à metáfora. “O gozo não se metaboliza pela via do narcisismo, [...] não pode ser apreendido através da imagem” (RABINOVICH, 2005, p. 70). Verifica-se aí um desdobramento do limite de investimento libidinal implicado na constituição da imagem, já referido aqui. É um dado revestido de relevância clínica, pois aponta para uma crítica às concepções de cura psicanalítica pautada na cura do narcisismo. As teorias concernentes a este desconhecem “o papel do gozo em sua relação com o desejo” (RABINOVICH, 2005, p. 70).

Portanto, diríamos que a imagem $i'(a)$ é caracterizada por uma falta de gozo. O $-\phi$ “escreve a libido restante do outro lado [do lado esquerdo do espelho do Outro], que não foi transferido para a imagem. [...] é a parte subtraída da imagem, donde o termo castração imaginária” (SOLER, 2012, p. 40). Trata-se de uma falta a ser preservada, “o que é convocado aí não pode aparecer. Ela *orienta e polariza o desejo*, tem para ele uma função de captação. Nela, o desejo está [...] essencialmente relacionado com uma ausência” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 55, grifos nossos). O desejo, portanto, depende da manutenção dessa falta. Caso aparecer alguma coisa aí, o desejo é abafado.

O esquema óptico apresentado no *S10* nos permite a visualização da distinção entre aquilo que se apresenta nos limites do espelho plano (eixo simbólico-imaginário) e o que está fora dele. O esquema óptico vem se somar às considerações feitas quanto às estruturas da razão analítica. O que encontra projeção no espelho do Outro refere-se ao que se desenvolve em cena, no palco. Tem-se as histórias, as narrativas e as imagens chanceladas pelo simbólico. Fora dos limites do *palco*, ou do espelho, encontramos o *mundo*, o que não pode ser dito, tampouco possui imagem. Lacan parece chamar a atenção para o lado esquerdo do espelho plano, que corresponde a um momento pré-especular, anterior à constituição subjetiva, correspondente à entrada na linguagem e à configuração da imagem autenticada pelo Outro. Identifica-se aí o resto de gozo, que não se projeta, que permanece intimamente investido no corpo. Do lado do Outro, correspondendo ao *a*, verifica-se uma lacuna na imagem, uma falta ($-\phi$), que indica uma subtração de gozo. Trata-se de uma falta que orienta o desejo, de modo que sua eventual saturação pode produzir efeitos perturbadores. Para desenvolver considerações a esse respeito, Lacan realiza uma leitura de um escrito de Freud (1919/2010), *O inquietante (Das unheimliche)*¹⁷.

2.4 – A inquietante estranheza

Segundo Hanns, *Das unheimliche* é um substantivo que, geralmente, é vertido para o português como “o estranho” e “o sinistro”. “Significa algo como ‘inquietante’, ‘macabro’, ‘assustador’, ‘esquecido’, ‘misterioso’” (1996, p. 231). O termo *unheimlich* é um adjetivo, enquanto *unheimlichkeit* é uma forma substantivada. Trata-se de “um artigo que nunca tencionei comentar, e que ninguém parece haver sequer percebido que é o eixo indispensável para abordar a questão da angústia. [...] este ano abordarei a angústia pela *Unheimlichkeit*” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 51). Seu comentário sobre o texto freudiano começa a ser encaminhado no momento em que ele aborda a *i'(a)* como caracterizada por uma falta ($-\phi$) a ser preservada: “[...] o que é convocado aí não pode aparecer” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 55). Propõe abordar o tema da angústia pelo sentimento de estranho familiar ou inquietante estranheza (*Unheimlichkeit*). “A *Unheimlichkeit* é aquilo que aparece no lugar em que deveria

17 A versão consultada das obras de Freud, realizada por Paulo César Souza, opta por traduzir *Das unheimliche* por *O inquietante*.

estar o *menosphi*. Aquilo de que tudo parte, com efeito, é a castração imaginária, porque não existe, por bons motivos, imagem da falta” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 51).

Freud (1919/2010) já havia estabelecido a relação entre o inquietante o angustiante, dado serem termos equivalentes entre si. Entretanto, buscava um núcleo de sentido específico que justificasse a utilização do termo “inquietante”, distinguindo as experiências dignas de tal designação do genérico “angustiante”. Ele procede a uma investigação acerca do campo semântico que a palavra recobre e, dentre as descrições obtidas, destaca aquela definida por Schelling: “o inquietante é algo que deveria permanecer oculto, mas apareceu” (FREUD, 1919/2010 p. 360). Sua pesquisa linguística também o leva, surpreendentemente, a constatar que o significado de *unheimlich* corresponde ao seu antônimo. *Heimlich*, significando familiar, aconchegado, mas também oculto, secreto, escondido, não é semanticamente unívoco, pertencendo a esses “dois grupos de ideias que, não sendo opostos, são alheios um ao outro” (FREUD, 1919/2010 p. 338). Tal nuance de significado de *heimlich* faz com que este coincida com *unheimlich*.

[...] compreendemos que o uso da linguagem faça o *heimlich* converter-se no seu oposto, o *unheimlich*, pois esse *unheimlich* não é realmente algo novo ou alheio, mas algo há muito familiar à psique, que apenas mediante o processo da repressão [recalque] alheou-se dela. (FREUD, 1919/2010, p. 360).

Portanto, a inquietante estranheza tem uma relação estreita com o recalque, uma vez que este é “condição necessária para que o primitivo retorne como algo inquietante” (FREUD, 1919/2010, p. 362). O primitivo, velho conhecido, outrora familiar, retorna e aparece como inquietante – *unheimlich*. Nesse sentido, o prefixo *un*, indicando uma negativa, seria a marca do recalque nessa palavra.

Freud (1919/2010) investiga situações variadas, nas quais se presentifica o fenômeno do inquietante. Desde aquelas imaginadas, muitas vezes promovidas pela leitura de certas narrativas ficcionais, até as vivenciadas – estas, menos frequentes. Apesar de verificar uma série de elementos envolvidos na gênese do inquietante – animismo, relação com a morte, a figura do duplo, onipotência dos pensamentos, repetição do mesmo e complexo de castração – o estudo é concluído observando maior tenacidade do inquietante que provém dos complexos recalcados (em especial, o de castração). Por meio da exposição de uma série de exemplos e situações, constata-se que os demais fatores mostram-se frágeis enquanto condições para a constituição do inquietante. Ilustrando, se em determinada peça literária, uma mão cortada

evoca o efeito de inquietante estranheza, em outras o mesmo elemento não causa essa impressão. Assim, os fatores destacados concorrem para o fenômeno em questão, embora seja difícil isolar o ponto específico que o deflagre. Não raro, tais fatores mantêm íntima relação com complexos infantis, enraizando-se neles – seriam derivações destes.

Freud (1919/2010) faz algumas considerações acerca da figura do duplo e do retorno do mesmo que podem ser relevantes para a presente pesquisa. Quanto ao tema do duplo, assim ele é descrito: “a identificação com uma outra pessoa, de modo a equivocar-se quanto ao próprio Eu ou colocar um outro Eu no lugar dele, ou seja, duplicação, divisão e permutação do Eu” (FREUD, 1919/2010, p. 351). Sua pertinência quanto à deflagração da sensação da estranheza familiar refere-se à regressão a um tempo no qual o Eu não se encontrava nitidamente delimitado em relação ao mundo e aos outros. O estranhamento adviria portanto, de uma vacilação das fronteiras narcísicas que circunscrevem o Eu, distinguindo-o do que é não-Eu.

Em relação ao retorno do mesmo, ou repetição do mesmo, Freud assinala situações de repetição não deliberada, às quais o sujeito se depara. Tais circunstâncias “impõe-nos a ideia de algo fatal, inelutável” (FREUD, 1919/2010, p. 355), reveste-se de “um caráter demoníaco” (FREUD, 1919/2010, p. 356), perturbador, prevalecendo sobre o princípio do prazer e causando assim uma impressão de desamparo e inquietude. Tratam-se de momentos que remetem à tendência repetitiva das pulsões, à íntima natureza destas, à compulsão à repetição, que foi detalhada em *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920/2010).

Campos (2014) observa que o texto sobre o inquietante trata da irrupção de uma alteridade íntima, e não externa. A natureza dessa irrupção é explicada como tributária do retorno do recalcado, ou seja, dentro da dimensão da representação, do registro simbólico. Assim, ao mencionar a compulsão à repetição, neste artigo, Freud a concebe tal como uma formação do inconsciente, como o sintoma ou o sonho. Somente a partir das proposições desenvolvidas em *Além do princípio do prazer*, sobretudo a pulsão de morte, que os aspectos de irrepresentabilidade e traumatismo serão destacados, conferindo à terminologia *compulsão à repetição* a sua acepção mais classicamente conhecida.

Um trecho do artigo de Freud nos parece muito interessante, mencionando a dissolução de fronteiras e o encontro com a dimensão pulsional (ou real) nas experiências do *unheimliche*:

[...] o efeito inquietante é fácil e frequentemente atingido quando a fronteira entre fantasia e realidade é apagada, quando nos vem ao encontro algo real que até então víamos como fantástico, quando um símbolo toma a função e o significado plenos do simbolizado [...]. (FREUD, 1919/2010, p. 364).

Voltando ao *S10* e sua leitura acerca do *Unheimliche*, verificamos que ele concede ao lugar da castração imaginária ($-\phi$ ou “menos phi”) o lugar *heim*, familiar, sua casa, “que é o lugar do aparecimento da angústia” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 60). “A angústia [...] está ligada a tudo o que pode aparecer no lugar ($-\phi$)” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 57). Devemos nos lembrar que o $-\phi$ caracteriza-se como uma ausência, cuja possibilidade de aparição é comandada por uma presença que está em outro lugar, “onde é inapreensível para o sujeito” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 55). O objeto *a*, a reserva libidinal que alimenta e anima o falo imaginário (reserva operatória), pode ordenar a aparição de alguma coisa em $-\phi$.

Esse lugar [$-\phi$; *heim*] representa a ausência em que estamos. Supondo-se, o que acontece, que ele se revele tal como é – ou seja, que *revele ser a presença em outro lugar que produz esse lugar como ausência* –, ele se torna o rei do jogo, apodera-se da imagem que o sustenta, e a imagem especular transforma-se na imagem do duplo, com o que esta traz de estranheza radical. [...] ele nos faz *aparecer como objeto*, por nos revelar a *não-autonomia* do sujeito. (LACAN, 1962-1963/2005 p. 58, grifos nossos).

Quando “alguma coisa da ordem do *a*” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 60) aparece no lugar *heim*, familiar, ($-\phi$), a imagem adquire autonomia, torna-se um duplo; isso é correlativo à não autonomia do sujeito. Este “entra na toca em que é esperado desde a eternidade, sob a forma do objeto que sou, na medida em que me exila de minha subjetividade, resolvendo por si todos os significantes a que ela está ligada” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 59). Atentemos para as ideias: não autonomia do sujeito; ser objeto; encontrar-se exilado da própria subjetividade. A relação entre *Unheimliche* e angústia, em Lacan, pode ser captada por meio delas. Soler nos provê de valiosa colocação sobre isso:

“O objeto me exila” de minha subjetividade. É muito simples, eu sou representado em minha subjetividade por minha fala e pelos significantes que ela veicula. Lá onde sou visado como objeto, eu não sou representado, é por isso que Lacan diz que eu estou aí como ausência, eu não estou aí como $\$$ representado por tudo aquilo que posso contar. (SOLER, 2012, p. 46).

O tema do duplo parece ser importante para acompanhar o comentário de Lacan sobre o *Unheimliche*. Ele sublinha a torção entre o familiar e o estranho. Como foi aqui exposto, no momento da angústia, quando aparece algo no lugar onde era suposto faltar, a imagem

adquire autonomia, torna-se um duplo (o símbolo toma a função do simbolizado). Em uma passagem do texto de Freud, encontramos uma passagem na qual é abordada tal torção, cujo efeito é inquietante:

O caráter do inquietante pode proceder apenas do fato de o duplo ser criação de um tempo remoto e superado, em que tinha um significado mais amigável. O duplo tornou-se algo terrível, tal como os deuses tornam-se demônios após o declínio de sua religião. (FREUD, 1919/2010, p. 353-354).

Por esse trecho, é possível percebermos que Freud concebe o *Unheimliche* como efeito do retorno de algo arcaico e primitivo, que foi recalçado. O aparecimento do que estava oculto produz vacilação nos limites que conformam o narcisismo, levando a alterações no valor da imagem, daí o estranhamento. A leitura do *Unheimliche* empreendida por Lacan, no *S10*, não se realiza por meio da chave do recalque, o que implicaria no retorno de algum conteúdo previamente representado, simbolicamente inscrito. Privilegia a ideia da *aparição* de algo que deveria permanecer oculto, desorientando a imagem reconhecida pelo Outro. Conforme as indicações de Lacan, no *Unheimliche* revela-se uma presença que, de seu lugar, produz uma falta (-φ), que vem a ser a ausência na qual estamos, da qual depende a configuração simbólico-imaginária familiar, *Heim*. A presença que causa estranheza não se refere a algo recalçado, mas a aquilo que não se projetou no espelho, a parcela de gozo separada, barrada do sujeito do desejo, o que viabilizou sua constituição.

A leitura do *Unheimliche*, presente no *S10*, acentua os efeitos que a *aparição* de algo do real pode ter sobre o espaço circunscrito pela lei do significante – campo referente ao espelho do Outro, ou à *cena*. Pudemos verificar que um dos delineamentos da leitura lacaniana da inquietante estranheza repousa sobre a diferença entre as posições de sujeito e de objeto. A presença do *a* nos exila da subjetividade, dado que deixamos de ser representados enquanto sujeito do desejo¹⁸, sendo visados como objeto, revelando, assim, a não-autonomia do sujeito.

Embora o sujeito não possa ser caracterizado como uma instância autônoma, a possibilidade de se responsabilizar pela interpretação do Outro está aberta para ele. Já a posição de objeto elimina a possibilidade de responder por uma interpretação qualquer, atestando por isso mesmo uma destituição subjetiva. (LUSTOZA, 2006, p. 63).

18 “Um significante é aquilo que *representa o sujeito* para outro significante” (LACAN, 1960b/1998, p. 833, grifos nossos).

Assim, a presença do *a*, referente ao *Unheimliche*, condiz com a perda da autonomia subjetiva condizente com a construção de uma interpretação ou resposta ao desejo do Outro, o que nos remete à fantasia. Abordaremos as noções de fantasia, articulada ao desejo do Outro, para encaminhar, em seguida, as considerações sobre a angústia originária, no *S10*.

2.5 – Fantasia, desejo do Outro e angústia originária

Identificamos no *S10* uma relação entre angústia e fantasia. Logo no início dele, ao mencionar a fantasia, Lacan diz: Vocês verão que a estrutura da angústia não está longe dela, em razão de ser exatamente a mesma (LACAN, 1962-1963/2005, p. 12). É proposta uma relação de solidariedade entre as estruturas da angústia e da fantasia. Ele propõe uma metáfora, designada pela instalação de um quadro sobre uma janela, seguindo os limites desta, de modo a ocultar a paisagem que seria possível divisar através dela. “Técnica absurda, sem dúvida, caso se trate de ver melhor o que está no quadro, mas já não é disso que se trata. Seja qual for o encanto na tela, trata-se de não ver o que se vê pela janela” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 85). Como forma de se proteger da angústia, para encobri-la, o neurótico constrói uma fantasia ($\$ \diamond a^{19}$). A metáfora empregada expressa justamente um encobrimento, a tela representando a fantasia e a visão do que está por trás dela, algo que despertaria a angústia. Isso nos remete a equivalência entre suas estruturas: ambas são enquadradas. Seguindo os elementos do esquema óptico, esse enquadramento, comum à angústia e a fantasia, corresponde ao espelho do Outro. “O que representa a janela? Ela representa o Outro. E o que bordeja a janela do Outro? [...] são os significantes” (SOLER, 2012, p. 47).

A função da tela no quadro, [...] função do anteparo, é inerente à estrutura da fantasia, pois a fantasia não existe sem esse “eu me vejo na fantasia”. Esse “eu me vejo” que se desenha no anteparo tapa o que eu posso ver por trás do anteparo. Por esse ângulo, a função de marco da angústia é acentuada com base no que se pode chamar um exame da fantasia na vida cotidiana [...]. Lacan busca em que momento falha para o sujeito em sua vida cotidiana, no quadro que lhe é familiar, em primeiro lugar, o espelho, o qual deixa de estar em seu lugar. Depois, esse lugar próprio do espelho é ocupado pelo anteparo onde algo se desenha e, por último, está aquilo que está por trás do anteparo e que ele encobre. (RABINOVICH, 2005, p. 105-106).

19 No *S10*, essa fórmula expressa a relação entre o sujeito do desejo, barrado ($\$$) e o *a*, constituindo-se como o suporte do desejo. “A fantasia é o $\$$ numa certa relação de oposição com *a*, relação cuja polivalência é suficientemente definida pelo caráter composto do losango, que tanto é disjunção, V, quanto conjunção, Λ , que tanto é o maior [$>$] quanto o menor [$<$]” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 192-193).

Façamos, neste ponto, uma breve retomada quanto às estruturas da razão analítica, propostas por Lacan. Como vimos, de um lado, temos a dimensão da *cena*. Segundo Soler (2012) trata-se do espaço no qual o sujeito reconhece sua imagem e onde lhe está viabilizado contar sobre si mesmo aos outros. Isso pressupõe o significante, o discurso e a cena do Outro. No cotidiano, é nesta última que nos situamos. Segundo Lacan, é o lugar “onde o homem como sujeito tem que se constituir, tem de assumir um lugar como portador da fala, mas só pode portá-la numa estrutura que, por mais verídica que se afirme, é uma estrutura de ficção” (1962-1963/2005, p. 130). Assim, “a realidade é uma cena” (SOLER, 2012, p. 67). Dentro dela, o sujeito constitui cenas específicas, que lhe são peculiares, e possuem estrutura de ficção. É a *cena dentro da cena*, que corresponde à fantasia: uma pequena cena fabricada a ser mostrada na cena geral.

Do outro lado, temos o *mundo*, lugar em que não existe ficção. “O mundo é o lugar disso que é rejeitado na cena, recusado na cena” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 68). Isso nos sugere que ele se define pelo negativo: aquilo que não cabe na estrutura cênica, que não se estrutura como ficção, segundo as leis do significante, fica no mundo. Lacan define o mundo como “o lugar onde o real se comprime” (1962-1963/2005, p. 130). Nem tudo cabe no palco; há elementos que escapam à cena (SOLER, 2012).

Voltado à metáfora do quadro posto sobre a janela, podemos entender que a tela da fantasia constitui-se um anteparo para encobrir algo do real. Lacan afirma que “existe alguma coisa da ordem do *a*” (1962-1963/2005, p. 60) – portanto, não propriamente o objeto *a* – que aparece no lugar *Heim*, acima da imagem virtual *i'(a)*, lugar do aparecimento da angústia. Ou seja, algo aparece no lugar do Outro, no espelho plano A, seguindo o esquema óptico. De fato, “a fantasia do neurótico está inteiramente no lugar do Outro” (1962-1963/2005, p. 60).

Mas o que esse arremedo de objeto *a* – algo da ordem dele – que surge em *Heim* e que parece compor a fantasia? Segundo Lacan,

Esse objeto *a* que o neurótico se leva a ser em sua fantasia cai-lhe quase tão mal quanto polainas num coelho. É por isso que o neurótico nunca faz grande coisa com sua fantasia. Esta consegue defendê-lo da angústia justamente na medida em que é um *a* postiço. (1962-1963/2005, p. 60-61).

Ele ainda qualifica esse objeto *a* como um “nadinha” que serve de isca para fisgar o Outro, correspondendo à manobra de sedução histérica que procura fazer o Outro ter vontade desse “nadinha”.

Segundo Soler, no lugar da falta localizada no espelho do Outro, ou seja, $-\phi$, “o neurótico fomenta um objeto postiço, um falso objeto de qualquer maneira, falso em relação ao objeto *a*. Como ele fomenta esse objeto postiço? Com o os significantes da pulsão” (2012, p. 80). Pensamos que tal consideração vem destacar a estrutura de ficção da fantasia, sua característica narrativa. É um *a* postiço que aparece no enquadre do espelho do Outro. Destacamos outra passagem do *SIO* na qual Lacan faz considerações à especificidade do objeto na fantasia do neurótico, seu caráter postiço ou vicário.

No caso da neurose, [...] na medida em que algo de sua fantasia aparece do lado da imagem $i'(a)$ [...] aparece algo que é um *a*, e que apenas parece sê-lo, porque o *a* não é especularizável e não poderia aparecer aí, digamos, em pessoa. É apenas um substituto. (LACAN, 1962-1963/2005 p. 155).

Quanto à fantasia, Lacan a descreve como um anseio, bastante ingênuo; algo sobre o qual sempre duvidamos um pouco. “Para exprimi-lo humoristicamente, eu diria que a fórmula da fantasia, $\$$ desejo de *a*, pode ser traduzida nesta perspectiva: *a* de que o Outro se desvanece, desfalece diante do objeto que sou, dedução esta feita a partir do que vejo em mim” (1962-1963/2005, p. 59). Segundo Rabinovich (2005), na fantasia a dimensão da visão, do ver, está sempre conservada. O “me vejo” é de suma importância na construção da fantasia. Vieira pontua que a fantasia vem a constituir “o cerne daquilo que chamamos eu, indivíduo” (2002, p. 83). A defesa da fantasia em relação à angústia vigora justamente por conta que, nela, o sujeito se vê imaginado na cena e, ao vê-lo, o Outro entra em desvanecimento, desfalece, desmaia, frente ao objeto que o sujeito encarna. Esta seria a única forma que sujeito suporta em ser objeto do desejo do Outro (RABINOVICH, 2005).

As indicações de Lacan, ao tomar a fantasia como um anseio (*ein Wunsch*), acrescidas da proposição que o objeto que compõe sua fórmula surge no lugar *Heim*, no qual nada poderia aparecer, nos remetem à semelhança estrutural que ela mantém com a angústia. Talvez seja por isso que Lacan qualifica como “impressionante” o fato da fantasia servir ao neurótico como defesa contra a angústia: “[...] o impressionante é que ela é justamente o que melhor lhe serve para se defender da angústia, para encobri-la” (1962-1963/2005, p. 60). Rabinovich (2005), tal como já expresso aqui em excerto supracitado, identifica os momentos

de falha para o sujeito: primeiro no espelho do Outro (A), no qual algo aparece ou sai do lugar: “Se o que é visto no espelho é angustiante, é por não ser passível de ser proposto ao reconhecimento do Outro” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 134); depois, constrói-se um anteparo, uma tela sobre a qual se desenham ficções que, mesmo sendo da ordem de um anseio, servem para tranquilizar – a fantasia. O que está construído nessa tela pode ter caráter angustiante mas, há algo pior – lembremos que o objeto da fantasia é um *a* posição. Justamente, por trás desse anteparo, supõe-se algo que precisa ser encoberto, que não se quer ver.

A partir disso, podemos indagar o que ocorre quando a fantasia vacila em sua função encobridora, ou seja, quando não se é mais capaz de proteger contra a angústia. Quando a tela posta sobre a janela se rasga, o que sujeito encontra é o desejo do Outro, ou o significante de uma falta no Outro, $S(A)$. A esse respeito, Lacan propõe o seguinte, no *Seminário 6, O desejo e sua interpretação*:

O A maiúsculo barrado quer dizer o seguinte. Em A – que é [...] o lugar [...] de uma linguagem – falta alguma coisa. Essa alguma coisa que falta só pode ser um significante; daí do S. O significante que falta [...] no nível do Outro, é esta a formulação que dá seu valor mais radical ao $S(A)$. É, por assim dizer, o grande segredo da psicanálise. O grande segredo é: não há Outro do Outro. [...] a questão é que não tenho absolutamente nenhuma garantia que esse Outro, pelo que há em seu sistema, possa me [...] responder pelo que sou. (LACAN, 1958-1959/2016, p. 322).

O Outro não pode responder pelo ser do sujeito, em sua totalidade, indicando um limite quanto às respostas que o Outro pode oferecer: não há garantias, que condizeriam a uma resposta final dada pelo Outro. Entendemos que essa falta de significante no Outro possa nos ajudar a esclarecer a dimensão do desejo do Outro, a qual Lacan se refere no *S10*.

Primeiramente, é preciso considerar que a citação destacada acima é colhida do período do ensino lacaniano correspondente à primazia do significante. Neste tempo, as proposições de Lacan incidiam sobre o Outro simbólico, faltante, sublinhando a dimensão da ficção, atinente à fantasia, que poderia responder por essa falta. Nesse sentido, as diversas versões da fantasia correspondem às tentativas do sujeito em se situar em relação ao desejo do Outro. Para tanto, concebe-se o que supostamente faltaria a ele e, correlativamente, posiciona-se a partir daí, de modo a tentar cativar o desejo do Outro. Obtém-se, assim, as referências que o guiam, que direcionam o sujeito em sua vida. O Outro simbólico oferece uma grade de leitura do mundo - “o Outro como lugar da fala, como lugar da lei, como lugar das convenções do jogo” (LACAN, 1958-1959/2016, p. 230). É preciso construir respostas à

pergunta sobre *o que o Outro quer*, de modo a constituir-se, a partir daí, como desejante. A manutenção da falta no Outro garante o relançamento da falta no sujeito, orientando-se pela visada condizente ao desejo do Outro (LUSTOZA, 2006).

Paulatinamente, Lacan foi conferindo destaque à verdade da *falta* que sustenta o desejo, deixando de focalizar a dimensão das ficções, das respostas construídas para a falta no Outro.

É justamente neste ponto que parece estar a indicação de uma novidade na abordagem do tema do desejo por Lacan no *Seminário 8*. Sua questão parece se deslocar sutilmente da pergunta sobre o *que é* o desejo – respondida exhaustivamente do *Seminário 4* até o *Seminário 7* com os recursos que lhe permitiram mostrar sua estrutura simbólica – para a localização de sua *causa*, mais além da falta simbólica que o sustenta. Tal deslocamento indica o ponto de abertura para a articulação entre os registros simbólico e real, que começa a se delinear. (FARIA, 2015, p. 64).

No *S10*, essa articulação, inicialmente delineada no *Seminário 8*, adquire adensamento. A dimensão da causa do desejo é lançada para além da falta que organiza o simbólico. O matema $S(A)$, embora designado como um *significante* da falta no Outro, paradoxalmente remete ao irrepresentável, além de fundar e sustentar a cadeia significante. De maneira sutil, no *Seminário 8*, Lacan distingue a *falta* de significante no Outro, indicando com isso o limite da linguagem, ou seja, no inconsciente nem tudo é linguagem, nem tudo é articulado segundo as leis do significante. Abre-se o caminho para se delimitar o registro do real de maneira cada vez mais clara, em suas articulações com as dimensões do simbólico e do imaginário (FARIA, 2015).

No *S10*, Lacan aborda a fantasia, indicando a infinitude das ficções, apontando para um ponto originário:

A fantasia, o \$ em relação ao *a*, adquire aqui o valor significante da entrada do sujeito na dimensão que o leva à *cadeia infinita de significações* a que se chama destino²⁰. Podemos escapar dela indefinidamente, mas o que se trataria de encontrar é justamente o começo — como é que o sujeito entrou nessa história de significante? (LACAN, 1962-1963/2005, p. 78-79).

Mais a frente, ele diz: “O ponto de onde surge a existência do significante é aquele que, em certo sentido, não pode ser significado. É o que chamo de *ponto falta-de-significante*” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 150). Assim, é destacada uma falta para além da falta simbólica, que não pode ser significada, ou seja, preenchida pelo significante, ou

20 Em outro momento do *S10*, Lacan assim se refere ao Outro: esse “Outro que se furta na remissão infinita das significações, desse Outro em que o sujeito não se vê mais do que como um destino, porém um destino que não tem fim, um destino que se perde no oceano das histórias” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 56).

reduzível a ele. Tal espécie de falta dá início à cadeia significante; portanto, viabiliza a articulação do desejo e, correlativamente, ao sujeito. De forma mais sintética, trata-se de uma falta que causa o desejo. Como dissemos, a indicação dela, coincidindo com um limite da linguagem, nos permite abordar a noção de desejo do Outro presente no *S10*.

Segundo Lustoza (2006), a expressão desejo do Outro possui diversos estatutos, podendo ser apreendido segundo os registros do imaginário, do simbólico e do real. O desejo do Outro implicado aqui, que estaria por trás do anteparo, corresponderia à *faceta real* de tal desejo. Lacan especifica essa dimensão da alteridade, referido-se a ela como o “Outro implicado no gozo, que é o Outro real” (1962-1963/2005, p. 201). Em outro momento do *S10*, ele diz: “o Outro, propriamente falando, é evocado aqui no *registro do real*” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 287, grifos nossos). Ele se caracteriza por ser desregrado, inconsistente, paradoxal, contraditório, caprichoso. Distingue-se, portanto, do Outro simbólico, que fornece as referências que orientam o sujeito. Esse Outro real apresenta-se querendo algo do sujeito; porém, sua demanda é vazia, não sendo possível localizar o que ele quer. Desprovida da grade de leitura do Outro simbólico, o desejo do Outro real é ilegível. Portanto, é impossível localizar-se também diante desse querer, o que confere a ele a característica de *enigma*. O desejo do Outro é enigmático. Lacan (1962-1963/2005) expressa isso recorrendo ao pesadelo. A angústia referente a este último, em um recorte fenomenológico, diz respeito ao gozo do Outro. Nesse sentido, o pesadelo teria como correlato a mitologia dos demônios, íncubos e súcubos, que esmagariam o peito do sonhador com o peso do seu gozo. No entanto, “[...] esse ser que pesa por seu gozo é também um *ser questionador*, e que até se manifesta na dimensão desenvolvida da pergunta a que chamamos *enigma*” (LACAN, 1962-1963, p. 73, grifos nossos). Faz menção à figura da esfinge, essencialmente questionadora, cuja pergunta

[...] fornece a forma mais primordial do que chamei de dimensão da demanda [...]. Eis-nos [...] levados a interrogar mais uma vez a relação entre uma experiência que pode ser chamada de pré-subjetiva, no sentido corrente do termo “sujeito”, e a pergunta em sua forma mais fechada, sob a forma de um significante que se propõe como opaco, ele mesmo, o que constitui a posição do enigma. (LACAN, 1962-1963, p. 73).

Rabinovich (2005) alerta para a possibilidade de uma leitura superficial acerca do pesadelo, que consistiria em atribuí-lo tão somente à dimensão do gozo do Outro. A proposição de Lacan (1962-1963/2005) destaca um *caráter questionador*, na forma de um significante opaco: o enigma do desejo do Outro. A autora lembra que a demanda é

articulável, ao contrário do desejo que é articulado, porém não articulável. Mas é uma demanda de caráter primordial, na forma de uma pergunta enigmática, sustentada por algo que se lê sem ser dito. Tem-se aí o que pode ser entendido por esse significante opaco: “caracteriza o enigma como o que não chega a fazer cadeia, pois o significante escapa à cadeia, não existe um segundo significante que o signifique” (RABINOVICH, 2005, p. 102). Falta a remissão de um significante a outro que faria emergir um sentido, pois não há um segundo significante que se concatene ao primeiro. Se há só um significante, não há sujeito também, dado que este é aquilo que um significante representa para outro significante. Estaria ausente a estrutura mínima necessária para a constituição subjetiva. Por isso, conforme indicado na citação de Lacan, o enigma é pré-subjetivo.

A esfinge questionadora remete à fábula do louva-a-deus gigante. O sujeito, em frente ao grande inseto, não sabe qual máscara porta, está as voltas com a questão *Che vuoi? Que quieres? Que quer ele a respeito deste lugar do eu? A pergunta incide sobre o desejo do Outro que, como vimos, mostra-se opaco e enigmático. À pergunta “O que o outro quer de mim?” surge a resposta insuportável atinente à falta de significante no Outro. Tal limite da linguagem vem indicar a inconsistência do Outro. Por isso, o desejo do Outro, como real, pode ser entendido a partir dessa falta, não subsumida ao registro simbólico.*

A angústia, justamente, tem relação com a proximidade do desejo do Outro, dado seu caráter desregrado; nele, as referências estão abolidas. A presença de tais indicações, ou balizas, nos levaria ao registro da demanda. A localização de uma demanda implica no regime da falta simbólica: “querer alguma coisa é nomeá-la como o que nos falta” (VIEIRA, 2008, p. 31). Destarte, caso se tratasse da demanda do Outro, o objeto já estaria definido em suas características e, para aquele posicionado como objeto da demanda, bastaria identificar-se com a imagem delineada por tais traços.

É aí que parece mais clara a estratégia do neurótico. Lacan (1962-1963/2005) indica que ele faz um uso falacioso do objeto em sua fantasia: ele transporta para o Outro a função do objeto *a*. Assim, troca-se a causa de desejo, pela demanda do Outro. Isso se dá, como vimos acima, pela construção de uma fantasia, cujo objeto é algo que apenas parece ser um objeto *a*. O neurótico quer que lhe façam súplicas, pedidos. Por isso, a fantasia é apaziguadora. Ela se constitui como uma interpretação do desejo do Outro, conferindo assim algum sentido ao enigma dele, um arcabouço imaginário que lhe imprime certa coerência. Concebe-se que o Outro demande ou queira determinada coisa dele, sendo por tais referências

que ele se orienta. Nesse sentido, o objeto *a* posição presente na fantasia tem a função de proporcionar consistência à imagem do eu. Segundo Lustoza (2006), “a suposição de que o Outro sabe o que quer implica a suposição de que o sujeito pode também saber o que quer, ou seja, a unidade hipotética de um funciona como ‘garantia’ da unidade do outro” (p. 63). Caso o Outro se mostre acéfalo, inconsistente, o eu vacila quanto à certeza “eu sei quem sou”.

Lacan situa a demanda no lugar *Heim*. Como já foi exposto, o familiar, *Heim*, coincide com o lugar da ausência, a lacuna $-\phi$. Neste ponto é possível localizar a demanda. O objeto *a* está exercendo sua função na fantasia como uma presença invisível, dado que se encontra ocultado pela imagem. Neste lugar, sua função é inapreensível para o sujeito. Trata-se de uma presença invisível que organiza o mundo visível, a realidade do sujeito estrutura-se por meio da fantasia – a tela sobre a janela. Segundo Rabinovich (2005), a aparição do desejo do Outro no lugar da demanda do Outro ocorre quando esta última “é subvertida pela aparição que permite que essa presença invisível adquira a forma de presença, o que permite ali a passagem ao *unheimlich*” (p. 91).

[...] o momento do *Unheimlich*, momento em que o *heim*, o familiar, se torna inquietantemente estranho, é justamente o momento em que a fantasia deixa de ser um jogo, deixa de ser livreto, perde essa dimensão lúdica que permite ao sujeito manter-se na cena [...] O problema surge quando a encenação começa a funcionar sozinha, funcionamento que já seria um modo de definir, de maneira bastante exata, o estranho, o inquietante. (RABINOVICH, 2005, p. 90).

Esse momento do *Unheimliche*, no qual a cena se desvanece, corresponderia ao encontro com o desejo do Outro em sua face real, quando a fantasia ganha autonomia por meio da presença do objeto *a*, não mais sua versão postiça. O sujeito fica à mercê, nas mãos do Outro, como objeto causa do desejo do Outro. Encontra-se exilado de sua subjetividade, reduzido a objeto. Importante destacar que esse desejo do Outro é vazio de intenções a respeito do sujeito, diferentemente do que ocorre enquanto a ficção da fantasia está em vigor. “Ao desejo do Outro, na medida em que sou seu objeto, lhe é indiferente tanto o meu bem quanto o meu mal, meu gozo como meu não gozo, não lhe importa nada [...]” (RABINOVICH, 2005, p. 96).

Nesse ponto *Heim*, não se manifesta simplesmente aquilo que vocês sempre souberam: que o desejo se revela como desejo do Outro [...], mas também que meu desejo, diria eu, entra na toca em que é esperado desde a eternidade, sob a forma do *objeto que sou*, na medida em que *me exila de minha subjetividade*, resolvendo por si só todos os significantes a que ela está ligada. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 59, grifos nossos).

O percurso traçado até aqui nos permite assentar alguns marcos nocionais. Vimos que o desejo do Outro, em sua face real, pode ser tomado como o gozo do Outro que faz enigma ao sujeito. Assim, ele se apresenta querendo algo, caracterizando-se pela questão: *o que ele quer de mim?* A fantasia é uma construção composta por um objeto que de algum modo responde a essa questão. Os momentos de estranhamento correspondem à presença do objeto *a*, aquilo que não deveria aparecer. No *unheimliche*, a fantasia ganha autonomia, passando a funcionar sozinha, e o sujeito não sabe mais o que é para o Outro. Lacan é explícito: “a angústia [...] está ligada a eu não saber que objeto *a* sou para o desejo do Outro” (p. 353). O enigma se coloca ao sujeito, tal como vimos no pesadelo. O ser questionador esmaga o peito “como todo seu peso opaco de gozo alheio” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 73). Tem-se aí a situação traumática: quando o sujeito encontra-se reduzido a um objeto *a* serviço do desejo do Outro; portanto, exilado de sua subjetividade.

Lembramos que esse enigma é pré-subjetivo. Isso nos remete à dimensão originária, à constituição subjetiva a partir do Outro.

O Outro do desejo que me determina é vestígio do Outro primordial, específico, que me recebeu nesse mundo. O desejo do sujeito não tem sua origem no corpo, mas é conformado pelo que esse Outro para ele desejou. Portanto, a primeira posição do sujeito por vir é a de objeto causa de desejo, posição em que o desejo do Outro o colocou. (RUDGE, 2005, p. 85).

Portanto, a fim de investigar o aspecto originário da angústia é preciso conceder atenção ao tempo primordial. Lacan assinala que não foi anódino o fato de Rank e Freud tentarem “encontrar a origem da angústia no nível pré-especular e pré-auto-erótico, do nascimento, no qual ninguém pensou no concerto analítico em falar da constituição de um eu” (1962-1963/2005, p. 133). Há uma passagem na qual é feita referência ao *ISA* que vale a pena transcrever:

Bastará vocês se reportarem ao texto de Freud. No nível da angústia do nascimento, diz ele, constitui-se toda uma constelação de movimentos, principalmente vasomotores e respiratórios, constelação real esta que será transportada para a angústia em sua função de sinal, à maneira como se constitui o ataque histérico, que é, por sua vez, uma reprodução de movimentos herdados para a expressão de certos momentos emocionais. Isso, com certeza, é totalmente inconcebível. É impossível situar no começo uma relação tão complexa da angústia com o eu. Se, posteriormente, ela poderá servir de sinal do eu, é apenas por intermédio da relação de *i (a)* com o *a*, e precisamente pelo que aí temos de buscar de estrutural, a saber, o corte. (LACAN, 1962-1963/2005 p. 135).

A partir do entendimento freudiano, segundo o qual o sinal de angústia tem por base a angústia traumática, referente ao nascimento, Lacan (1962-1963/2005) indica que a origem da angústia deve ser localizada no corte entre $i(a)$ e a , ou seja, o “caráter de cessão do momento constitutivo do objeto a ” (p. 352). Considerando o esquema óptico, trata-se do momento pré-especular, à esquerda do espelho plano, espaço no qual verificamos que uma porção da libido se destaca da imagem da forma do corpo próprio – a imagem real – não sendo narcisicamente integrada, constituindo-se como um resto da operação de divisão subjetiva: o objeto a .

A leitura do *S10* empreendida por Miller (2005) nos traz um elemento que pode nos ajudar quanto a esse ponto. São indicados dois movimentos presentes ao longo do seminário. O primeiro, referente à *aparicação* do objeto a , e seus efeitos de perturbação. Ele diz respeito ao sinal de angústia e será abordado na próxima seção. O segundo movimento aponta para a causa da aparição, ou seja, para a constituição desse objeto. Nele, está em foco a *separação* do objeto, o momento de sua cessão. Não se trata de uma angústia fenomenológica, sentida, dado que não há um Eu formado. Ela concerne a uma angústia mítica, não localizável empiricamente, derivada de uma construção.

Assim, fica estabelecida a relação entre o momento em que o desejo do Outro surge em sua face real e a angústia traumática. O trabalho de Rabinovich (2005) destaca isso: a angústia traumática ou automática pode ser identificada nesse lugar no qual o sujeito encontra-se como objeto causa do desejo do Outro estando, portanto, à mercê deste. Mas também “[...] diante dessa falta que o desejo testemunha no Outro” (RABINOVICH, 2005, p. 88). Ou seja, a falta de significante no Outro que poderia dizer sobre o ser do sujeito, representada por $S(A)$, ou, como Lacan designa no *S10*, *ponto falta-de-significante*. Como vimos, é a isso que a fantasia visa responder com suas ficções, tamponando essa falta.

Lacan (1962-1963/2005) afirma que a angústia é a única tradução subjetiva do objeto a . Isso quer dizer que, neste instante em que o sujeito, face ao desejo do Outro, encontra-se posicionado como objeto causa do desejo do Outro, o afeto da angústia é a única manifestação subjetiva possível. Trata-se de um ponto, um momento, em que falta o significante, e em que é impossível qualquer significantização.

É o ponto no qual me apreendo como objeto causa do desejo do Outro, em presença do desejo do Outro. É o instante em que realmente me sinto esse objeto e sua tradução é a angústia. Mas de que angústia se trata? Certamente, não da angústia sinal, mas da angústia primordial, essa angústia que rompe todas as defesas, a barreira protetora diante dos estímulos, para dizê-lo em termos freudianos. Qual é,

então, para Lacan, a invasão de estímulos, a invasão econômica que Freud descreve, essa invasão que supera a barreira protetora? O desejo do Outro é o nome que recebe em Lacan o excesso econômico [...] A angústia primordial, a da *Hilflosigkeit*, o desamparo freudiano, é aquilo cuja estrutura o estranho desmascara. (RABINOVICH, 2005, p. 99).

É possível identificarmos que o momento do *Unheimliche* revela uma estrutura – referente à angústia – que estava encoberta por outra – referente à fantasia. Além de angústia e fantasia serem enquadradas pelo Outro, como mencionado, verifica-se uma comunidade de estrutura entre elas. Tal equivalência concerne à relação expressa pela fórmula da fantasia: a relação do sujeito frente ao objeto do desejo do Outro. “A diferença sendo que, na fantasia este objeto se encontra velado, revestido, enquanto na angústia este objeto aparece desnudo revelando a opacidade própria ao desejo do Outro” (SOUZA, 2005, p. 16).

Diante do que foi exposto, percebemos que a angústia originária, no *S10*, corresponde ao encontro com a faceta real do desejo do Outro. Na angústia, há alteridade – “angústia ‘não é’ sem Outro” (VIEIRA, 2008, p. 30). Porém, Lacan é levado a considerar uma alteridade peculiar nesse seminário. O desejo do Outro é caracterizado por um significante opaco, correlativo a uma experiência pré-subjetiva, que acossa o sujeito com um querer enigmático, uma demanda vazia de referências, inconsistente. Portanto, é um querer fora do regime da falta simbólica, apontando para um tipo de falta que justamente inaugura, ou causa, o movimento do desejo, e que é revelada pelo desabamento das ficções fantasísticas. Estar diante dessa alteridade real implica no exílio da própria subjetividade, uma vez tal encontro resolve, ou cancela, todos os significantes aos quais o sujeito estava ligado. Encontra-se reduzido a objeto causa do desejo do Outro, sem saber como será tomado, estando à mercê do Outro. Tal faceta real do desejo do Outro coincide com o limite da linguagem, com a suspensão absoluta do sentido. Dessa forma, entendemos tal dimensão como *pura negatividade*, uma vez que ele é correlativa a uma falta irreduzível ao significante – não há palavra ou imagem que possa dar conta dela. Uma falta, portanto, que fundamenta o registro do real, do *mundo*, distinto da configuração cênica simbólico-imaginária, que se assenta no regime da falta simbólica. O momento em que se está em frente ao desejo do Outro corresponde ao desvanecimento da estrutura da cena, à exposição ao real do mundo: quanto a isso, a angústia é a única manifestação possível.

2.6 – Perigo e Angústia-sinal

Destacaremos uma passagem do *S10* na qual Lacan aborda a teoria de Freud sobre a angústia, em 1926: “Freud, ao término de sua elaboração, fala numa angústia-sinal que se produz no eu [*moi*] e concerne a um perigo interno. É um sinal que representa alguma coisa para alguém, digamos, o perigo interno para o eu” (p. 169). Tem-se aí dois elementos básicos da teoria referente ao sinal de angústia, em *ISA*: é produzido no eu e representa um perigo.

Efetivamente, a angústia como sinal tem relação com o perigo referente ao qual ela exerce sua função de sentinela. Lacan, no seminário de 06 de março de 1963, discursa acerca da diferença entre o medo e a angústia, encaminhando a questão para uma indagação sobre o que seria um perigo. Tal diferença já havia sido abordada por Freud, em *ISA*. Lacan toma, como referência, algumas memórias do escritor russo Anton Tchecov, que narram as situações de pavor pelas quais atravessou.

Na primeira experiência, o autor relata a visão de uma luz, brilhando no alto de um campanário. Não era possível atribuir nenhuma razão para tal fenômeno. Tratava-se de uma chama misteriosa, inexplicável. Em outra vivência, o escritor avistou o que, segundo sua impressão, tratava-se de um vagão fantasma, correndo sobre os trilhos a toda velocidade. Outro momento aludido menciona o encontro com um cão de raça, cuja presença era inexplicável na hora e local em que ocorreu. Lacan identifica tais eventos como arrancados de “qualquer determinismo reconhecível” (1962-1963/2005, p. 177), há algo da ordem do desconhecido implicado nessas aparições. O pavor experimentado por Tchecov refere-se ao registro do medo, e não da angústia. Isso porque, segundo Lacan, em tais situações “[...] não há ameaça, falta a característica da angústia, no sentido de que o sujeito não está pressionado, implicado nem interessando no mais íntimo de si mesmo” (1962-1963/2005, p. 177).

O medo se desenha pelo lado do desconhecido, de modo que ele se refere não exatamente a um objeto discernível, mas de algo que estava por trás do cão e do trem. Neste momento, ao abordar a diferença entre medo e angústia, Lacan procura questionar a ideia segundo a qual o que permitiria fazer a distinção seria a posição de cada um deles em relação ao objeto. A concepção de que o medo teria um objeto definido e objetivo, diferentemente do que ocorreria com a angústia (FREUD, 1926/2014), está aqui sendo posta em xeque.

Tomando-se as recordações de Tchecov, chega-se a isso: o medo tem relação com algo desconhecido, não determinado, que está por trás do objeto. Tal indeterminação corresponde a uma quebra de sentido quanto à realidade compartilhada. O que é sublinhado aqui é a noção de perigo: a ideia de um perigo externo, *em si mesmo perigoso*, sem a participação de algum índice subjetivo, possui um caráter problemático. “*A questão essencial é que, embora localizados, os objetos em questão não pressupunham risco algum para o narrador*” (HARARI, 1997, p. 121).

Diante disso, Lacan questiona, “o que avisa o sujeito de que há um perigo senão o próprio medo, senão a angústia?” (1962-1963/2005, p. 178): o perigo, justamente, é delineado a partir da indicação subjetiva. A característica de sinal é atribuível tanto ao medo quanto à angústia; a diferença entre eles é a implicação subjetiva presente na angústia, o que não ocorre em relação ao medo. Dessa forma, para que uma situação seja configurada como perigosa, faz-se necessária alguma articulação subjetiva, dado que, embora os elementos apresentados na narrativa de Tchecov tenham-lhe despertado medo, isso ocorreu por terem alguma relação com o desconhecido; porém, em si mesmos, não eram perigosos. Não existindo um perigo claro, definível e objetivo, a distinção do medo em relação a angústia, a partir de tal característica, fica fragilizada.

Ainda sobre o perigo a ser sinalizado, Lacan (1962-1963/2005) faz considerações a respeito, tomando-se por base as indicações freudianas presentes em *ISA*:

Em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud nos diz, ou parece dizer, que a angústia é a reação-sinal ante a perda de um objeto. E ele enumera: perda sofrida em bloco, quando do nascimento saído do meio uterino; perda eventual da mãe, considerada como objeto; perda do pênis; perda do amor do objeto; perda do amor do supereu. Ora, que lhes disse eu [...] para colocá-los num certo caminho que é essencial apreender? *Que a angústia não é sinal de uma falta, mas de algo que devemos conceber num nível duplicado, por ser a falta de apoio dada pela falta.* (p. 64, grifos nossos).

A falta do apoio dado pela falta: trata-se de um ponto muito importante abordado no *S10*, observado como algo fundamental pelos comentadores dessa obra (HARARI, 1997; SOLER, 2012; PISETTA, 2009). Lacan (1962-1963/2005) retoma a formulação freudiana segundo a qual a emergência da angústia teria como fator determinante a possibilidade da perda do objeto. Nessa situação marcada pela falta, o sujeito estaria cativo de um excedente pulsional que não encontraria descarga adequada, instalando-se a condição de desamparo. Daí a concepção de perigo, como vimos anteriormente. No *S10*, Lacan propõe essa falta

duplicada, paradoxal. É preciso atentarmos para que a falta em questão refere-se ao *apoio* conferido pela falta. De outra maneira, poderia ser colocado: o apoio dado pela falta poderá faltar. Recorrendo ao esquema óptico, trata-se da falta referente ao $-\phi$, a falta do falo imaginário. Lacan assevera: “tudo o que pode manifestar-se nesse lugar nos desorienta, se assim posso dizer, quanto à função estruturante desse vazio” (1962-1963/2005, p. 67). Sua função estruturante define-se pelo apoio que o falo faltante confere em relação à sustentação da organização simbólico-imaginária.

O falo é uma falta [...] que torna toda imagem e toda nomeação possíveis, sem ter ele mesmo imagem ou significação [...]. Desta forma, esta falta da falta pode ser entendida tomando-se a ausência da função fálica como signo do desaparecimento da função de significação do significante, ou ainda, como a dissolução do imaginário que, articulado ao simbólico, constitui a imagem, um corpo. (VIEIRA, 2001, p. 168).

Como já mencionado na seção anterior, Miller (2005) propõe um primeiro movimento, presente no *S10*, referente às *aparições* do objeto *a* no campo do visível, o que perturba a imagem do Eu, causando estranheza. Segundo ele, ao recorrer ao esquema óptico, Lacan procura dar conta da ligação da angústia com o Eu. Nesse movimento é posto em destaque a angústia sentida, fenomenológica, emitida como sinal. Depreende-se daí que a indicação da angústia corresponderia aos momentos de *Unheimliche*, quando a presença do objeto *a* desestabiliza o campo visual configurado no espelho plano, ou seja, no campo do Outro. Rudge (2005) também entende os breves momentos de estranhamento como emergência da angústia sinal; porém, o afeto indicaria o retorno do recalcado, considerando assim o fenômeno do *Unheimliche* tal como Freud o abordou, em seu trabalho de 1919. Percebemos que essa leitura não é unânime, uma vez que Rabinovich (2005) entende o *Unheimliche* como sendo da ordem da angústia traumática, como exposto no item anterior. Harari (1997) apresenta o mesmo posicionamento.

Essa divergência encontrada entre os comentadores talvez indique o quanto as proposições de Lacan (1962-1963/2005) sobre a angústia, no *S10*, não são tão delimitáveis em termos de categorias como angústia-sinal e traumática/automática. Vejamos um excerto do *S10* no qual ele aborda esse ponto:

A propósito da angústia, o discurso analítico se divide e apresenta duas faces. Observem como é estranho aproximá-las. Por um lado, há quem refira a angústia ao real e nos diga que ela é a principal defesa, a mais radical, a resposta ao perigo mais original, à *Hilflosigkeit* insuperável, ao desamparo absoluto da vinda ao mundo. Por outro lado, afirma-se que, posteriormente, ela é retomada pelo eu [*moi*] como sinal

de perigos infinitamente mais leves, a propósito dos quais o discurso analítico é frequentemente enfatizado, evocando-se o que ele chama de ameaças do *Ich* e do *Es*. Quanto a esse ponto, Jones dá mostras de um tato e um comedimento que faltam a nossos colegas, e simplesmente fala, em algum lugar, de um *buried desire*, um desejo enterrado, para então perguntar: afinal, será mesmo tão perigoso assim o retorno de um desejo enterrado? Será que ele justifica a mobilização de um sinal tão fundamental quanto seria a angústia, se, para explicá-lo, somos obrigados a recorrer ao mais absoluto perigo vital? (LACAN, 1962-1963/2005, p. 153).

Segundo Rudge (2005), o desejo enterrado corresponderia ao desejo recalcado, um perigo infinitamente mais leve, quando comparado ao perigo de aniquilamento. Lacan questiona o valor do perigo sinalizado pela angústia, segundo o discurso analítico clássico. Parece que a noção de um perigo a ser indicado pela angústia, visando fins defensivos, não se constitui enquanto quadro referencial a partir do qual a teorização sobre a angústia é elaborada no *S10*. Vejamos outro trecho que nos parece importante, no que tange a esse ponto:

[...] não há discurso analítico que, depois de fazer da angústia a matéria derradeira de toda defesa, não nos fale de defesa contra a angústia. Assim, é desse instrumento tão útil para nos avisar do perigo que teríamos que nos defender. E eis que, por meio dessa defesa contra a angústia, explica-se toda sorte de reações, construções e formações no campo psicopatológico. Não haveria nisso um certo paradoxo, que exige que as coisas sejam formuladas de outra maneira, ou seja, dizendo que a defesa não é contra a angústia, mas contra aquilo de que a angústia é o sinal? (LACAN, 1962-1963/2005, p. 153).

Identificamos uma crítica à hipótese freudiana, presente em *ISA*, segundo a qual haveria uma correspondência entre tipos ou qualidades de angústia, atinentes a pontos de fixação do desenvolvimento, e configurações psicopatológicas. Porém, o ponto essencial dessa citação incide sobre o questionamento acerca da sinalização.

O sinal, dessa forma, indica o que? Onde “[...] situar a característica de sinal em que Freud se deteve como a mais apropriada para nos indicar [...] o uso que podemos fazer da função da angústia?” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 178). Lacan já havia considerado a indicação da possibilidade da falta faltar; porém, acrescenta outro argumento: somente a ideia de real, como oposta ao significante, em sua “função opaca” (p. 178), permite que nos orientemos.

A ideia de desejo do Outro, em sua faceta real, tem aqui lugar de referência no contorno conceitual do sinal de angústia.

[...] introduzi a angústia como a manifestação específica do desejo do Outro. O que representa o desejo do Outro como sobrevivendo por essa vertente? É aí que o sinal adquire seu valor. Se ele se produz num lugar que podemos chamar topologicamente de eu, realmente diz respeito a algum outro. Se o eu é o lugar do sinal, não é para o eu que o sinal é dado. Isso é bastante evidente. Se isso se acende no nível do eu, é para que o sujeito seja avisado de alguma coisa, a saber, de um desejo, isto é, de uma demanda que não concerne a necessidade alguma, que não concerne a outra coisa senão meu próprio ser, isto é, que me questiona. Digamos que ele me anula. Em princípio, não se dirige a mim como presente, dirige-se a mim, se vocês quiserem, como esperado, e, muito mais ainda, como perdido. Ele solicita minha perda, para que o Outro se encontre aí. Isso é que é a angústia. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 169).

Percebemos que a dimensão do sinal tem relação com um desejo concernente ao próprio ser do sujeito, que o questiona, o anula, solicitando sua perda. Identificamos aqui o enigma, abordado no item anterior, ante o qual o sujeito se encontra reduzido ao objeto causa de desejo do Outro. Podemos entender a angústia como sinal do desejo do Outro, ou *sinal do real*. Lacan aborda a angústia como algo “da ordem da aproximação” (p. 175). Entendemos que ela surge a partir da aproximação do real. A angústia sinaliza uma perturbação entre a relação entre o sujeito e o objeto a^{21} : trata-se do momento em que a fantasia deixa de funcionar como tapume do real, dado que ela passa a não dar conta da irreduzibilidade do real – o objeto a se presentifica. Devemos lembrar que o objeto a se correlaciona a uma perda de gozo. Portanto, refere-se a uma falta irreduzível ao simbólico. O aparecimento dessa falta, correspondente ao objeto a , cancela a falta simbólica, que sustenta o desejo. Como estabelecer relação entre o desejo do Outro e o objeto a , duas noções que se revelam tão essenciais no tangente à angústia? O “vácuo da demanda” (VIEIRA, 2001, p. 166), atinente ao desejo do Outro, que não reconhece nem desconhece o sujeito, enseja o posicionamento deste enquanto objeto a . O aspecto questionador, em forma de enigma, sem referências pelas quais seria possível um norteamto, encaminha o sujeito a um *não saber*, que põe em xeque a consistência imaginária do Eu. “A função angustiante do desejo do Outro estava ligada a eu não saber que objeto a sou eu para esse desejo” (LACAN 1962-1963/2005, p. 353).

Outra ideia importante, presente no *S10*, consiste na concepção da angústia como termo mediano entre o gozo e o desejo. Miller (2005) considera o *S10* como “um mergulho aquém do desejo” (p. 46), especificando, em seguida: “aquém do desejo há o gozo e a angústia” (p. 47). Dessa maneira, trata-se de um percurso do ensino lacaniano no qual se enfoca um tempo anterior à constituição do desejo. A angústia ocupa um tempo intermediário

21 Lembremos que o matema da fantasia, $\$ \diamond a$, escreve a relação entre o sujeito e o objeto a . A angústia sinaliza uma perturbação nessa relação.

entre o gozo e o desejo. Interpõe-se como fenômeno de borda quando a distância entre o desejo e o gozo se apequena, indicando a asfixia do desejo. “Mediante essa intermediação, a angústia serve para o sustento do desejo, porquanto esse requer uma diferenciação entre o buscado e o obtido, a fim de relançar a metonímia, o deslizamento que lhe é próprio” (HARARI, 1997, p. 100). A diferença entre o buscado e o obtido se refere a uma falta simbólica, que viabiliza uma localização. A função opaca pela qual o registro do real é designado remete ao significante opaco que caracteriza o querer do desejo do Outro. A opacidade indica a indeterminação do desejo do Outro, refere-se à impossibilidade de responder a questão “o que o Outro quer de mim?”, apontando para a falta que o significante não cobre, que é atinente ao registro do real. A angústia como sinal do real constitui-se como suspensão do sentido, da abolição das referências propiciadas pela incidência da falta simbólica.

A angústia é uma manifestação afetiva que indica a possibilidade de sufocação do desejo, uma vez que, sem falta, ele não se sustenta. A concepção da angústia como sinal, no contexto do *S10*, alude à preservação da falta simbólica, que viabiliza a sustentação do desejo. O perigo se alinha quanto à possibilidade dessa falta vir a faltar. Vimos que a falta estruturante é perturbada mediante a presença do objeto *a*, fragmento do real, destinado a permanecer oculto. A possibilidade do exílio quanto à própria subjetividade é indicado pela angústia, sua anulação enquanto sujeito de desejo, na medida em que se reduz à condição de objeto do desejo do Outro. Daí podermos considerar a angústia como sinalização da aproximação do desejo do Outro, da irredutibilidade do real ou da falta de apoio dada pela falta. Vemos que a ideia de um sinal, referente a um perigo, que aciona defesas, não corresponde ao recorte argumentativo que delinea as proposições sobre a angústia no contexto do *S10*. Alinhado a isso, a própria noção de uma *função da angústia*, referente ao sinal, também encontra-se esvaziada.

As considerações que Lacan apresenta pertinentes às memórias de Tchevov colocam em destaque a noção do perigo, a partir da diferença entre a angústia e o medo. O perigo é sempre sinalizado por um índice subjetivo, seja ele a angústia ou o medo, pondo em xeque a ideia de um perigo claro, exterior e objetivo. O medo seria a indicação de algo desconhecido, enquanto a angústia envolveria intensa implicação subjetiva: o sujeito se encontraria pressionado no mais íntimo de si mesmo. A partir disso, Lacan questiona a sinalização de um perigo baseado na perda de objeto, relacionado a um desejo recalcado – perigo infinitamente

mais leve, em relação à situação traumática inicial. O cerceamento íntimo, pelo qual a angústia se distingue, remete à aproximação de um desejo que concerne o sujeito em seu ser, questionando-o enigmaticamente. Trata-se do desejo do Outro real, cujo significante opaco anula a grade de significações que poderiam orientar o sujeito. Portanto, diante de tal alteridade, a falta simbólica entra em suspensão, o que leva ao banimento quanto à própria subjetividade, ensejando o posicionamento como objeto do desejo do Outro. Verificamos, assim, que a característica semiotizada da angústia é elaborada a partir das noções referentes às modalidades de falta: a simbólica, e aquela irreduzível ao significante. Estas, por sua vez, correspondem aos diferentes registros da experiência humana: o eixo simbólico-imaginário e o real. No *S10*, a tematização da angústia-sinal nos remete à ameaça referente à revogação da falta simbólica, que ocorre dada a aproximação do registro do real. Daí, a angústia ser entendida como sinal do real, ou a indicação de que a falta simbólica possa faltar, sufocando o desejo, destituindo o sujeito do desejo.

A partir de *ISA*, é possível constatar que a angústia-sinal adquire uma especificação no quadro de referência freudiano, conferindo-se primazia ao perigo referente à castração. Ele implica em uma tipificação da angústia, que sinaliza a perda de algo, como já mencionamos na presente seção. A seguir, abordaremos como o *S10* encaminha tal temática.

2.7 – Angústia de castração

A referência ao tema da castração, no contexto da teoria psicanalítica, remete a algo que foi perdido, ou que está sob a ameaça da perda. Não se trata de qualquer objeto, mas de algo valioso. O falo, único órgão reconhecido pelo menino e pela menina no contexto da fase fálica (FREUD, 1923a/2011), estaria em risco. Freud (1926/2014), como vimos, havia estabelecido que, inicialmente, o perigo ao qual a angústia está relacionada seria a perda da mãe como objeto capaz de impedir a deflagração da situação econômica insuportável, o desamparo. Entretanto, a centralidade é concedida à angústia de castração, que é a referência ordenadora da subjetividade, inclusive retrospectivamente, ao que concerne as fases pré-genitais. O perigo seria aquele referente à perda do falo, órgão altamente investido de valor narcísico, na medida em que garantiria a possibilidade de unir-se novamente à mãe. “Perdê-lo

equivale a experimentar uma nova separação dela, o que é de natureza a despertar o protótipo constituído pelo trauma do nascimento” (SAFOUAN, 2006, p. 178).

Harari (1997) faz alusão às considerações freudianas acerca das perdas que a criança sofre, ao longo de seu desenvolvimento: a perda do seio, referente ao desmame; a perda do cíbalo (fezes), referente a perda de uma parte do próprio corpo, oferecida como prenda ao outro, durante o treino de *toilette*. O autor considera que a angústia concernente a ambos os casos passa por uma compreensão psicológica:

Nos remetemos a perder o que se possuía. [...] [No caso do seio e do cíbalo] é muito fácil representar e apreender a situação de perda, porquanto desaparece algo que até então estava presente, e a angústia seria evidente, segundo o pressuposto imaginário de que sempre se tenta conservar o que se possui. (HARARI, 1997, p. 56).

No que diz respeito à castração, há uma complexidade: não se trata de uma emasculação ou mutilação efetiva; tampouco de ameaças alinhadas ao tipo “vou cortar o seu faz-pipi”, embora estas podem ter sido ditas, tal como ilustra o caso do pequeno Hans (FREUD, 1909/2015). No terreno do visível, apresenta-se uma condição distinta do que seria a esperada, segundo o modelo de perda verificada quanto aos elementos precedentes, o seio e o cíbalo. Nestes casos, a imaginarização é impecável: de fato, verifica-se a perda de algo empiricamente apreensível. A angústia de castração tem por balizamento o falo. Este não equivale ao pênis; é um objeto imaginário. Apesar disso, a condição faltante referente à angústia de castração é revestida de tal peso e centralidade que ela chega a determinar, retroativamente, as angústias oral e anal.

No *S10*, Lacan não se refere ao falo como “objeto imaginário”, mas como uma falta, uma lacuna na imagem especular, $-\phi$, como foi exposto. Como entendermos essa falta?

A designação o falo como um objeto imaginário, remete-nos a uma breve referência aos desenvolvimentos de Lacan atinentes aos anos de 1956-1957, em seu seminário sobre a *relação de objeto* (LACAN 1956-1957/1995). Ele parte da ideia que a falta do objeto é central. Haveria 3 tipos de falta: a frustração, falta imaginária de um objeto real, cujo paradigma seria o seio; a privação, falta real de um objeto simbólico e a castração, falta simbólica de um objeto imaginário. No *S10*, Lacan aborda a privação e a castração, partindo delas para explicitar a falta sob um outro viés.

A privação é ilustrada por meio do exemplo do livro que falta na biblioteca. O exemplar, catalogado no sistema, falta em seu lugar. Ele poderia estar no balcão, muito

próximo àquele que o procura; entretanto, ele não está no lugar estabelecido pelo sistema bibliotecário. Lacan sublinha que, no real, nada falta. “Esse lugar é um lugar apontado pela introdução prévia do simbólico no real. Por isso, a falta de que falo aqui pode ser facilmente preenchida pelo símbolo; ela designa o lugar, designa a ausência, presentifica o que não está presente” (1962-1963/2005, p. 147). Temos aqui o simbólico como o causador de ausência, de falta, no real. Da mesma forma, a mulher não tem pênis, mas se este último não for simbolizado como “o elemento essencial para se ter ou não ter, ela nada saberá dessa privação” (1962-1963/2005, p. 151). Verifica-se que Lacan (1962-1963/2005) destaca o aspecto simbólico da privação que, segundo suas concepções dos anos 50, incide sobre seu objeto. Segundo Soler (2012), “Lacan introduz a privação como uma falta simbólica. Ele distingue o caráter real da privação do caráter da falta [...], falta simbólica” (p. 78). Nas palavras do próprio Lacan (1962-1963/2005), “A privação é algo real, enquanto a falta, por sua vez, é simbólica” (p. 151).

Quanto à castração, Lacan (1962-1963/2005) a qualifica como simbólica, seguindo as considerações presentes no seminário sobre a *relação de objeto* (LACAN 1956-1957/1995). Entretanto, tal como observado em relação à privação, há um acento sobre o tipo de objeto sobre o qual a falta incide; neste caso, o falo, objeto imaginário. Refere-se à castração imaginária, -φ sendo “a castração em sua estrutura imaginária” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 56).

A castração, eu lhes disse, é simbólica. Ou seja, refere-se a um certo fenômeno de falta. Ela aparece no decorrer da análise uma vez que a relação com o Outro [...] é fundamental nela. No nível dessa simbolização [...], uma das formas possíveis de aparecimento da falta é o (-φ), o suporte imaginário da castração. Mas essa é apenas uma das traduções possíveis da falta original, do vício estrutural inserido no ser-no-mundo do sujeito com que lidamos. Nessas condições, não seria normal indagar por que a experiência analítica pode ser levada até esse ponto, e não além dele? O termo que Freud nos fornece como último, complexo de castração no homem e *Penisneid* na mulher, pode ser questionado. Não é necessário que seja o último. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 151).

Esse excerto nos apresenta importantes ideias. Primeiramente, indica que a falta é fundamental na relação estabelecida com o Outro. Isso porque o desejo do sujeito está concernido ao que falta ao Outro e ele não sabe. “É no nível do que lhe falta e do qual ele não sabe que sou implicado da maneira mais pregnante, porque, para mim, não há outro desvio para descobrir o que me falta como objeto de meu desejo” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 32-33). Outro aspecto digno de destaque, nessa passagem do *S10*, é a indicação de uma “falta

original” e de variações decorrentes dela, expresso por “um certo fenômeno de falta”, “uma das formas possíveis” ou “uma das traduções possíveis da falta original”. Tais considerações sobre a falta, viabiliza o questionamento do complexo de castração como sendo o ponto final ao qual pode se chegar um processo de análise. Haveria um além da angústia de castração. Lacan (1962-1963/2005) faz referência aqui às proposições freudianas em *Análise terminável e interminável*, de 1937. A partir da análise de seus pacientes neuróticos, Freud (1937/1996) indicava a existência de um limite, expresso pelo impasse concernente à angústia de castração: nos homens, a ameaça da perda do falo; nas mulheres, o interesse em tê-lo.

Em nenhum ponto de nosso trabalho analítico se sofre mais da sensação opressiva de que todos os nossos repetidos esforços foram em vão, e da suspeita de que estivemos “pregando ao vento”, do que quando estamos tentando persuadir uma mulher a abandonar seu desejo de um pênis, com fundamento de que é irrealizável, ou quando estamos procurando convencer um homem de que uma atitude passiva para com homens nem sempre significa castração e que ela é indispensável em muitos relacionamentos na vida. (FREUD, 1937/1996, p. 269).

O questionamento da intransponibilidade da castração apenas seria possível atendo-se à sua vertente imaginária (-φ), que funciona para constituir o complexo de castração. Os comentadores do *S10* sublinham a importância da castração (como complexo, como angústia referente a ela) ao longo de seu percurso: “No Seminário X, seu desenvolvimento está mais do que nunca centrado na angústia de castração” (RABINOVICH, 2005, p. 66); “Lacan resgatou [...] a proposta freudiana que tinha sido postergada ou, melhor dito, forcluída: trata-se, é claro, da castração. Desde então, o complexo de castração foi recuperado como conceito central” (HARARI, 1997, p. 44); “O objetivo desse seminário será estabelecer uma teoria satisfatória desse complexo [de castração]” (SAFOUAN, 2006, p. 178); “Esse seminário interroga o final de análise freudiano” (MILLER, 2005, p. 26).

Lacan nos brinda com uma colocação que auxilia a delinear a sua proposta conceitual: “[...] a castração do complexo não é uma castração. Disso todo mudo sabe, todo o mundo duvida, mas, coisa curiosa, é algo em que ninguém se detém. [...] Essa imagem, essa fantasia, onde situá-la, entre o imaginário e o simbólico? O que acontece aí?” (1962-1963/2005, p. 102).

Como está evidente no esquema óptico apresentado no *S10*, o -φ, elemento ao qual a angústia de castração se refere, equivale a uma lacuna na imagem, uma falta. Vimos, no item anterior, que se trata de um vazio estruturante. Segundo Vieira (2001), o falo tem uma propriedade essencialmente significativa na medida em que, por si mesmo, ele não é nada: ele

não possui nenhuma imagem ou significação. Entretanto, é uma falta que se constitui como uma referência ordenadora do mundo, dado que torna possíveis toda imagem ou nomeação. Baseando em uma definição de Lacan, o autor refere-se ao falo como “o mediador entre a demanda e o desejo” (VIEIRA, 2001, p. 168), ou seja, ele viabiliza o aparecimento do desejo a partir do coração da demanda. Se o falo desaparece, enquanto falta, “não haveria mais desejo e a própria demanda se esvaneceria na satisfação da necessidade” (VIEIRA, 2001, p. 168). Portanto, $-\phi$ indica uma falta cuja incidência se estabelece como possibilidade de ordenação do plano do Outro, do eixo simbólico-imaginário. Sendo o sujeito do desejo constituído nesse plano, a castração ($-\phi$) é a condição para o movimento do desejo.

Feitas essas considerações acerca da falta referente ao $-\phi$, pode-se entender a chave que Lacan (1962-1963/2005) propõe que permitiria alcançar o verdadeiro sentido ao que Freud (1926/2014) designa como “perda do objeto”, em *ISA*: teme-se perder a falta que permite ordenar o mundo e constituir o desejo. Por isso, Lacan concebe a angústia como afeto relacionado a uma falta “num nível duplicado, por ser a falta de apoio dada pela falta” (p. 64). Quando nada falta, inviabiliza-se o desejo, despertando a angústia, como foi abordado no item anterior, sobre a angústia-sinal. Tudo aquilo que porventura venha a se manifestar nesse lugar de falta, nos desorienta quanto a sua função estruturante. Algumas referências fundamentais são canceladas por esse vazio.

Tomadas as concepções dessa maneira, sublinhamos que a falta atribuída à $-\phi$, castração imaginária, pode ser considerada como uma falta redutível ao significante, ou seja, a falta simbólica. O falo “[...] sustenta, de um extremo a outro, o fantasma alimentado pela criança a partir do momento em que ela insiste em conceber como *faltante* algo que imagina dever encontrar-se ali” (DOR, 1989, p.75). O falo, assim, objeto referente à castração, seria um significante suposto faltar. O significante referente a uma falta concebida, imaginária. A castração seria algo compreendido dentro do eixo simbólico-imaginário, sendo sua intransponibilidade atinente aos limites deste eixo. Se a falta concernente à castração é concebida, correlacionando-se a isso certos elementos que, eventualmente, poderiam preenchê-la – pênis, dinheiro, filho... – verifica-se que, a despeito da suposta redutibilidade dessa falta, há sempre um horizonte no qual a falta se mantém, sendo isso o que permite o relançamento do desejo. Nesse sentido, podemos entender a distinção mencionada por Lacan (1962-1963/2005) entre uma falta original e as versões dela, aqui situando-se a dramaturgia

da castração: as concepções imaginárias, ou ficções, em torno das quais o neurótico faz seu sofrimento gravitar.

Lacan especifica que a dimensão simbólico-imaginário refere-se ao campo edípico, marcado pela lei e pelo desejo, reconhecendo a relação de identidade entre esses dois termos:

O mito de Édipo não quer dizer nada senão isto: na origem, o desejo, como desejo do pai, e a lei são uma e a mesma coisa. A relação da lei com o desejo é tão estreita que somente a função da lei traça o caminho do desejo. O desejo, como desejo pela mãe, é idêntico à função da lei. E na medida em que proíbe esse desejo que a lei impõe o desejá-la, pois, afinal, a mãe não é, em si mesma, o objeto mais desejável. Se tudo se organiza em torno do desejo pela mãe, se devemos preferir que a mulher seja outra que não a mãe, que quer dizer isso, senão que um mandamento se introduz na própria estrutura do desejo? Numa palavra, desejamos no mandamento. O mito de Édipo significa que o desejo do pai é o que cria a lei. (LACAN. 1962-1963, p. 120).

Vê-se que a lei e o desejo possuem o mesmo princípio, uma vez que o objeto que a lei proíbe, direciona a visada do desejo. A estrutura deste se organiza por meio da lei, de um mandamento que, por sua vez, é enunciado pelo pai. É ele quem estabelece, então, as vias pelas quais o desejo se movimenta, normatizando-o. Salienta-se que, em tal modelo, a lei se apresenta a partir da incidência de uma interdição. Esta é a estrutura do campo edípico e do desejo. “O neurótico nos mostra, com efeito, que precisa passar pela instituição da lei para sustentar seu desejo. [...] o neurótico valoriza o fato exemplar de que só pode desejar segundo a lei” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 167).

Ocorre que, no *S10*, como já mencionado, Lacan explora aquilo que está aquém do desejo: “visa um *status* do objeto anterior à lei e ao desejo, anterior à elucubração da conjunção de identidade da lei e do desejo” (MILLER, 2005, p. 39). Há um salto do obstáculo conceitual da angústia de castração no contexto das proposições teóricas do *S10*. Até este momento, a visada de Lacan correspondia na abordagem do real por meio do significante, implicando em “uma significantização generalizada da experiência analítica e dos conceitos inventados para dar conta dela” (Miller, 2005, p. 23).

Lacan (1962-1963/2005) propõe que “[...] a castração deve ser situada em outro lugar que não na ameaça de castração [...]” (p. 186). A castração é abordada por outra referência que não aquela pautada na ameaça de um Outro; Lacan concede atenção ao fato biológico, anatômico, da detumescência do pênis após a cópula.

O sujeito pode chegar à ejaculação, mas é uma ejaculação do lado de fora, e a angústia é provocada pelo fato de o instrumento ser posto fora de jogo no gozo. A

subjetividade focaliza-se na queda do falo. Essa queda também existe no orgasmo normalmente consumado. A detumescência na copulação merece reter-nos a atenção, para valorizar uma das dimensões da castração. O fato de o falo ser mais significativo na vivência humana por sua possibilidade de ser um objeto decaído do que por sua presença, é isso que aponta a possibilidade do lugar da castração na história do desejo. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 186-187).

Em uma leitura rápida, possivelmente chegar-se-ia no entendimento de que Lacan incorre em um retrocesso na teoria psicanalítica, tomando o falo como equivalente ao órgão sexual masculino. Isto seria um equívoco. Como expresso no excerto destacado acima, Lacan valoriza uma dimensão da castração: o pênis tem a característica de ser tumescente e detumescente; ele não está sempre ereto. Lacan propõe pensar a castração a partir desse traço anatômico, no nível do real do corpo, atendo-se ao funcionamento do órgão. Segundo a leitura de Harari (1997), “Lacan insiste em assentar que na castração se acha envolvido o corpo, o que lhe outorga seu suporte no real, pois não se trata do espelho nem do significante” (p. 125). A detumescência do pênis permitiria isolar o objeto fálico como faltante, na medida em que sua flacidez constituiria a comprovação que ele falta, tal como é possível verificar quanto aos outros objetos: as fezes, que se desprendem e caem do corpo e o seio, que falta no momento do desmame. Passa-se a privilegiar o falo-órgão, em detrimento do falo-significante. No *S10*, o -φ seria “um falo *designificantizado* e *desimaginarizado*” (MILLER, 2005, p. 26).

Tomando a castração no nível do órgão como tal, a angústia de castração “[...] não se situa no nível de nenhum agente da castração, de nenhum Outro proferindo ameaças, não se inscreve no Édipo” (MILLER, 2005, p. 35). Entretanto, Lacan não propõe nada semelhante a uma, digamos, *desoutrificação* ou *desalterização*. Pelo contrário, ele sublinha que “[...] a dimensão do Outro está presente na experiência” (1962-1963/2005, p. 69). No *S10*, a castração é deslocada do drama edípico, o novo status da angústia de castração corresponderia a uma “*desedipianização* da castração” (MILLER, 2005, p. 34). Prioriza-se o real do corpo (funcionamento do órgão), bem como a distinção entre desejo e gozo, levando a referência da angústia de castração para a questão atinente à mediação entre os sexos.

Para abordar tal redefinição da angústia de castração, é preciso atentarmos para a distinção entre desejo e gozo, presente no *S10*. Quanto a este ponto, transcreveremos um trecho dele que corresponde à continuação imediata da citação precedente:

É essencial que isso seja posto em relevo, porque, enquanto o desejo não for estruturalmente distinguido da dimensão do gozo, enquanto não se indagar se existe para cada parceiro uma relação, e qual é ela, entre o desejo [...] e o gozo, toda essa história ficará condenada à obscuridade. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 187).

As dimensões do desejo e do gozo são distintas entre si. No *S10* o gozo refere-se a algo não redutível ao significante. Além disso, Lacan (1962-1963/2005) aponta para a particularidade de cada um dos parceiros sexuais no que diz respeito à relação do desejo com o gozo. Isso remete à questão da diferença entre os sexos.

Tomemos parte da definição do verbete “complexo de castração” presente no clássico *Vocabulário de Psicanálise* de Laplanche e Pontalis (2001): “complexo centrado na fantasia de castração, que proporciona uma resposta ao enigma que a diferença anatômica dos sexos (presença ou ausência de pênis) coloca para a criança. Essa diferença é atribuída à amputação do pênis na menina” (p. 73). A diferença sexual constitui-se como enigma e a fantasia da castração é construída como uma resposta a ele. Trata-se de uma falta já verificada, no caso da menina, ou de algo que pode vir a faltar, no caso do menino. Pode-se dizer que a resposta ao enigma é dada por uma falta que permite organizar algumas coisas. Segundo Kupfer (1989), a castração é uma concepção que permite ao sujeito organizar o mundo e a se situar nele, respondendo, de alguma maneira, à pergunta que é levado a articular: “sou menino ou sou menina?”. A partir da inteligibilidade freudiana, podemos averiguar como a castração se aloca na base na constatação da diferença sexual anatômica, constituindo-se como chave para o enigma que tal diferença suscita. Dessa forma, o falo viria a comparecer como resposta que permitiria a mediação entre os sexos, estabelecendo a correspondência entre eles e, a partir disso, possibilitando o ideal de complementaridade. Na fase fálica, ele é convocado a realizar a mediação no plano genital, relacionando os sexos. No entanto, é justamente aí que ele falha, no que tange à mediação no nível do par sexuado: “[...] é o esvaecimento da função fálica no nível em que se espera que o falo funcione, que constitui o princípio da angústia de castração” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 283).

Um pouco mais adiante, encontramos outra passagem muito relevante quanto a isso:

O fato de o falo não se encontrar onde é esperado, ali onde é exigido, ou seja, no plano da mediação genital, é o que explica que a *angústia seja a verdade da sexualidade*, isto é, aquilo que aparece toda vez que seu fluxo recua e mostra a areia. A castração é o preço dessa estrutura, substitui essa verdade. Mas, de fato, esse é um jogo ilusório. *Não existe castração*, porque, no lugar em que ela tem que se produzir, não há objeto a castrar. Para isso, seria preciso que o falo estivesse ali, mas ele só está ali para que não haja angústia. O falo, ali onde é esperado como sexual, nunca aparece senão como falta, e é essa a sua ligação com a angústia. (LACAN, 1962-1963/2005 p. 293, grifos nossos).

Este trecho do Seminário nos traz importantes proposições acerca da angústia de castração. Sendo a angústia a verdade da sexualidade, tudo aquilo que envolve o falo e a possibilidade de perdê-lo é ilusória. Temos aí uma asserção muito forte: não existe castração. Lacan destaca a dimensão de fantasia da castração imaginária: ela substitui a verdade da sexualidade, ou seja, a angústia. De que modo a angústia viria a ser a verdade da sexualidade? É possível inferir, até o momento, que tal verdade concerne à mediação entre os sexos, à possibilidade deles complementarem-se.

Como vimos anteriormente, a angústia é sinal do real, referente à aproximação do Outro real, ou seja, do Outro implicado no gozo e que faz enigma. Vejamos o que Lacan diz sobre essa alteridade e o que se encaminha em termos do complexo de castração:

É normativo, diria eu, que o desejo, a lei que constitui o desejo como desejo, não chegue a concernir a esse Outro [real] em seu centro. [...]. Isso quer dizer que todas as *Erniedrigungen*, as depreciações da vida amorosa, que vem apontadas, pontuadas por Freud, são efeitos dessa estrutura fundamental, que é irreduzível. Aí esta a hiância que não tencionamos mascarar, visto que, por outro lado, achamos que o complexo de castração e o *Penisneid*, que nela florescem, não são, eles próprios, os termos definitivos para designá-la. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 201-202).

Esse excerto nos indica para o esclarecimento da angústia de castração frente a modalidade de falta irreduzível ao significante. Esta é referida como uma hiância fundamental, que é mascarada pela dramaturgia da castração. É por isso que, no *S10*, a tematização da angústia leva a algo além da angústia de castração, apontando para o campo do gozo, para a abolição da ordem do sentido.

Assim, a reivindicação gerada pela castração é ilusória, dado que esta última “[...] encobre a angústia presentificada por qualquer atualização de gozo” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 293). O gozo, como vimos, é distinto da dimensão do desejo, não sendo significantizado; é algo concernente ao real. A ilusão à qual Lacan se refere aqui deriva da “[...] confusão do gozo com os instrumentos do poder” (p. 293). O falo é convocado como um instrumento de potência, “[...] ali onde é esperado como sexual [...]” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 293), mas é onde ele aparece como falta. Quando a falta incide no ponto onde é esperada alguma coisa, começa-se a fomentar a onipotência. Esta onipotência do falo relaciona-se à mediação no plano genital, entre o homem e a mulher. Entretanto, há um limite estrutural: “[...] o gozo do homem e da mulher não se conjugam organicamente [...]. É por não realizar o encontro dos desejos, a não ser em seu desvanecimento, que o falo se torna o lugar comum da angústia” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 290).

Primeiramente, é possível verificar o quanto esse encaminhamento da questão referente ao falo coloca o homem em uma situação de falta, uma vez que, ao tomar o falo como órgão peniano, concede destaque para a sua detumescência. Opera-se uma inversão do padrão freudiano de leitura da diferença sexual, segundo o qual a mulher era castrada e o homem não. As insígnias de onipotência, atribuíveis ao falo, são concebidas visando a realização da complementaridade no plano sexual; porém, há limites quanto a isso: é justamente nesse plano que ele falta, e é isso que viabiliza a sustentação do desejo.

[...] o pênis sustenta o jogo da falta justamente porque costuma faltar. Ele se oferece como suporte natural da ambiguidade do jogo em razão de sua polaridade de base: tudo ou nada, poder absoluto ao longo de alguns minutos e representante flácido, DETUMESCENTE, da potência perdida no restante do tempo. Por estar sempre às voltas com um órgão que não comparece e perde potência a cada esquina, o homem tende a ser mais escravo da conversão fálica. [...] A base passou a incidir sobre a falta e não sobre a completude. Em vez de designar por meio da CASTRAÇÃO a ameaça de amputação sofrida por um ser total, ideal, Lacan assinala a falta que põe o jogo em movimento, a impossibilidade de um gozo absoluto. (VIEIRA, 2008, p. 92).

Percebemos como Lacan salienta a dimensão do real, ou da falta irreduzível ao simbólico, na medida em que ele situa a problemática do gozo entre os membros do par sexuado. A citação de Vieira (2008) nos indica essa falta como a *impossibilidade de um gozo absoluto*. Identifica-se um limite estrutural aí, no qual está inviabilizada uma conjugação de gozos. Esta é a verdade da sexualidade: não existe mediação sexual, uma vez que o falo falta na função de mediador. Tal é a hiância do real, a partir da qual o complexo de castração floresce. Lacan (1962-1963/2005) indica que a “castração do complexo” é uma imagem, uma fantasia. As fantasias atinentes à castração, ilusórias, só podem ser concebidas a partir da falta simbólica, no âmbito do Outro, como abordamos. Elas conferem uma leitura de mundo, a partir da qual é possível se localizar e sustentar ideais de complementaridade.

Sendo a fantasia um anteparo que tampona o real, a castração concebida como ameaça de perda do falo ou inveja do pênis apresenta-se como uma ficção, uma narrativa que, embora implique em uma certa angústia, referente a uma falta, interpõe-se ao encontro com algo pior. Pensamos que não se trata de negar a angústia implicada em situações de perda, mas as proposições de Lacan (1962-1963/2005) apontam para algo referente à angústia que não se reduz ao eixo imaginário-simbólico. Quando a dimensão da fantasia vacila, quando as coordenadas que orientam o plano sexual são abolidas, nos deparamos com a hiância

fundamental, que nos causa horror. Aí esta a verdade. É o que Lacan expressa com a bela analogia referente ao refluxo do mar: “o fluxo recua e mostra a areia”.

Vejamos como essa abordagem da castração, evidenciando a falta do falo como possibilidade de mediação e completude, incide sobre a dialética da relação do sujeito com o Outro simbólico e com o real²².

Lacan (1962-1963/2005), retoma a castração como relacionada com uma falta de significante no Outro, indicada pela notação $S(A)$. No Outro, há um ponto no qual o significante falha, “[...] onde o significante não consegue a articulação entre o gozo sexuado e o simbólico na espécie humana” (RABINOVICH, 2005, p. 82); na bateria de significantes verifica-se uma falta, correspondente ao “[...] significante que garantiria a complementaridade do gozo sexual [...]” (RABINOVICH, 2005, p. 86). O falo, enquanto significante, teria justamente a função de fazer suplência a esse ponto falta-de-significante, ao enigma concernente à diferença entre os sexos, ponto em que, no Outro, desaparece a significância. Dessa forma, ao falo seria concedido o valor de “fornecer a garantia da cadeia significante” (MILLER, 2005, p. 42). A falta, na cadeia, seria solidária de um reenvio interminável de um elemento a outro. Em um processo analítico, é verificável como uma narrativa leva a outra, uma nova ficção substituindo a precedente, ou seja, um reenvio incessante de versões a serem contadas. Atinente a isso, Lacan (1962-1963/2005) qualifica o Outro como o que “[...] se furta na remissão infinita das significações [...], um destino que se perde no oceano das histórias” (p. 56). E ele se pergunta: “[...] o que são as histórias senão uma imensa ficção?” (p. 56). Nesse sentido, caso o falo pudesse, de fato, conceder a garantia para a cadeia significante, no ponto em que ela falha, haveria então um Outro do Outro, uma garantia do Outro simbólico, o que suturaria a falta a ele concernente.

Nesse contexto, segundo Miller (2005), o falo como a garantia do Outro seria uma resposta que validaria o complexo de castração, e a angústia a ele correlata, como o limite do processo analítico (MILLER, 2005). A análise seria concebida dentro dos limites demarcados pelo eixo simbólico-imaginário.

Tal proposição estaria relacionada ao recorte teórico que antecede o *S10*. Neste, Lacan diz o seguinte em relação ao falo como resposta na relação do sujeito com o Outro e com o real:

22 Vale ter como referência a esquema óptico, que nos permite a visualização da distinção entre as duas ordens, separadas pelo espelho plano (A): do lado direito do espelho, as imagens autenticadas pelo Outro simbólico (eixo simbólico-imaginário); do lado esquerdo dele, algo do real fica destacado, sem se projetar no espelho.

Nenhum falo permanente, nenhum falo onipotente é próprio por natureza para fechar, seja pelo que for de apaziguador, a dialética da relação do sujeito com o Outro e com o real. Se com isso tocamos na função estruturante do engodo, será que isso quer dizer que devemos ficar por aí, confessar nossa impotência, nosso limite e o ponto em que se rompe a distinção entre a análise finita e a análise indefinida? Creio que não. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 262).

O limite da análise não está em função do que diz respeito ao falo e a suas insígnias de poder. A relação do sujeito com o Outro e o real não se reduz a isso. Afinal, a complementariedade é impossível. Como foi exposto, o falo e a castração imaginária condizem a um engodo que encobre a angústia. A ilusão referente à onipotência do falo é o que, em uma análise, precisa ser atravessado.

Quanto à posição do sujeito diante da castração do Outro, da falta de significante no Outro – $S(A)$ – há um trecho do *S10* que nos parece muito interessante:

Aquilo diante de que o neurótico recua não é a castração, é fazer de sua castração o que falta ao Outro. É fazer de sua castração algo positivo, ou seja, a garantia da função do Outro, desse Outro que se furta na remissão infinita das significações [...]. O que pode assegurar uma relação do sujeito com esse universo de significações senão que, em algum lugar, existe gozo? Isso ele só pode assegurar por meio de um significante, e esse significante falta, forçosamente. Nesse lugar de falta, o sujeito é chamado a dar o troco através de um signo, o de sua própria castração. Dedicar sua castração à garantia do Outro, é diante disso que o neurótico se detém. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 56).

O falo não pode garantir a função do Outro, ou seja, a resposta significativa é descartada. A resposta que Lacan propõe neste Seminário é essa: a relação do sujeito com o Outro só pode ser assegurada porque, em algum lugar, existe gozo. O objeto a constitui essa resposta. É essa porção de gozo, entregue como um pedaço do corpo ou libra de carne, que causa o desejo. A falta simbólica ($-\phi$) na qual o desejo pode se constituir refere-se a ela, no campo do Outro. Qualquer garantia que suture essa falta perturba, causa angústia: é quando a falta vem a faltar. De maneira que a castração é condição para a sustentação do desejo. Assim, no *S10*, Lacan propõe um atravessamento da castração, situando a angústia em um ponto além da falta que sustenta a estrutura simbólica, para além de $-\phi$. “A angústia, portanto, constitui-se e assume seu lugar numa relação que se instaura *além* do vazio de um primeiro tempo, digamos, da castração. É por isso que o sujeito só tem um desejo quanto a essa *castração primária*, que é *voltar a ela*”. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 226). Entendemos que essa é uma outra forma de apresentar a ideia presente na citação anterior: o neurótico não recua diante da castração; pelo contrário, deseja voltar a ela.

A tematização da angústia de castração no *S10* nos permite a verificação de importantes proposições. A partir da estrutura freudiana dada pelo Édipo, na qual lei e desejo são a mesma coisa, identifica-se $-\phi$ como uma falta preenchível pelo símbolo. É ela que possibilita o relançamento do desejo, viabilizando sua sustentação. É nela também que encontramos a estrutura imaginária da castração: suas versões dramáticas – as ficções, que gravitam em torno da falta, e às quais o neurótico atribui seu sofrimento. Tal concepção da angústia de castração encontra-se circunscrita pelo eixo simbólico-imaginário, limitando-se a ele. Mas não é neste eixo que o afeto da angústia encontra seu fundamento. As considerações acerca da angústia empreendidas no *S10*, direcionam sua referência para além da angústia de castração. No *S10*, Lacan desloca a castração da referência edípica, situando-a no campo da mediação do par sexuado. Por meio do recurso ao falo-órgão, atendo-se à característica detumescente do pênis, Lacan expõe a falibilidade do falo enquanto mediador entre os sexos, o que relativiza a leitura da partilha sexual através da vertente fornecida pela dicotomia fálico-castrado. Referente à relação do sujeito com o Outro simbólico e o real, o falo mostra-se falho enquanto significante que garantiria a função do Outro: há um ponto, no Outro, em que o significante falha, e o falo não sutura essa falta. A distinção apontada entre desejo e gozo, permite a verificação que a conjunção dos gozos é impossível, apontando, então, para uma falta original. Esta, sendo referente ao gozo, é irreduzível ao significante. Essa falta enseja a não complementaridade sexual, a impossibilidade de um gozo absoluto. É isso que permite a manutenção da falta na qual o movimento do desejo se ancora. Portanto, o percurso pela questão da angústia de castração nos coloca, mais claramente, a perspectiva de duas faltas: a simbólica e aquela irreduzível ao significante, que não pode ser simbolizada, na qual a significação é abolida. Tal falta, um irrepresentável absoluto, refere-se a uma parcela de gozo perdida, um pedaço de corpo destacado, que inaugura a dimensão simbólica e causa o desejo.

2.8 – Objeto da angústia

Como foi abordado no capítulo dedicado ao exame de *ISA*, Freud (1926/2014) considera que a angústia não tem objeto. Lacan (1962-1963/2005), divergindo dessa posição, diz que “ela não é sem objeto” (p. 101). Um tópico como este, ao qual nos dedicamos,

intitulado “objeto da angústia”, nos faria supor que, diante desse famoso aforismo de Lacan, a angústia teria um objeto discernível e identificável. No entanto, verifica-se uma sutileza na frase, referente à forma oblíqua “não é sem”. A presença de tal expressão “[...] não significa que saibamos de que objeto se trata. Quando digo Ele não é sem recursos, Ele não é sem astúcia, isso quer dizer que [...] seus recursos são obscuros, sua astúcia não é comum” (p. 101). Assim, a caracterização desse objeto passa por essa qualidade obscura; seus contornos não são claramente delineáveis.

Essa característica fundamenta-se no fato dele ser distinto daquele tipo de objeto que é estruturado pela grade do sulco, pelo fechamento dos “lábios do corte dos significantes” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 87). Ele não é significantizável. Daí a dificuldade de falar sobre ele, de defini-lo como uma substância, algo positivado, empiricamente identificável.

Lacan qualifica esses objetos estruturados pelo significante como aqueles que normalmente circulam no campo da partilha. “São objetos cotáveis, objetos de troca” (1962-1963/2005, p. 103). Seu status se encontra no âmbito da concorrência, são intercambiáveis, derivando em acordos e rivalidades no que diz respeito a sua posse. Situa-se também na ordem do que é articulável pelo significante – a demanda – admitindo fácil localização entre as coisas do universo simbólico. Ou seja, o objeto da partilha, ou objeto da demanda, é o objeto comum, caracterizado por ser “comunicável, socializável” (1962-1963/2005, p. 103). Ao contrário disso, o objeto referente à angústia é “privado e incomunicável” (1962-1963/2005, p. 100).

No início do percurso desse seminário, Lacan (1962-1963/2005) nos diz que o afeto “[...] não é recalcado. Isso, Freud o diz como eu. Ele se desprende, fica à deriva. Podemos encontrá-lo deslocado, enlouquecido, invertido, metabolizado, mas ele não é recalcado. O que é recalcado são os significantes que o amarram” (p. 23). Verifica-se uma disjunção entre aquilo que é da ordem do significante e aquilo que é referente ao afeto. Ao abordarmos o objeto *a*, isso nos parece interessante, pois o afeto da angústia é a “sua única tradução subjetiva” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 113), estando a via significante incapaz de apreendê-lo.

O significante é definido como “o que representa um sujeito para um ser significante”, diferente do signo que é “o que representa algo para alguém” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 73). Tais balizas conceituais nos permitem verificar que o significante não se caracteriza por uma tradução fixa ou exata, não se emparelha a determinado significado. Ao contrário, este

último emerge como efeito da articulação significante. O significante, em si mesmo, é um traço vazio, não significa nada, é puro *non sense*, que adquire valor a partir da relação com outros significantes (FERREIRA, 2002).

O significante, então, é um traço, até se articular em cadeia. Lacan (1962-1963/2005) aborda a questão quanto ao modo de humanos e animais lidarem com traços, rastros, vestígios. Ambos operam com eles. Verifica-se que os animais apagam seus rastros ou os deixam no ambiente, definindo limites, constituindo territórios. O foco da argumentação incide sobre o apagamento dos traços.

O animal [...] apaga seu rastro e cria rastros falsos. Mas, será que com isso cria significantes? Há uma coisa que o animal não faz – ele não cria rastros falsos, isto é, rastros tais que sejam tomados como falsos, embora sejam os vestígios de sua verdadeira passagem. Fazer rastros falsamente falsos é um comportamento que não direi essencialmente humano, mas essencialmente significante. [...] Quando um traço é feito para ser tomado por um falso traço, sabemos que há aí um sujeito falante, sabemos que há aí um sujeito como causa. (LACAN, 1962-1963/2005 p. 75).

Deste modo, a dimensão significante comporta uma equivocidade. “[...] O significante gera um mundo, o mundo do sujeito falante, cuja característica essencial é que nele é possível enganar” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 87). Sendo assim, o fato do objeto *a* ser inapreensível pelo significante remete a um outro aforismo de Lacan, presente nesse Seminário: a angústia é “*aquilo que não engana*” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 88), o afeto que não engana. Isso porque, como já indicado, a dimensão do significante é caracterizada como essencialmente enganadora, propícia ao equívoco. No *S10*, Lacan deixa a referência do eixo ordenado pelas leis da linguagem, justamente porque aí reside a possibilidade do equívoco. Sua visada aponta para o registro do real, no qual é situado o objeto ao qual a angústia está relacionada.

O objeto em questão, sendo irreduzível ao significante, tem sua designação escolhida baseada nessa característica: objeto pequeno *a*, ou objeto *a*. A notação algébrica, simplesmente *a*, “[...] tem por fim [...] dar-nos um posicionamento de pura identidade” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 98). Como vimos, o valor de um significante só pode ser decidido a partir de sua relação com os demais. O objeto *a* está fora da significação; portanto, fora da dimensão do equívoco.

Mesmo em relação ao termo *objeto*, quando utilizado na designação do pequeno *a*, Lacan indica uma certa reserva. A palavra é constituída a partir da relação sujeito-objeto,

implicando na oposição entre seus termos. Deriva-se daí, a dicotomia expressa pelo binômio subjetividade-objetividade. A despeito do pequeno *a* ser um objeto, ele é “[...] um objeto externo a qualquer definição possível de objetividade” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 99). É externo à objetividade por tratar-se de uma “irradiação *ultra-subjetiva*, o lugar central da função pura do desejo” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 236, grifo nosso). Portanto, o uso da designação *objeto*, para o pequeno *a*, tem caráter metafórico, indicando um paradoxo naquilo que diz respeito à relação sujeito-objeto: ele é, a um só tempo, objeto e não objetivo; pelo contrário: é extremamente subjetivo.

A propósito da angústia, ao propor que “ela não é sem objeto” (1962-1963/2005,p. 113), Lacan diz que tal aforismo orienta para esse objeto *a*. Orienta, conduz, aponta para esse objeto. Como já foi expresso aqui a respeito da expressão “não é sem”, a relação do objeto *a* com a angústia não pode ser reduzida a caracterizá-lo como sendo o objeto da angústia. Nessa relação, não é a angústia que ocupa a posição central ou a referência primeira. Neste seminário, é o objeto *a* que ocupa o lugar de protagonista, a angústia constituindo-se como a forma de abordá-lo.

O objeto *a*, este ano, está no centro de nosso discurso. Se ele se inscreve no âmbito de um Seminário que intitulei de “a angústia”, é por ser essencialmente por esse meio que se pode falar dele, o que também quer dizer que a angústia é sua única tradução subjetiva. (LACAN, 1962-1963/2005,p. 113).

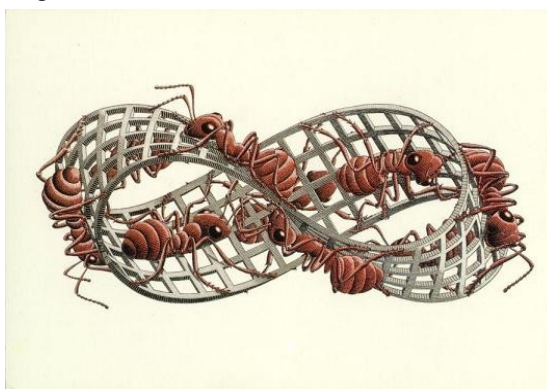
Ao contrapor o objeto *a* ao objeto comum, aquele que é estruturado pelo significante, Lacan (1962-1963/2005) faz uma consideração acerca da especularidade. O objeto comum é “construído a partir da relação especular” (p. 109), enquanto que o objeto *a* não possui imagem. Assim, recorrendo ao esquema óptico, podemos identificar o objeto comum como correspondendo à imagem do vaso refletida no espelho plano, do Outro (A): $i'(a)$. Temos aqui o próprio Eu e os demais objetos que são constituídos a partir dele, chancelados pelo narcisismo.

Baseando-se nos princípios da óptica, o que faz com que uma imagem especular seja distinta daquilo que ela representa é a inversão direita-esquerda: por meio da especularidade, o que é direito transforma-se em esquerdo e vice-versa. Ao tomarmos uma luva, por exemplo, sua imagem duplicada corresponderia ao resultado obtido por meio da manobra que consiste em sua virada pelo avesso. Assim, a passagem da luva direita para a esquerda ocorreria dado que, nesse caso, estamos lidando com um objeto cuja superfície é simples. Isso é o que ocorre

no âmbito dos objetos comuns. A propósito, Lacan (1962-1963/2005) lembra a notória formulação freudiana em relação à instância do Eu: O Eu é “a projeção de uma superfície” (FREUD, 1923b/2011), apresentada em *O Eu e o Id*. Freud considera o Eu, sobretudo, como corporal. A superfície projetada condiz com aquela da imagem do corpo projetada no espelho; é a leitura que pode ser feita, quanto às formulações de Freud, à luz das elaborações de Lacan acerca do *Estágio do Espelho* (LACAN, 1949/1998). Lembramos que o espelho é uma metáfora utilizada para significar o momento da assunção da própria imagem especular, unificada, delimitada por uma superfície ou borda, simples, que permite distinguir o dentro e o fora; o que é *Eu*, daquilo que é *não-Eu*. Embora nosso interesse nessa pesquisa não seja o narcisismo, tais colocações ganham lugar aqui para destacar essa linha ou borda simples, que delimita a imagem, característica da especularidade dos objetos comuns (tal como o Eu).

Para abordar a não especularidade do objeto *a*, Lacan recorre à topologia²³, correlacionando a estrutura do objeto *a* à forma de uma figura topológica conhecida como *banda de Moebius*. Ela serve para ilustrar a capa da edição do *S10*, representado em uma gravura do artista holandês Maurits Cornelis Escher chamada *Fita de Moebius II*, datada de 1963 (RIVERA, 2013).

Figura 4: Fita de Moebius II, de Escher



Fonte: <<http://maraeducare.blogspot.com/2014/02/aplicaciones-de-la-increible-cinta-de.html>>

23 Ramo da matemática que se dedica ao estudo de espaços, superfícies e suas propriedades. Lacan recorreu a certo número de superfícies topológicas para explicar as consequências, para o sujeito, na qualidade de falante, de sua dependência radical da cadeia significante (\$). Com isso, visaria construir uma estética distinta daquela proposta por Kant, dado que esta teria permanecido na falsa evidência da geometria euclidiana. Por meio das figuras topológicas, tratava-se de elaborar uma estética que pudesse demonstrar uma lógica da falta, salientando sua dimensão essencialmente negativa (CONTÉ, 1996).

Essa figura topológica é construída a partir de uma tira de papel. Nela é feita uma torção e, em seguida, unem-se as duas pontas. Como resultado, tem-se um elemento cuja superfície corresponde a uma face única, contínua. O efeito de torção confere a impressão de ela possuir dois lados quando, na verdade, ela é unilateral. Assim, não há distinção entre dentro e fora; portanto, não há projeção, tal como se verifica em relação ao Eu e demais objetos comuns.

Sendo unilateral, ela não pode ser abordada pelo esquema direita-esquerda (dois lados: bi-lateralidade), de modo que o que apareceria no espelho seria algo idêntico a si mesmo, uma vez que não incidia a passagem da direita para a esquerda, como ocorre com os objetos fundados na relação especular. É o que se verifica quanto ao objeto *a*, ao dizer que ele é desprovido de imagem especular.

Uma formiga que caminhe por ela passa de uma das faces aparentes para a outra sem ter necessidade de passar pela borda. Em outras palavras, a banda de Moebius é uma superfície de uma única face, e uma superfície de uma única face não pode ser virada. Se vocês a virarem sobre si mesma, ela será sempre idêntica a si mesma. É a isso que chamo não ter imagem especular. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 109).

Sobre essa passagem, sublinhamos o passeio da formiga que, aparentemente, percorre duas faces. Não há interior e exterior e tal característica do objeto *a* possibilita averiguar um importante aspecto a seu respeito: a noção de causa.

Lacan parte da ideia de objeto do desejo, atinente às proposições da tradição filosófica moderna, em especial a fenomenologia de Husserl. Segundo esta, seguindo o comentário de Lacan (1962-1963/2005), todo pensamento estaria voltado para alguma coisa a sua frente. Então, ele questiona se, quanto ao desejo, seria possível conceber uma intencionalidade vetorizada para um objeto. “Será que o objeto do desejo está *à frente*? (LACAN, 1962-1963/2005, p. 114). Faz menção à *Conferência 32*, que integra as *Novas conferências introdutórias à psicanálise*, na qual Freud (1933/2010) afirma que a meta ou o alvo da pulsão (*ziel*) não corresponde ao objeto da pulsão (*objekt*). Essa ideia já havia sido abordada no contexto do ensaio metapsicológico *As pulsões e seus destinos* (FREUD, 1915/2010). O objeto está localizado no exterior, enquanto a satisfação está relacionada ao interior. Baseado nisso, Lacan (1962-1963/2005) propõe um exterior (ao qual o objeto está relacionado), anterior à interiorização.

[...] o objeto *a* não deve ser situado em alguma coisa que seja análoga à intencionalidade de uma noese. Na intencionalidade do desejo, que deve ser distinguida dele, esse objeto deve ser concebido como causa do desejo. [...] o objeto está atrás do desejo [...] É a ideia de um exterior de antes de uma certa interiorização, que se situa o *a*, antes que o sujeito, no lugar do Outro, capte-se na forma especular, [...], forma esta que introduz para ele a distinção entre o eu e o não-eu. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 114-115).

É a esse exterior, anterior à interiorização, que a ideia de causa do desejo está relacionada. Não se trata de um exterior tomado da díade interior-exterior ou dentro-fora. É um exterior íntimo.

Lacan lembra que o objeto comum, derivado da imagem especular, está submetido às leis da estética transcendental kantiana, que tomam as dimensões de tempo e espaço como evidentes, o objeto da ciência incluindo-se entre eles. O status do objeto *a* escapa a tais leis. É proposta “uma causalidade que não é ‘dentro’ nem ‘fora’. O registro em que se engendra esse objeto como causa (‘exterior antes de toda interioridade’) não cabe na representação” (COSTA-MOURA, 2006, p. 125-126). Como já foi dito, ele é externo a qualquer definição de objetividade.

À objetividade, Lacan opõe o termo “objetividade” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 236) para caracterizar o objeto *a*. Segundo ele, a objetividade é correlata de um *pathos* de corte. Trata-se especificamente da incidência do corte significativo que enseja a constituição subjetiva, “que Lacan chamou de *pathos*, ressaltando bem a dramaticidade do corte significativo, que não é simplesmente uma intervenção geométrica. É um corte que deixa uma *escansão viva*” (COSTA-MOURA; COSTA-MOURA, 2011). O corte promovido pelo significativo incidiria sobre algo referente ao corpo. Trata-se do corte do significativo no real, indicando o campo que é situado pelo corte que é introduzido.

O problema está na entrada do significativo no real e em ver como disso nasce o sujeito. Será que isso quer dizer que nos encontramos como que diante de uma espécie de espírito que baixa, de aparição de significantes alados? Significa que eles começariam sozinhos a cavar seus furos no real, e que no meio apareceria um furo que seria o sujeito? Penso que, quando introduzo a divisão real-imaginário-simbólico, ninguém me atribui tal intenção. [...] trata-se de saber justamente o que permite que esse significativo se encarne. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 100).

Lacan (1962-1963/2005) problematiza a encarnação do significativo, relacionado-a com a constituição do sujeito. O que permite a entrada do significativo é, em princípio, aquilo que se tem para tornar-se presente uns aos outros: o corpo. Porém, Lacan alerta que esse corpo não corresponde àquele concebido pelo idealismo. Refere-se ao corpo que não se

confunde com aquele derivado da experiência do estágio do espelho, portando, inserido no eixo simbólico-imaginário – esse corpo está relacionado ao sujeito constituído pelo significante.

É por intermédio do Outro que o sujeito se realiza; é em seu campo que ele se constitui: “[...] só há sujeito através do significante, da passagem para o significante” (LACAN, 1962-1963/2005 p. 168). Lacan designa o momento anterior à constituição subjetiva como “o sujeito do gozo” (1962-1963/2005 p. 192), tomando o cuidado de especificar que está, assim, referindo-se a um nível mítico, sendo imprecisa a designação de “sujeito” para um ser sobre o qual a operação significante não se deu. Refere-se ao S (S sem barra: um “sujeito” não barrado). Soler (2012) o denomina como ser natural ou ser vivente. Portanto, ao falar do corpo referente à encarnação do significante, reporta-se a algo da ordem do gozo, “da identidade do corpo, antecedendo ao próprio corpo quanto à constituição do sujeito” (LACAN, 1962-1963/2005 p. 341).

Tal como o falo, que foi abordado a partir do órgão, Lacan parece recorrer ao registro orgânico, despido do recobrimento simbólico-imaginário, ao referir-se ao corpo. Sublinha-se que uma parte do corpo é arrancada, destacada dele, entendendo-se ela como pura falta, uma hiância, que comparece com sua função de causa. Como já mencionado, a dimensão de causa tem relação com o *externo interior*, ou com um *exterior íntimo*, antes da interiorização. Relacionado a isso, Lacan especifica que a separação produzida pelo corte corresponde a uma “divisão por dentro” ou uma “separação fundamental” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 259). Lança-se mão de uma analogia com o corte verificado entre o bebê e seus envoltórios embrionários para ilustrar o que se passa com a separação do objeto *a*: uma parte de si é perdida. Tal fragmento é externo desde a referência simbólica, uma vez que ele não integra sua estrutura; porém, paradoxalmente, é uma parte íntima, ultra-subjetiva. Trata-se de uma parte de *si mesmo*, cujo “*si mesmo*” tem relação com o “sujeito de gozo”, ser vivente antes da entrada na linguagem. A causa refere-se a uma exterioridade inassimilável, que demarca um campo, o registro real.

Visto do interior da ordem simbólica, o objeto aparece como seu irreduzível e constitutivo exterior – e, por isso, causa de sua incompletude (“exterior antes de toda interioridade”). Por outro lado, se se pretende “sair” da ordem simbólica para apreender o que seria o objeto “nele mesmo” e não por meio de seus distorcidos reflexos simbólicos, o objeto apresenta-se como negatividade que só se faz contar como corte. (COSTA-MOURA, 2006, p. 125).

Segundo Lacan, ao término da subjetivação, operação correspondente a uma divisão, obtém-se como resultado o sujeito do inconsciente: \$, sujeito barrado. A barra diz respeito aos limites impostos ao gozo, a partir do momento em que o ser vivente tem acesso à linguagem, ao mundo simbólico. Entretanto, tal divisão não se efetiva completamente. Lacan (1962-1963/2005) identifica um resto da operação subjetiva, algo irreduzível ao significante: o objeto *a*. Ele constitui-se como um resto da divisão.

Em relação ao Outro, o sujeito depende desse Outro inscrever-se como um cociente. É marcado pelo traço unário do significante no campo do Outro. Não é por isso [...] que ele corta o Outro em rodela. Há, no sentido da divisão, um resto, um resíduo. Esse resto, esse Outro derradeiro, esse irracional, essa prova e garantia única, afinal, da alteridade do Outro, é o *a*. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 36).

Vemos que o objeto *a* corresponde a um resto de alteridade, ou seja, nem tudo cabe no campo do sujeito. Ele assume a “função de metáfora do sujeito do gozo” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 193), com uma precisão: essa caracterização somente estaria correta caso o *a* fosse assimilável ao significante, viabilizando a função da metáfora. “Ora, ele é justamente o que resiste a qualquer assimilação à função do significante, e é por isso mesmo que simboliza o que, na esfera do significante, sempre se apresenta como perdido, como o que se perde para a ‘significância’” (p. 193). O ingresso do sujeito na linguagem lhe outorga a existência como sujeito, algo distinto do puro real orgânico. Contudo, isso opera sob o preço de uma perda *de si*, um pedaço de carne/gozo, que situa o seu ser num ponto irrepresentável, condenando-o à busca incessante por uma representação que poderia responder pelo seu ser. Tal perda faz com que se incida uma fenda, ou uma abertura – falta que não pode ser representada, mas pode ser presentificada: nas aparições do objeto *a*, que são angustiantes.

No tópico anterior, ao abordarmos a angústia de castração, foi dito que a forma da castração, $-\phi$, suporte imaginário dela, seria apenas uma das traduções da falta original. O objeto *a* seria correlato a essa falta, irreduzível ao significante, “[...] uma falta que o símbolo não supre” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 152). Como ilustração dessa falta, faremos uma breve incursão clínica, atentando para a leitura que Lacan (1962-1963/2005) empreende de um historial clínico elaborado pela psicanalista britânica Margaret Little²⁴.

O relato de Little (1957/2007) procura condensar o percurso de uma análise que durou cerca de 10 anos. Apresenta o caso de Frieda, encaminhada por uma assistente social

²⁴ Trata-se de um artigo chamado *A resposta total do analista às necessidades do seu paciente*, publicado originalmente no *International Journal of Psychoanalysis*, edição de maio-agosto de 1957.

psiquiátrica que acompanhou seu interrogatório, após um de seus furtos. O motivo do encaminhamento eram os roubos que ela praticava. Entretanto, a paciente passou mais de um ano de tratamento sem fazer qualquer menção quanto a isso.

Seu pai fora um “homem brilhante, porém egoísta, vão e megalomaniaco” (LITTLE, 1957/2007, p. 96). Ele, como a mãe de Frieda, era judeu. Acreditava que nada o podia atingir, o que o fez manter-se na Alemanha nazista, muito embora o restante de sua família já houvesse emigrado para outros países. Foi levado a um campo de concentração, onde acabou morrendo. A mãe, ainda viva, mostra-se “possessiva em alto grau, mesquinha, orgulhosa e mentirosa” (LITTLE, 1957/2007, p. 96).

A analista qualifica sua infância como traumática. Os pais a exploravam, assim como aos demais filhos. Dela era exigida a responsabilidade pelos irmãos mais novos e era forçada a servir ao pai, a realizar coisas que ela seria capaz de fazer por vontade própria, dado que gostava dele. Diante de uma falha ou oposição, os pais a puniam com castigos físicos e exploração psicológica.

A análise foi levada de forma ordinária ao longo dos primeiros 7 anos, com muitas interpretações transferenciais, que não tinham sentido para a paciente. Segundo Lacan (1962-1963/2005), “nenhuma dessas interpretações, por mais sutis e variadas que as elabore a analista, chega sequer a roçar por um instante a defesa de seu sujeito” (p. 158). A paciente mantinha-se apegada emocionalmente à mãe e o luto em relação ao pai não havia sido sequer iniciado (LITTLE, 1957/2007).

Subitamente, o andamento da análise sofre uma mudança. A paciente apresenta-se, em uma de suas sessões, com o rosto inchado devido a um choro incessante, em estado de franca agonia. Relata que uma amiga, chamada Ilse, havia morrido na Alemanha, após um procedimento cirúrgico. À analista parece pouco justificável uma reação assim. Qualquer comentário precedente a respeito de Ilse não a destacava dentre as pessoas já mencionadas pela paciente. Ela era uma amiga de seus pais.

Little recorre ao expediente das interpretações de transferência. Porém, nada disso a atingia. Durante as sessões, sua fala restringia-se ao tema da amiga morta e não conseguia deitar-se no divã, andando pelo consultório, contorcendo as mãos e chorando muito. “Durante cinco semanas esse estado de aguda aflição permaneceu imutável” (LITTLE 1957/2007, p. 98). Via a amiga em vários locais – em lojas, ônibus, nas ruas – dando-se conta, entretanto, de

que se tratava de outra pessoa. Todas as interpretações eram refratárias; a paciente mostrava-se “fora de contato” (p. 98).

Sua vida estava em evidente perigo, tanto pelo risco de suicídio como pelo cansaço extremo; eu devia fazer alguma coisa para interromper isso. No final, disse-lhe o quanto a sua aflição era dolorosa, não só para ela, mas para a sua família e para mim. Disse que ninguém podia permanecer perto dela sem se sentir profundamente afetado enquanto ela estivesse nesse estado; eu sentia o pesar junto com ela, por ela, pela sua perda. (LITTLE 1957/2007, p. 99).

Segundo a analista, essa intervenção teve um efeito quase imediato. A paciente mostrou-se mais calma, seguindo-se um período no qual sua análise recuperou o movimento. Little entende o que aconteceu sob o prisma da expressão dos verdadeiros sentimentos do analista; dos efeitos positivos que isso poderia ter sobre o paciente.

Segundo Lacan (1962-1963/2005), a intervenção da analista introduz um corte, sendo isso o que atinge a paciente, viabilizando uma virada em seu discurso ao permitir a transferência para “a relação com a analista a reação de que se trata nesse luto [...]: de haver uma pessoa para quem ela pode ser uma falta” (p. 159). Foi evidenciado para a paciente que, do lado da analista, há angústia. A paciente ocupou o lugar de objeto, provocando a divisão subjetiva na analista (BERNARDES, 2005).

A função do corte, introduzida no caso por uma via involuntária, é distinguida como sendo a operação que destaca um lugar de falta. Em toda a relação com seus pais, Frieda não pode apreender-se como falta. A mãe sempre a tomara como uma extensão de si mesma, um “instrumento de ameaça e chantagem, [...] mas nunca algo que pudesse ter relação causal em relação a seu próprio desejo” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 161). A falta em questão causa desejo, não sendo preenchível, irreduzível ao significante, portanto. “A forma primordial da causa é a causa de um desejo” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 321).

A leitura de Lacan do caso clínico apresentado por Margaret Little permite identificar a característica referente à objetividade, que se distingue pela função do corte. No caso, tal função foi introduzida a partir da revelação de uma falta no Outro. A intervenção da analista incidiu um corte que, por sua vez, estabeleceu uma hiância, uma abertura, concernente à função de causa. “Fenda, buraco, tropeço, surpresa, rachadura, vacilação, descontinuidade, eis alguns dos termos escolhidos por Lacan para referir-se à causa. Conforme nos propôs, a causa seria justamente uma função. E haveria, nesta função, uma hiância” (GIANESI, 2014, p. 54).

Os comentários sobre o caso sublinham essa apreensão, por parte do sujeito, em ser uma falta para alguém, causando algo. “Ver aparecer a angústia na analista abriu para este sujeito seu lugar de causa” (BERNARDES, 2005, p. 118). Essa falta, que causa, não é redutível ao significante, correspondendo a uma das características do objeto *a*.

A forma oblíqua por meio da qual Lacan faz referência ao objeto *a*, em sua relação com a angústia – ela não é sem objeto – nos permitiu antever que se trata de um objeto atípico. Ele se constitui como elemento anterior à ordem da linguagem, cuja articulação propiciada pelo significante viabiliza a dimensão da objetividade. Esta, sendo atinente aos objetos do conhecimento, dentro do enquadre estabelecido pelas referências do espaço e do tempo. Ao objeto *a* é reservada a característica de objetividade, uma vez que é ele o que localiza o corte que o significante faz incidir no corpo. Trata-se, portanto, de uma formulação teórica que se relaciona à encarnação do significante que, ao se dar, produz um resto, ou melhor, arranca “uma parte de nossa carne” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 237), uma fração de gozo, irrecuperável. Isso corresponde a uma falta que o símbolo não supre, justamente por ser concernente a algo não reconhecido pelo Outro, algo fora de suas balizas: o gozo. Daí a dificuldade em apreender tal objeto a partir das coordenadas fornecidas pelo eixo simbólico-imaginário. Entretanto, embora não integrado a esse eixo, o objeto *a* se refere a uma falta que tem efeitos sobre ele. A ele é atribuída a função de causa.

[...] a causa, mais que uma noção, designa uma hiância, na medida em que aparece como conceito inalisável, que só podemos constatar. Por outro lado, a existência das grandezas negativas mostra que a causa, como *grandeza negativa*, não é um nada. Embora a razão não possa designá-la a não ser pelo *negativo*, a causa não é simplesmente ausência de um princípio positivo, ela é [...] real. (COSTA-MOURA, 2006, p. 120).

Uma causalidade referente a um exterior inassimilável, paradoxalmente íntimo, um *externo interior*, ultra-subjetivo. A razão nos leva a pensar essa causalidade como algo negativo – já que é uma falta irredutível ao significante. Porém, em que pese seja essencialmente negativa, ela não corresponde a uma nulidade; ela demarca um outro registro, um campo distinto: o real.

Entendemos, assim, que o objeto *a* não é propriamente o objeto da angústia. Tal sentença se afinaria com a afirmação de que a angústia *tem* ou possui um objeto. No entanto, o que o *S10* nos apresenta é que ela *não é sem* objeto. O objeto *a* indica uma negatividade, sob a perspectiva da significância e especularidade, atinente ao eixo simbólico-imaginário. A

aparência desse objeto corresponde à supressão do sentido engendrado por essa dimensão, apontando para a fenda não suturável, irremediável pela linguagem. Face ao sem sentido, o afeto da angústia é única expressão possível. Assim, a angústia *não é sem* objeto, dado que ela é a única tradução subjetiva desse objeto. Ele é “parte sem relação com o todo; que evoca não uma totalidade, mas a falta radical de totalidade” (COSTA-MOURA, 2007, p. 178). O objeto *a* indica algo que não se integra ao conjunto simbólico, estando dele irremediavelmente separado, e evoca uma falta radical, constituindo-se como a garantia da alteridade, da remissão infinita das significações.

Admitindo-se limitações atinentes à leitura e interpretação da grade conceitual lacaniana, a incursão pelo *S10* nos permitiu verificar que o tema da angústia serviu a Lacan como via de abordagem do objeto pequeno *a*. A construção de tal conceito é o que está em pauta nas aulas que compõe esse seminário. A angústia se presta a tal propósito por se tratar de um afeto que não engana, ou seja, que não se constitui a partir do significante. Pelo contrário, a angústia é um peixe que escapa da rede significante, sempre que se tenta circunscrevê-la ao conceito. A abordagem da angústia no *S10* remete ao tempo pré-subjetivo, aos limites da linguagem, ao momento da encarnação do significante. Esse tempo, referente à constituição subjetiva, implica na perda de um pedaço do corpo, ou uma parcela de gozo, o que permite a entrada na ordem simbólica. A distinção entre o campo do gozo e a ordem simbólica, no *S10*, é correlativa ao estabelecimento de duas modalidades de falta: uma que sustenta o eixo simbólico-imaginário e outra, que é irreduzível ao significante.

Vimos também que a angústia não é sem Outro. Porém, não se trata de uma alteridade que se confunde com o Outro simbólico. O desejo do Outro é apresentado em sua faceta real, concernente a um significante opaco que faz enigma ao sujeito, que o questiona em seu ser. Entendemos que a aproximação dessa alteridade corresponde à iminência do real, frente ao qual não é possível a sustentação do sujeito do desejo, sendo este reduzido à posição de objeto causa do desejo do Outro.

As proposições do *S10* nos parece divisar a distinção da ordem do real, na medida em que elas enfocam o campo aquém do desejo. A construção do objeto *a* é relativa à busca por uma causalidade não relativa à articulação significante. A abordagem da angústia nesse seminário, põe em destaque o real, em detrimento do campo da linguagem, que é passível de engano. As coordenadas têmico-espaciais e relativas à realidade, fundadas no eixo simbólico-imaginário, são relativizadas em *S10*, visando-se algo fora disso. A angústia é a

única tradução subjetiva do objeto a , como fragmento do real. Portanto, ela é expressão da abolição da ordem das significações. Sua caracterização é delineada como essencialmente negativa, referente ao irrepresentável.

CAPÍTULO 3 – PONTOS E CONTRAPONTO ENTRE *INIBIÇÃO, SINTOMA E ANGÚSTIA* E O SEMINÁRIO 10

Nos capítulos precedentes envidamos esforços visando a apresentação de nossa leitura de *ISA* e do *S10*. As obras foram escrutinadas segundo o balizamento oferecido pelas categorias conceituais destacadas em *ISA*. Nesse momento, procederemos a um trabalho de cotejamento entre as duas perspectivas sobre a angústia, seguindo o mesmo ordenamento, disposto segundo a divisão por eixos temáticos.

A discussão procurará identificar as aproximações e divergências entre as duas obras, buscando as perspectivas que o *S10* pode oferecer para a leitura de *ISA*, de maneira a esclarecer os impasses referentes às formulações desse último.

3.1 – A origem da angústia

Podemos considerar que, ao menos em boa medida, a mote da redação de *ISA* foi uma resposta às considerações de Otto Rank no que diz respeito ao trauma do nascimento. Tais concepções indicavam que toda reação de angústia seria uma descarga referente ao nascimento, uma tentativa de ab-reagir uma vivência traumática fundamental.

As críticas de Freud indicavam a impossibilidade de registro mnésico referente à experiência do nascimento, dada a inexistência de um aparelho psíquico constituído. O momento do nascimento é tomado por Freud tão somente como protótipo, destacando-se aí a convulsão econômica que é a marca da entrada do ser humano no mundo. A saída da homeostática vida intrauterina para o mergulho em uma realidade repleta de estímulos.

Em *Além do princípio do prazer*, Freud (1920/2010) nos descreve um modelo de aparelho psíquico representado como uma “vesícula vivente e sua camada cortical receptiva a estímulos”. (p. 188). Pensamos que tal modelo seja interessante para esse momento, dado que ele é baseado em um delineamento energético e econômico. A vesícula conta com a proteção da camada que a separa dos estímulos exteriores. O córtex suaviza os estímulos advindo desde fora, de modo a não perturbar o nível energético interior, procurando mantê-lo constante – daí

denominá-lo como barreira pára-excitações. A proteção é o elemento principal: “[...] a *proteção* contra estímulos é tarefa quase mais importante do que a recepção de estímulos” (FREUD, 1920/2010, p. 189, grifo nosso). Laplanche (1987) qualifica esse modelo como “tópico-econômico” (p. 192), na medida em que indica lugares e algo que circula neles, uma energia. Há uma distinção bem definida entre interno e externo, baseada na diferença de níveis de energia circulantes. O interior da vesícula não é energeticamente neutro, mas possui um nível próprio, distinto do meio exterior.

No momento do nascimento o ser vivente encontra-se desprovido de um psiquismo capaz de registro mnêmico. Por isso, o modelo da vesícula nos parece interessante para ilustrar o que ocorre no início da vida por se basear em uma configuração econômica. O bebê está sujeito a um intenso afluxo de excitações que perturba os níveis energéticos até então equilibrados. Verifica-se, assim, uma convulsão econômica. Como Freud assevera em *ISA*, o perigo relacionado ao nascimento não possui conteúdo psíquico, originalmente. Tampouco haveria uma barreira pára-excitação propriamente dita, mas ocorre a mudança brusca; passa-se, subitamente, do nível energético característico da vida intrauterina para a elevada magnitude de estimulações, dado o choque com o mundo externo e a consequente exigência pulsional a exigir satisfação. Tal perturbação é o que constitui o modelo da reação de angústia. Sublinha-se que, da experiência do nascimento tem-se o protótipo da reação, em seus delineamentos corporais, mas não o registro a partir do qual as ulteriores manifestações afetivas teriam como referente.

O recém-nascido encontra-se diante de magnitudes de estímulos face aos quais ele está sem recursos, portanto, desamparado. Esta é a condição biológica, apontada por Freud, que caracteriza o desamparo fundamental: em sua origem, o ser humano depende da ação de alguém que o ajude a sustentar a vida. A descrição da experiência a qualifica como traumática, dado o aspecto de excesso contra o qual não há defesa, não há elemento pára-excitação disponível. Entretanto, o legado disso corresponde a tão somente um protótipo de perigo, uma impressão de algo a ser evitado. Do momento do nascimento tem-se uma descrição puramente energética, sem conteúdos representacionais, vazia de sentido. O sentido apenas poderá ser inscrito só depois, *a posteriori*, dado que pressupõe um aparelho psíquico que registre traços mnêmicos.

No entanto, durante toda a vida, o sujeito estará passível do encontro com situações para as quais não se encontra preparado; momentos estes marcados pela surpresa, e pelo terror

decorrente do trauma. Trata-se do primeiro tempo de produção de angústia (LOFFREDO, 2014), concernente à modalidade de angústia automática ou originária, que compreende a situação traumática, caracterizada pelo excesso de tensão gerada pela necessidade, o que constitui o desamparo. A angústia automática possui essa característica terrorífica e traumática. A designação “originária” para essa modalidade de angústia nos remete a um tempo primeiro, original, referente ao excesso econômico característico do nascimento. Todas as vezes em que o sujeito enfrentar situações para as quais não se encontra preparado, estará passível de ser invadido pelo afeto. Vemos que o fundamento da vertente originária da angústia, em *ISA*, é essencialmente econômico. É justamente tal característica que pode nos ajudar a estabelecer uma relação entre a angústia originária, ou automática, e a pulsão de morte, que não aparece em *ISA*.

Em *Além do princípio do prazer*, Freud (1920/2010) faz observações quanto aos níveis de ligação da energia psíquica ou estímulos. O que estaria “além” da vigência do princípio do prazer seria uma tendência mais primitiva, não necessariamente oposta a ele, mas certamente dele independente, que corresponderia à função do aparelho psíquico em ligar a energia, que se apresenta como livre e móvel, em investimento tônico, ou parado. Isso equivaleria à substituição do processo primário pelo secundário, ou seja, à energia atribui-se alguma representação. “Ligar” o investimento energético refere-se à combiná-lo ou juntá-lo a uma representação, a partir do que vai se delineando significações. O que inicialmente era pura quantidade passa a adquirir alguma qualidade. Essa ideia nos parece muito interessante. Ao que era tão somente “força”, vai ganhando “sentido” – fazendo uma referência à dicotomia estabelecida por Paul Ricoeur para ilustrar o tensionamento atinente à metapsicologia freudiana (CAMPOS, 2014).

Pois bem, Freud (1920/2010), ainda no mesmo texto, nos propõe que essa ligação constitui-se como um ato preparatório, condição “que introduz e assegura o domínio do princípio do prazer” (p. 236). Desta forma, o investimento poderia ser descarregado com a experiência do prazer. Sempre que ocorre falhas no processo de ligação energética, o princípio do prazer entra em suspensão, acionando-se o mecanismo primitivo que tenciona ligar o que é excessivo, a compulsão à repetição – o além do princípio do prazer. Essa é a tendência pulsional que leva Freud a destacar o conceito de pulsão de morte. Aquela que, desligada das pulsões de vida, em sua forma pura, possui caráter destrutivo, tendendo o psiquismo para uma completa redução das tensões, rumo ao estado inorgânico.

Em *ISA*, Freud (1926/ 2014) esclarece que aquilo a que o bebê está assujeitado no momento do nascimento é uma convulsão econômica, correspondente ao incremento da tensão gerada pela necessidade, em relação ao qual ele é impotente. Essa invasão de uma excitação excessiva, sem nenhuma possibilidade de domesticação, constitui-se como efração traumática, cuja reação é a base do que Freud denomina como angústia automática. O trabalho de Lourenço (2009) nos provê a ideia de uma “angústia quantidade” (p. 104), referente a esse momento de pura quantidade, essencialmente energético, desprovido de representação. A origem da angústia estaria ligada à ação da pulsão de morte dado que, no momento do nascimento, não há possibilidade de ligação da energia, dado que se está diante do irrepresentável. Desse modo, entendemos que a noção de desamparo, que está teoricamente próxima da angústia automática, expressa a impossibilidade de fazer frente a ação da pulsão de morte.

Entendemos que a temática do irrepresentável, atinente ao momento do nascimento, está presente em *ISA* quando Freud elabora suas críticas ao argumento de Rank indicando a impossibilidade de registro desse momento. Não há memória; portanto, qualquer pretensão em tomar o nascimento como um referente do afeto da angústia, só poderia ser feito sob uma forma mítica. Contudo, o que ensaio freudiano nos traz, em primeiro plano, corresponde à angústia originária caracterizada sob o entendimento de um excesso econômico referente às exigências pulsionais, cuja resolução encontra-se inviabilizada pela condição relativa a estar *sem recursos*, daí o desamparo. As considerações que alinham a angústia automática, a pulsão de morte e a dimensão do irrepresentável, aparecem de maneira marginal na argumentação de *ISA*. Entendemos que a perspectiva aberta por Lacan, no *S10*, possibilita realçar esses pontos, que se apresentam em *ISA* de forma alusiva, sendo sua verificação conferida apenas sob a articulação com desenvolvimentos freudianos precedentes ao *ISA*, como procuramos demonstrar aqui.

Lacan, no *S10*, aponta não ser anódino o fato das proposições de Freud e Rank terem como visada o momento do nascimento, buscando, no tempo anterior à subjetivação, respostas para a origem da angústia. Ao abordar tal questão, Lacan a situa em um momento pré-subjetivo, pré-especular. Portanto, tempo anterior ao sujeito do desejo já constituído a partir da linguagem. Em tal momento mítico, o ser vivente se encontra diante do desejo do Outro, em sua face real. Entendemos que a angústia não é sem Outro. No entanto, tal alteridade não se confunde com o Outro simbólico, cujas referências possibilitam uma grade

de leitura do mundo ao sujeito, permitindo a ele se orientar e a se situar no desejo do Outro. O recurso à fábula do louva-a-deus gigante põe em evidência que se trata de um Outro questionador, cujo querer é enigmático, caracterizando-se como uma demanda vazia, inconsistente e não localizável, o que inviabiliza a demarcação de referências. O desejo do Outro, no *S10*, está identificado a um significante opaco, que não faz cadeia com outros significantes, o que o torna ilegível. No entanto, ele se apresenta exigente, querendo algo: algo que se lê sem ser dito; daí o enigma. Tal indeterminação ocasiona a pergunta: *O que queres?* A essa pergunta, encontra-se com o real: o ponto *falta-de-significante*. Lacan remete a discussão para o limite da linguagem, buscando teorizar acerca de como o significante se encarna.

A origem da angústia, no *S10*, tem relação com a entrada na linguagem, com a constituição do sujeito a partir do Outro. “O trauma do nascimento [...] não é a separação da mãe, mas a própria separação de um meio intrinsecamente Outro” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 355). O ingresso na ordem da linguagem, correspondente à constituição do sujeito, ocorre mediante a perda de um pedaço de corpo que, por sua vez, refere-se a uma corporeidade anterior ao simbólico – aquilo que Lacan (1962-1963/2005) denomina como *sujeito do gozo*, ou seja, o S não barrado, não dividido pela incidência do significante (S). O que nos indica que o resto, pago como tributo para o acesso à linguagem, diz respeito a uma parcela de gozo que nos é arrancada. No *S10* é possível entendermos que, nesse momento primordial, nossa condição diante do Outro concerne a sermos objeto de seu desejo. Concordamos com a leitura de Lustoza (2006) ao realçar o caráter de exigência não dialetizável e caprichosa atinente ao desejo do Outro, frente ao qual não se tem qualquer possibilidade de controle. Nesta condição, o sujeito encontra-se *a-sujeitado*, reduzido a objeto. Essa característica permite aproximar a condição de desamparo, na perspectiva freudiana, dessa posição de objeto frente ao desejo do Outro, na medida em que se encontra a sua mercê, nas mãos do Outro. Nesse mesmo sentido, consideramos que o trabalho de Rabinovich (2005) se alinha a esse posicionamento, desde que estabelece uma relação entre o desejo do Outro e o excesso econômico relativo às exigências pulsionais, presente em *ISA*.

O esquema óptico retomado por Lacan (1962-1963/2005) permite identificar que, do lado esquerdo do espelho plano (A), ocorre uma separação: um objeto (*a*), destaca-se da imagem real [i(*a*)]. Lacan concebe que nem todo investimento libidinal transfere-se para a imagem virtual, a qual temos acesso. Há um resto de existência que não é reconhecido pelo

Outro, ou seja, não é recoberto pela ordem simbólica: eis aí o objeto *a*. Quanto a essa porção de ser, libra de carne ou resto do real, não há palavra final advinda do Outro; não há resposta, falta um significante [S(A)]. Vimos que, frente a essa falta, o sujeito constrói fantasias, que constituiriam versões de resposta ou interpretações do desejo do Outro para encobrir o real, ou o *mundo*, em contraste com a *cena* que apresenta o mundo sob as leis do significante.

No que diz respeito à origem da angústia, Lacan (1962-1963/ 2005) evidencia uma brecha aberta pela perda do objeto, uma falta que é intratável, irremediável, impossível de ser subsumida pela ordem das significações. Ele fala de uma falta que é irreduzível ao significante, “uma falta que símbolo não supre” (p. 152). Ao referirmos às fantasias como tamponamento do real, pudemos verificar que é essa falta, intratável pela linguagem, que se visa encobrir. Elas são ficções que interpretam o desejo do Outro real, que é desprovido de demarcações simbólicas. Então, concebem-se balizas para, a partir delas, ser possível uma localização quanto ao Outro. Por exemplo: ser uma esposa que está ao lado do marido para o que der e vier; um namorado que não trai; um comerciante honesto, que vence pelos seus próprios meios. Vimos que a vacilação da fantasia expõe o sujeito diante do real – a supressão da ordem das significações: o plano da *encenação* vacila, levando consigo a consistência do Eu.

A leitura de Lacan a respeito do *Unheimliche* é importante pois ele indica uma *revelação*, baseando-se na torção existente entre o que é familiar (*Heim*) e o que é estranho (*Unheimliche*). O familiar é indicado pela falta simbólica ($-\phi$), aquela que sustenta a ordem simbólico-imaginária. O esquema óptico nos permite visualizar que ela é a lacuna no espelho do Outro, correspondente àquilo que não se projeta na imagem: o pequeno *a*. Vimos que ela se refere à perda de gozo, o que permite desejar. A correlação entre *a* e $-\phi$ nos facultou o entendimento que o objeto *a* corresponde a uma presença invisível que organiza o campo do visível. É a presença em *outro lugar* que produz a ausência simbólica. Destacam-se aí duas modalidades de falta: uma, intratável pela linguagem (*a*); e outra, que sustenta a ordem da linguagem ($-\phi$). O momento do estranho é a revelação do que deveria permanecer oculto. A presentificação do objeto *a* faz a ficção ganhar vida própria, levando à destituição subjetiva, correlativa à redução do sujeito à condição de objeto do desejo do Outro. Este é o momento no qual o sujeito se encontra à mercê do desejo do Outro. Exilado de sua própria subjetividade, é reduzido à posição de objeto do desejo do Outro, sem saber nada quanto à forma como é tomado.

Vemos que, assim como em *ISA*, o *S10* remete a angústia traumática ou automática para um momento originário. No entanto, Freud empreende esse percurso atrelado à busca de um referente empírico: o momento do nascimento. Lacan, por seu turno, dispensa esse caminho. Como vimos, ele se apoia na via da experiência, que o leva a propor a fábula do louva-a-deus gigante. Entretanto, o plano da vivência se lastreia na ordem das significações, que sustentam a vida na medida em que se viabiliza a construção de sentido. O abalo na articulação simbólico-imaginária leva ao encontro do originário *ponto falta-de-significante*, no qual é impossível qualquer sentido. Em *ISA*, a argumentação apoia-se em noções energéticas, salientando o plano econômico. Isso nos indica que, ao assim proceder, ele encaminha a questão da origem da angústia para aquilo que é da ordem da força, em detrimento da vetorização do sentido, o que situa a questão no plano do irrepresentável. Isso se alinha às proposições de *S10*, na medida em que a origem da angústia está alocada na impossibilidade de representação. Entretanto, Freud não desenvolve a discussão por essa via, concebendo o trauma como uma quebra de equilíbrio energético, a partir do incremento de magnitudes de estímulos pulsionais que exigem satisfação. Ao sublinhar a noção de equilíbrio, é possível identificar em *ISA* um fundamento funcionalista. Nesse sentido, a angústia automática é descrita sob uma dimensão psicofisiológica, ou seja, uma reação adaptativa e funcional frente a instalação da convulsão econômica, que perturba o equilíbrio homeostático inicial (FIGUEIREDO, 1999). No *S10*, a tematização da angústia é descolada dessa matriz funcionalista, sendo encaminhada, como já mencionado, a partir da ordem das significações.

Vimos que, em *S10*, é possível identificar a falta simbólica e, como fundamento dela, uma falta original, que o símbolo não supre. Consideramos que essa falta primordial, relativa à separação do objeto *a*, pode ser relacionada à pulsão de morte que, embora não compareça em *ISA*, pode ser deduzida a partir do estado de derrelição traumática nele descrita. Vejamos como isso se articula.

A noção de desejo do Outro nos indica uma dimensão da busca por um saber – a angústia manifesta-se relacionada a um não saber. Isso nos remete ao enigma do desejo do Outro que encontramos no processo de subjetivação. O desejo do Outro “[...] não me reconhece nem me desconhece. [...] Ele me questiona, interroga-me na raiz mesma de meu próprio desejo como *a*, causa desse desejo”. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 169). É a partir desse questionamento, enganchando-se nele, é que o sujeito poderá ter acesso a seu desejo,

viabilizando sua sustentação. Para tanto, é importante frisar que há de se manter uma distância do desejo do Outro, de modo que seja viabilizada a *diferença* entre *um* e *Outro*. Tal diferença refere-se à falta simbólica, na vigência da qual se formaliza o narcisismo e o sujeito do desejo pode vir a se constituir.

Estar face a face com a dimensão real do desejo do Outro, refere-se ao impulso ou tendência de se fundir ao Outro, entregar-se como objeto, saturando o Outro. Em tal situação, as diferenças entre sujeito e Outro são apagadas, não se instituindo falta alguma. Concordamos com Lustoza (2015) ao identificar esse impulso com a pulsão de morte. Entendemos que o retorno ao estado inorgânico, próprio a essa pulsão, relaciona-se com a abolição das distinções; portanto, correlata-se com a impossibilidade de instauração de uma ordem simbólica, que por sua vez se sustenta na falta. É prestimoso o ensinamento lacaniano, recolhido de Vieira (2000), que sugere o real como um *tecido sem fissuras*, sobre o qual incidem cortes que o simbólico efetua, deduzindo disso as diferenças e a constituição das coisas do mundo. O que se entende por pulsão de morte passa pelo apagamento desses cortes diferenciais.

Assim, a hipótese de Lustoza (2015), considerando a angústia automática como defesa contra a pulsão de morte nos parece válida para esse momento da discussão, aproximando as concepções presentes em *ISA* e *S10* no que diz respeito à origem da angústia. A partir do ensaio freudiano, é possível encaminhar a dimensão do trauma/desamparo para a irrepresentabilidade atinente à pulsão de morte. No *S10*, verificamos que a falta que institui a ordem simbólica é correlativa ao recuo ante o submetimento ao gozo do Outro, o posicionamento como objeto do desejo do Outro real. Fundir-se ao Outro implica no apagamento das diferenças, correlativo à revogação da falta simbólica e na abolição da ordem sustentada por ela. Daí ser possível alinhar a pulsão de morte ao real, ao irrepresentável e à presentificação da falta irredutível ao significante: o objeto *a*.

Apesar das diferenças na abordagem da tematização da angústia automática e da sua origem fundamental, podemos afirmar que em ambos os autores, a angústia originária é marcada pela dimensão traumática e pela irrepresentabilidade, remetendo, em Freud, ao registro da pulsão de morte, e, em Lacan, aos limites da linguagem e ao registro do real. Isso nos permite afirmar o caráter *negativo* da angústia em sua dimensão originária, que será enfatizado por Lacan em sua retomada do problema deixado por Freud, ressignificando-o ao descolá-lo mais claramente de sua referência à matriz naturalista e funcionalista.

O desenvolvimento das ideias referentes à angústia originária em *S10* colocam em destaque a questão da falta. Consideramos interessante a ideia da diferença entre sujeito e Outro ensinar a falta que sustenta a ordem simbólica. Em seguida, ao abordar a característica indicativa da angústia, poderemos refletir acerca da relação entre o perigo sinalizado e a situação na qual está ausente o apoio dado por essa falta.

3.2 – Perigo e angústia-sinal

As investigações empreendidas em *ISA*, visando estabelecer posicionamentos quanto à origem e à função da angústia, levaram Freud a inquirir acerca de um fator histórico atinente à sua produção. Anteriormente, a dimensão econômica, correspondente à descarga de um acúmulo de libido, estava em primeiro plano. A dimensão histórica se alinha à perspectiva freudiana de perscrutar as origens de um fenômeno. Ela pressupõe uma relação entre memória e angústia, esta última sendo considerada como um afeto reproduzido, segundo uma imagem mnêmica registrada. A vivência do nascimento não poderia deixar senão a forma da expressão afetiva, dada a falta de um aparelho psíquico constituído. Não haveria, portanto, uma imagem mnêmica fundamental, referente à qual se justificaria toda manifestação de angústia ulterior. As críticas movidas a Otto Rank, fragilizando suas teses, deixam, no entanto, a questão aberta referente ao perigo, frente ao qual a angústia é reação. Dito de outra forma, podemos considerar que, em *ISA*, Freud recolhe do trauma do nascimento, tão estimado por Rank como marco etiológico da angústia, tão somente o modelo de reação afetiva, sua expressão, referente ao transbordamento pulsional; a busca por um referente que explicita uma ameaça a ser sinalizada fica em aberto, na medida em que não há registro de uma experiência.

Percebemos o quanto a perspectiva histórica leva Freud a debruçar-se sobre questões que põem em relevo as relações entre angústia, perigo e sinal. A característica de sinalização é sublinhada na teoria sobre a angústia desenvolvida em *ISA*. A função dela como afeto sentinela do psiquismo, analogamente concebida como uma vacina, uma dose minorada de angústia emitida pelo Eu, que põe em marcha as defesas contra um perigo. À pergunta com o que este último se identifica, Freud propõe a situação de convulsão econômica característica do desamparo, vivenciada por todos no momento do nascimento. Desta experiência, Freud

sublinha o excesso de estímulos que incide sobre o bebê, cuja possibilidade de fazer frente a ela é nula, dado o estado de *sem recursos*, de desamparo.

A situação de convulsão econômica constitui-se como o horizonte último do que se entende como perigoso; daí Freud designá-la como o núcleo da ameaça. Mas, como vimos, ela não é propriamente uma experiência, posto que não há subjetividade no nascimento. Não há memória, não há inscrição, é “pura intensidade sem conteúdo” (GARCIA-ROZA, 2008, p. 56). Entendemos que a busca por um fator histórico, leva Freud a perscrutar uma vivência subjetivamente inscrita. A partir da experiência de desamparo, o bebê vai constituindo um objeto que é capaz de evitar ou pôr fim a ameaça de instalação da situação traumática. O contato com um semelhante que, por meio de ações específicas, é capaz de impedir que a insatisfação eleve as magnitudes de estímulo, faculta ao bebê a percepção de um objeto externo protetor do desamparo: a mãe. Com isso, ocorre então um deslocamento do teor do perigo – da situação traumática para a condição de sua ocorrência, ou seja, a perda do objeto. Freud destaca a vivência da falta da pessoa amada, cujos cuidados subtraem o sujeito da condição de desamparo. Tem-se, então, a importante distinção de uma *situação de perigo*, destacada a partir de uma *situação traumática*. Identificando-se o perigo da perda, é possível prever a ocorrência da situação traumática. O Eu pode fazer algo a respeito, na tentativa de evitar o perigo. O sinal emitido é reação à possibilidade da falta do objeto protetor.

Às relações sugeridas entre angústia, perigo e sinal, uma precisão quanto ao perigo se faz necessária: ele se desdobra em desamparo/trauma e falta/perda. A situação de desamparo é identificada por Freud como perigosa em última instância. É o núcleo do perigo, sendo definida por pura quantidade, ou exigência pulsional excessiva. A convulsão econômica implícita no momento do nascimento, protótipo para as ulteriores situações de perigo, é da ordem do trauma, do irrepresentável, da pulsão de morte, como vimos no item anterior. O perigo da perda se refere à constituição de um objeto, possui qualidade e representação. Portanto, temos uma conceituação de perigo escalonada em dois patamares. Um, mais imediato, representado, que diz respeito à falta do objeto. O sinal de angústia é emitido em relação à possibilidade dessa perda. Isso responde pela necessidade de uma vivência inscrita, cuja possibilidade de ocorrência é sinalizada pela angústia. O outro momento condiz com a situação traumática, a condição de desamparo na qual o sujeito se encontraria sem a proteção do objeto, caso a perda se efetivasse. Não estamos sugerindo a ideia de um *perigo maior*, representado pelo desamparo, mas apenas pondo em destaque que ele é o que está por trás do

perigo da perda, ou seja, o seu fundamento. O perigo quanto à possibilidade da perda do objeto se dá sobre o pano de fundo do desamparo. Podemos verificar, então, uma semântica da falta do objeto, da perda, ou da separação, na definição do perigo a ser sinalizado. Entretanto, tal construção de sentido é articulada sobre a dimensão do desamparo, da irrepresentável convulsão econômica. Enfim, a dimensão *histórica*, atinente ao sinal de angústia, fundamenta-se sobre a dimensão *econômica*, pulsional.

Tomando-se o desamparo como o núcleo do perigo, as duas modalidades de origem da angústia se delineiam. A angústia automática, não desejada, originária, tem relação direta com a configuração da situação traumática atinente ao nascimento. Ela é invasiva e desorganizadora, disfuncional, dado que inviabiliza ao Eu a possibilidade de execução de medidas necessárias para se subtrair da situação perigosa. Quando a comparamos com outra modalidade, angústia-sinal, fica-nos evidente que a designação “automática” se deve a não participação do Eu como instância capaz de exercer algum controle. De fato, ela é não desejada, no sentido de que sua geração passa ao largo da deliberação egóica. Não há preparo para o perigo; ao contrário, há surpresa, o que nos remete à ideia de terror (*schreck*). A angústia seria justamente o afeto que protege contra o terror, uma vez que indica a aproximação de algo perigoso, evitando a surpresa.

A modalidade de angústia como sinal põe em destaque o Eu como *locus* e emissor do alerta. O Eu reproduz deliberadamente uma angústia minorada, alertando ao psiquismo quanto a um perigo iminente. Com o concurso do princípio de prazer, as defesas seriam mobilizadas a fim de se preparar para o enfrentamento. Entendemos que o destaque que *ISA* concede à função indicativa da angústia consiste em um elogio às funções do Eu, em especial ao encargo pela manutenção do equilíbrio do aparelho psíquico. As proposições acerca da angústia-sinal, elaboradas em *ISA*, vêm responder pela função da angústia. Aos termos angústia, perigo e sinal, adscrive-se a noção de defesa.

Entendemos o quanto a noção de uma angústia-sinal é importante para o edifício teórico da psicanálise freudiana, na medida em que ela corresponde às exigências teóricas referentes à constituição das neuroses. A ideia de defesa sempre esteve presente na inteligibilidade freudiana. Como foi exposto, neste momento, ela é destacada do conceito de recalque, sendo este uma das técnicas defensivas, dentre outras, que dão ensejo às formações sintomáticas. Se há defesa, é preciso identificar-se o perigo pelo qual ela responde. Frente a ameaça de perda do objeto protetor do desamparo, a angústia-sinal é emitida. As defesas são

acionadas e, a partir disso, as neuroses adquirem sua configuração específica, de acordo com os mecanismos dos quais se lança mão. Verifica-se, assim, o quão identificada está a angústia, em sua função, com a ideia de defesa: sua função de sentinela é defensiva.

Os termos que procuramos evidenciar indicam as relações entre os elementos presentes que se organizam em cadeia, em um traçado quase fisiológico, identificando-se os mecanismos envolvidos: o Eu sinaliza um perigo; acionam-se defesas; a partir dessas, constituem-se formações sintomáticas que, por sua vez, exigem uma segunda linha defensiva por parte do Eu. As proposições sobre a angústia em *ISA* colocam em destaque o papel do Eu como instância organizadora do psiquismo: a angústia é produzida pelo Eu e nele sentida. O afeto, anteriormente um fenômeno automático e involuntário, passa a servir ao Eu como um sinal, adquirindo função no plano defensivo. A angústia-sinal é considerada uma conquista no que diz respeito à autoconservação, uma vez que a teoria destaca uma reprodução deliberada da angústia visando a proteção do psiquismo e a manutenção de seu equilíbrio. Assim, verificamos que o afeto é apresentado em uma perspectiva pautada na adaptação e no desenvolvimento, o que nos indica que as formulações do *ISA* estão estreitamente alinhadas à matriz funcionalista, sublinhando o valor biológico da angústia como reação ao perigo, situada em uma colocação de destaque no plano defensivo. Figueiredo (1999) nos indica a necessidade de superar tal visada, viabilizando à teoria poder lidar com o aspecto “não-funcional” da angústia, quando seu comparecimento é relativo a velhas situações de perigo, cuja pertinência já não é mais observada – justamente, o que caracteriza a neurose.

No que diz respeito à noção de perigo, vimos que a partir da segunda tópica, a teorização freudiana passou a dar ênfase à função do pensamento, relativa ao processo secundário e à capacidade do Eu em reconhecer perigos e antecipá-los. Isso resultou na propensão do foco sobre as ameaças externas, em detrimento da prevalência do perigo pulsional. As exigências pulsionais, nesse caso, passariam a ser perigosas a partir das consequências na realidade, as quais se estaria sujeito ao conceder livre curso à satisfação dessas tendências (Hanns, 1999). Laplanche (1987) aponta para a redução da ordem fantasmática à realidade exterior em *ISA*, alertando para um achatamento da teoria.

A abordagem lacaniana sobre a angústia, no *SIO*, prescinde dessa lógica. Logo em seu início, como vimos, ele já salienta que aquilo que pretende desenvolver corresponde a uma erotologia, ou seja, o que interessa à teorização é da ordem do desejo e da sexualidade, e não de mecanismos psíquicos. Dessa forma, ele afirma que as suas proposições declinam da

orientação referente a uma psicologia, visada que se orienta justamente pelo arranjo funcional de um Eu que se serve deliberadamente da angústia como sinal, antecipando o perigo e mobilizando defesas que estruturam a subjetividade.

Pudemos verificar que, em *ISA*, a noção de perigo é central no que diz respeito às proposições acerca da angústia. Apesar desta preludear a formação dos sintomas, Freud deixa claro que entre a angústia e o sintoma existe o perigo. Este, portanto, tem uma relação mais direta com o afeto, na medida que a função da angústia se define pela sinalização de uma ameaça. Lacan, no *S10*, destaca isso também, criticando as teorizações que consideram uma linha defensiva contra a angústia. “A defesa não é contra a angústia, mas contra aquilo de que a angústia é o sinal”. (1962-1963/ 2005, p. 153).

Entretanto, Lacan questiona o valor do perigo sinalizado. Ele se pergunta se seria justificado a mobilização afetiva tão fundamental, como é a angústia, como sinal para o perigo referente aos desejos edípicos, equiparando-os, assim, ao mais absoluto perigo vital. Lançando mão de uma expressão cunhada por Ernest Jones, ele considera os desejos recalcados como desejos enterrados, como ameaças mais leves. Lacan está questionando aquilo que foi apresentado aqui como perigo escalonado em dois patamares, ou seja, a *situação de perigo* como elaboração representacional da *situação traumática*, irrepresentável. Em termos mais descritivos, ele põe em discussão se a perda do objeto protetor do desamparo consistiria em algo tão ameaçador.

Lacan prescinde da via significante para abordar o perigo, colocando ênfase na função opaca do real, do que é inominável, para orientar a ideia do que a angústia vem sinalizar. É nesse sentido que ele propõe que a angústia é um *sinal do real*, como dimensão em relação de exclusão com eixo simbólico-imaginário, de maneira que sua aproximação coloca em risco a sustentação da ordem simbólica. Tal aproximação do real é apresentada por meio das modalidades de falta, propostas em *S10*. Neste ponto verificamos uma diferença entre as proposições.

Conforme salientamos, em *ISA* o objeto é concebido como sendo capaz de proteger contra o desamparo. Desse modo, constitui-se uma semântica da perda, falta ou separação do objeto, que confere estofamento representacional ao perigo, que é sinalizado pela angústia. A iminência da falta do objeto protetor anuncia o perigo. A essa ideia de que a angústia seria uma reação-sinal ante a perda de um objeto, destacada em *ISA*, Lacan propõe, no *S10*, a

concepção de uma falta duplicada: a falta de *apoio* dado pela falta; ou, a angústia emerge quando falta a falta.

Verifica-se, primeiramente, a substancialização de uma falta, na medida que ela pode favorecer a consistência do eixo simbólico-imaginário. Justamente, a proposição de Lacan indica que a falta sobre a qual ele fala incide sobre o *apoio conferido por uma falta*. Esse tipo de falta, que aparece como lacuna na imagem virtual, projetada no espelho plano (imagem autenticada pelo campo do Outro simbólico), é o $-\phi$. Trata-se de uma falta organizadora, simbólica, que orienta o desejo, viabilizando a articulação das significações e a consistência das imagens. É o operador da castração na articulação simbólico-imaginário. Trata-se, portanto, do corte do simbólico no tecido sem fissuras do real, que inscreve faltas e diferenças, organizando as coisas do mundo. Sem essa falta, que orienta, estaríamos diante do caos (VIEIRA, 2001). Por seu caráter organizador, quando algo vem se presentificar aí, a angústia surge.

O objeto *a*, no esquema óptico, situa-se como outro tipo de falta, que está do lado da imagem constituída pelo espelho esférico, do lado esquerdo do espelho plano, do lado da imagem real. Ele vem indicar a reserva libidinal que fica permanentemente investida no nível do próprio corpo, do autoerotismo. A lacuna representada pelo $-\phi$ testemunha que nem todo investimento libidinal, atinente ao narcisismo primário, se projeta na imagem autenticada pelo Outro. Esse resto é, também ele, uma falta. É negativo, referente a uma parcela de gozo, não significantizável. É um resto, dado que é algo que ficou de fora no processo de subjetivação, não se projetando no espelho do Outro: é invisível no campo simbólico. Porém, é uma presença que, de seu lugar, controla o jogo do desejo: causa o desejo.

O esquema óptico também nos indica que o objeto *a* coincide com uma exterioridade, anterior a qualquer interiorização. A constituição de um Eu é solidária da configuração da imagem especular, na qual observa-se a delimitação de um contorno de Eu, discriminando o interior (Eu) do que é exterior (não-Eu). Quando Lacan sublinha o caráter pré-especular do objeto *a*, ele o qualifica como algo abominado pelo Outro. Essa abominação se justifica pelo fato do objeto *a* não ser passível de reconhecimento simbólico. Daí ficar claro o expediente de Lacan em abordar a angústia por meio da leitura do *Unheimliche*. Algo que deveria estar oculto, que é intimamente familiar, aparece. O surgimento desse resto de ser, condensado de gozo, não simbólico-imaginarizado, põe em risco o delineamento da imagem do Eu, vacilando a linha divisória que separa o Eu do não-Eu; não há reconhecimento de si, há uma vacilação

despersonalizante, há o estranhamento. Lacan parte da ideia do sinal de angústia como emitido pelo Eu para caracterizar a angústia como fenômeno de borda. Esta última coincide com a linha divisória que confere consistência egóica; a angústia sendo o sinal produzido no limite do Eu, quando este se encontra ameaçado por algo de origem pré-especular, que está na iminência de aparecer, uma vez que o surgimento disto borra a linha divisória, a borda correspondente aos limites do Eu.

Quando falta a falta, indica, paradoxalmente, a presença de uma falta no lugar da falta organizadora. A presença de uma falta estranha que deforma a imagem confortável que temos de nós mesmos. O *Unheimliche* indica a falta referente ao $-\phi$ como o lugar *heim*, familiar, onde somos reconhecidos e, portanto, nos reconhecemos.

Confere-se destaque para a relação entre o sujeito (\$) e o objeto a . Isso nos remete à fantasia, cuja fórmula contempla a relação entre tais elementos ($\$ \diamond a$). A fantasia, assim como a angústia, é enquadrada pelo Outro simbólico. Ambas se constituem como respostas ao enigma do desejo do Outro. A fantasia é uma interpretação construída ante a falta de significante no Outro [$S(A)$], ou seja, ela se apresenta como uma significação, uma ficção; o anteparo que tampona o real. O objeto a concerne a ambas, a diferença sendo que o objeto a , na fantasia, está velado – trata-se do a postigo – enquanto na angústia ele apresenta-se desnudo, revelando a opacidade própria ao desejo do Outro (SOUZA, 2005). A angústia sinaliza uma perturbação entre a relação entre o sujeito e o objeto a : trata-se do momento em que a fantasia deixa de funcionar como tapume do real, dado que ela passa a não dar conta da irredutibilidade do real. Dessa forma, entendemos que, na angústia, a presença perturbadora de a , que deveria estar escamoteada, revela a não-autonomia do sujeito ou o exílio quanto à própria subjetividade.

Quando a fantasia vacila, o desejo do Outro se aproxima. Como já abordamos, este se define pela função opaca, ilegível quanto ao seu querer, própria do real. O “vácuo da demanda”, atinente ao desejo do Outro, que não reconhece nem desconhece o sujeito, enseja o posicionamento deste enquanto objeto a . O aspecto questionador, em forma de enigma, sem referências pelas quais seria possível um norteamto, encaminha o sujeito a um *não saber*, que põe em xeque a consistência imaginária do Eu.

Assim, entendemos que a ideia concernente a uma falta da falta, ou falta duplicada, como fundamento da função indicativa da angústia, presente no *S10*, implica na distinção

entre dois tipos de falta. Uma falta decorrente da intervenção do simbólico, suscetível de preenchimento, e uma outra, que diz respeito à irreducibilidade do real.

O perigo, no contexto do *S10*, relaciona-se ao real, à possibilidade de saturação da falta simbólica que organiza a subjetividade e que é condição para a sustentação do desejo. Não se evidencia, assim, a dimensão de defesa, tão presente nas formulações de *ISA*. A função indicativa da angústia está relacionada à preservação da falta. Quanto à díade perigo/defesa, Lacan (1962-1963/ 2005) pontua que “no próprio termo ‘defesa’, a função em si do perigo está implicada, mas nem por isso é esclarecida” (p. 178). A questão defensiva não é relevante para o quadro de referência do *S10*.

O perigo, no *S10*, está alinhado à possibilidade de algo não faltar. Quanto a isso, recorramos a uma importante passagem desse seminário: “A possibilidade da ausência, eis a segurança da presença” (LACAN, 1962-1963/ 2005, p. 64). Entendemos tal colocação a partir da noção de simbolização ou, mais especificamente, da castração simbólica. Algo pode faltar a partir da instauração do símbolo. “A falta só é apreensível por intermédio do simbólico” (p. 147). Isso nos ajuda a entender a razão do sinal de angústia apontar para a irreducibilidade do real, dado que, neste registro, nada falta. O perigo está relacionado com o colapso da ordem simbólica. Recorrendo às categorias de “mundo” – o real – e “cena” – o mundo organizado pelas leis do significante – que Lacan elabora no *S10*, o perigo poderia ser identificado com a desarticulação da *cena*, expondo o sujeito ao *mundo*.

Tomemos a relação mãe e criança como perspectiva para abordar esse ponto, que aliás é bastante enfocada em *ISA* e retomada no *S10*. Freud observa que a criança demonstra angústia diante da ausência da mãe, mas também indica que ela vai *aprendendo* que a mãe costuma reaparecer. O jogo do esconder e mostrar o rosto contribui para tanto. Por força dessas repetições, a ausência momentânea da mãe deixa de se constituir como uma situação de perigo. Lacan aborda essa relação sublinhando a importância da inscrição da falta que está implícita na ordem simbólica. A partir das indicações do *S10*, entendemos que é preciso um espaço para que a mãe possa faltar. Esse espaço é indicado justamente pela inscrição da falta simbólica, que a transforma em desejo. A possibilidade de algo faltar depende da preservação dessa falta. Na sua saturação, quando o apoio organizador concedido por essa falta não é vigente, não se instaura um limite, um *basta*, o que se correlaciona a um transbordamento. Daí a colocação de Lacan: a angústia emerge quando isso não falta. Nesse sentido, caso a criança não pare de pensar na falta da mãe, e de reagir a isso, é indicativo de um excesso de presença.

É preciso salientar que essa última se refere a exigência não negociável do desejo do Outro, que em *ISA*, como já vimos, corresponderia às exigências pulsionais. Há uma distinção entre satisfação e exigência de satisfação (VIEIRA, 2008). A face real do desejo do Outro remete à ordem da urgência, de algo imperioso – tem que suprir, tem que acontecer, não tem parada.

A esse respeito, ocorre-me um momento da clínica. Uma paciente, cujas queixas incluíam a preocupação com corpo e a possibilidade de engordar, falava a respeito da tendência compulsiva em identificar a quantidade de calorias dos alimentos que ingeria: “isso não pára de acontecer comigo, sempre está lá: essa preocupação!”. Justamente, expressa a *falta* de uma *falta*, uma lacuna, um espaço (-φ).

A falta duplicada, ou o desdobramento em dois tipos de falta (objeto *a* e -φ), nos ajuda a entender uma proposição do *S10* quanto ao perigo que, aparentemente, contradiz a ameaça constituída pela falta da falta. No final do percurso do seminário, Lacan (1962-1963/2005) afirma que “o perigo em questão está ligado ao caráter de cessão do momento constitutivo do objeto *a*”. (p. 352). A estranheza causada pela leitura dessa sentença vai no sentido de que o perigo, então, remeteria a uma perda – a cessão do objeto *a*. Devemos lembrar, pelas indicações do esquema óptico, que é a perda referente ao objeto *a* que possibilita a inscrição da falta -φ no espelho. A perda de algo real viabiliza a inscrição da falta simbólica: outra forma de entender que, para adentrar ao campo da linguagem, deve-se perder um pedaço do ser, ou de gozo. Por que o perigo estaria caracterizado ora como a falta da falta, ora com o momento pré-especular da cessão do objeto?

Como apontamos no capítulo dedicado ao *S10*, a leitura empreendida por Miller (2005) sugere dois movimentos em seu percurso. No primeiro deles, a angústia é entendida conforme sua função indicativa, tomada pelo Eu como sinal. Trata-se da angústia em abordagem fenomenológica, vivenciada, salientando que a experiência do afeto pressupõe a constituição subjetiva; portanto é angústia constituída. Refere-se à *aparência* de algo do real que perturba a configuração simbólico-imaginária. O segundo movimento do *S10* aborda a angústia referida ao real. Trata-se da angústia automática, que abordamos anteriormente. Em sua origem, ela não é vivenciada; portanto, é mítica. Em uma chave freudiana, ela não é inscrita, é irrepresentável, necessitando ser construída, obtendo articulação representacional *a posteriori*. Por ser originária, é angústia constituinte. O perigo relacionado ao real é pré-subjetivo, original, referido ao desamparo. É vital, posto que põe em risco toda articulação que sustenta a subjetividade. Então, refere-se ao momento de destacamento, ou à *separação*

da porção de gozo que não é narcisicamente integrada, tampouco recoberta pelo significante que fica fora do espelho do Outro – momento de cessão do objeto. Já aqueles perigos sinalizados pela angústia constituída seriam “perigos infinitamente mais leves” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 153), posto que se referem a ameaças construídas, concebidas na articulação simbólico-imaginária. Como pudemos averiguar anteriormente, tal construção coincide com a fantasia.

Verificamos assim que aquela duplicidade da noção de perigo, identificada na argumentação de *ISA*, encontra alguma correlação nas formulações de *SIO*. Há um plano de fundo, o real, e sobre ele, a maneira de um tapume, ou de uma tela, tem-se a fantasia fazendo o anteparo. Os perigos constituídos na fantasia, a despeito da sinalização de angústia, despertada por eles, são leves. Para além deles, há o terror do não-sentido [S(A)]. Isso constitui o perigo original.

Porém, embora em *ISA* seja possível identificar o irrepresentável do desamparo como fundamento da angústia, constituinte das diversas situações de ameaça, o enfoque nos perigos constituídos, relacionados aos objetos, prevalece, sobretudo aquele relacionado à castração. Esta adquire primazia nas formulações de *ISA*, de maneira a centralizar o sentido dos perigos: toda separação ou perda tem relação com a castração. Verifica-se, portanto, que a angústia-sinal, em *ISA*, está pautada em uma *positividade*, conferida pela construção representacional atinente à situação de perigo: a perda do objeto primário. No *SIO*, a angústia referida ao real é destacada. Tomando-se por base o perigo escalonado em dois patamares, identificado em *ISA*, é como se as proposições do *SIO* não se ativessem à ameaça constituída pela representação e semântica da perda, destacando a situação traumática irrepresentável. O registro do real é enfocado com a formalização do objeto *a*. Tal objeto está implicado na angústia sinal, na medida em que sua aparição é perturbadora. E o momento de cessão do objeto adquire preponderância, apontando para uma angústia ligado ao sem sentido. Portanto, ela sinaliza a abolição da ordem das significações, portanto, a *negatividade*. Daí ficar claro que a angústia é a tradução subjetiva do objeto *a*. No *SIO*, a angústia é apresentada como afeto que não engana, justamente por ser arredo às amarrações significantes, ou à consistência imagética. Portanto, ela estaria fora da dimensão do engodo.

Entendemos que, pelo menos em parte, uma das razões para essa diferença pode ser atribuível ao que Mezan (2014) qualifica como matrizes clínicas, sobre as quais a produção intelectual de cada um dos psicanalistas foi elaborada. Freud partiu, essencialmente da matriz

atinente às neuroses de transferência. O perigo da castração é destacado como elemento que, sinalizado pela angústia, põe em movimento as defesas. Em *ISA*, a constituição da subjetiva está fortemente ligada à temática defensiva e à lógica funcionalista (FIGUEIREDO, 1999), de modo que o perigo de castração vem responder pelo motivo ao qual a angústia é emitida, deflagrando o processo de configuração das neuroses. Quanto ao percurso clínico de Lacan, a matriz referente ao campo das psicoses teve um lugar especial, atraindo sua atenção desde o início. As particularidades da psicose, destacando-se suas falhas na simbolização e proximidade do gozo, provavelmente influenciaram a abordagem da angústia referida ao real, como encontramos no *S10*. Assim como observado na discussão anterior, a ordem das significações ganha prevalência na definição do perigo: no caso, a abolição da dimensão do sentido. Tomando-se essa via para a problematização das questões, a busca por um referente empírico não encontra lugar entre as inquietações do *S10*. Se em *ISA*, o perigo tende a ser identificado como vindo desde a realidade exterior, no *S10*, ele apresenta relação como a cessão do objeto *a* que, como abordado, corresponde a uma exterioridade anterior à interiorização. Trata-se, portanto, de algo externo à articulação simbólico-imaginária, exterior e ela; porém, não exterior à realidade psíquica. Ele corresponde a um *exterior íntimo*.

Se a castração possui primazia em *ISA*, a angústia qualificada por esse perigo também se reveste de importância, adquirindo alguma densidade teórica no conjunto das proposições e se destacando como noção. Vejamos, na próxima seção, como as duas obras em estudo se relacionam no tangente a esse ponto.

3.3 – Angústia de castração

A temática do perigo também pode ser abordada a partir da perspectiva do desenvolvimento em *ISA*. Verificamos que, tendo como pano de fundo a condição do desamparo, Freud traçou uma trilha desenvolvimentista, indicando objetos que seriam típicos de cada fase da vida, cuja possibilidade de separação a angústia estaria relacionada. Freud entende que a progressiva independência da criança influencia sobre o conteúdo da situação de perigo. É possível considerar que, embora formalmente distintas entre si, atendendo-se às particularidades de cada momento de vida, os tipos de ameaça são solidários do mesmo

núcleo semântico: a perda de um objeto protetor do desamparo. Ao perigo referente ao desamparo psíquico, seguem aqueles relacionados à perda do objeto, à castração e ao supereu. Tais perigos não são substituídos pelos subsequentes; as situações mantêm-se, subsistindo uma ao lado da outra. Elas chegam a adquirir importância de cunho psicopatológico, dado que Freud considera a possibilidade de existir relações estreitas entre as diversas situações de perigo e a forma de neurose a ser constituída. No entanto, há uma contradição nas proposições de *ISA*, dado que Freud, pouco depois, centraliza a formação das neuroses na angústia referente à castração, em detrimento daquelas referentes a outros perigos. O núcleo semântico designado pela perda encontraria na castração sua significação principal.

A partir dessas considerações, identificamos em *ISA* o argumento de que é no campo da angústia estruturante que a subjetividade é organizada, ao menos no que diz respeito às neuroses. Ao elaborar uma correlação entre angústia e tipos de objetos, cuja possibilidade de falta ela sinaliza, entendemos que, em *ISA*, as angústias em sua função de sinal são tipificadas, desdobradas em qualidades, pressupondo certa elaboração do afeto. Partindo do argumento de Laplanche (1987), segundo o qual o afeto pode adquirir diversos níveis de elaboração, entendemos que o afeto no grau zero corresponde à angústia automática, traumática, referente ao desamparo – não há nenhuma simbolização implicada aqui; constitui-se por descarga de pura quantidade. A função sinalizadora da angústia, apontando para a possibilidade da perda objetual, vai adquirindo qualidades, entendendo-se com isso que incide certo nível de simbolização ou elaboração do afeto. As correlações propostas por Freud, em *ISA*, nos permitiria a designação de tipos de angústia conforme o objeto em questão, concernente a determinada fase da vida: angústia de separação, angústia de castração, angústia superegóica.

A despeito dessa variabilidade de qualidades do afeto, Freud identifica o campo estruturante da angústia como aquele concernente à castração. A subjetividade é organizada a partir dela, dado que a angústia de castração é o móbil das defesas que estruturam o sujeito, configurando a neurose. Podemos entender, então, que o campo das neuroses é fundado sobre a castração.

A ideia de defesa, que integra o conjunto de elementos que articulam os argumentos de *ISA*, vem compor, com a castração, o campo que estrutura a neurose. Cada tipo clínico encontraria uma configuração defensiva. O recalque, sendo especialmente identificado na histeria, enquanto que o momento no qual Freud se dedica à neurose obsessiva enseja a distinção de outros mecanismos: a anulação do acontecido e o isolamento. Além disso, a

regressão libidinal adquire relevância na estruturação da neurose, dado que está relacionada às fixações em determinados momentos do desenvolvimento libidinal. A ideia de defesa, em *ISA*, nos oferece uma pluralidade de técnicas e mecanismos defensivos implicados na neurose. Além disso, constatamos que a problemática defensiva se encontra funcionalmente ligada à questão da angústia de castração, vindo responder a partir da sinalização do perigo da perda referente ao falo.

Ao abordarmos a temática da angústia como sinal, identificamos uma rede de ideias, concatenadas entre si: angústia, perigo, sinal, defesa. Juntando-se a estas, adscvem-se as ideias atinentes ao Édipo e à castração – perigo articulado ao campo semântico da perda/separação/falta, destacando-se um objeto especializado: o falo. Configura-se, assim, um campo de inteligibilidade para a constituição das neuroses.

O perigo instituído pela ameaça de perder o objeto fálico nos remeteu ao papel deste como referência para ordenar o mundo a partir do enigma referente à diferença anatômica entre os sexos. A constatação de que nem todos os seres são providos de falo, leva a um enquadre de realidade segundo o balizamento *fálico-castrado*. Lembramos que a fase fálica se caracteriza pela instituição de dois campos, a separação entre aqueles que detém o falo e aqueles que não o possuem, os castrados. A representação do falo como objeto protetor da original situação traumática nos permite entender que o desamparo seria a condição destinada àqueles que perdem o falo. Entendemos que a senda aberta por Freud, no que se refere ao humano, implica em considerar a castração como elemento derivado de uma das perguntas basilares que o sujeito é levado a articular, o que viabiliza uma orientação no mundo, qual seja: “sou menino ou sou menina?” (KUPFER, 1989). As crianças descobrem diferenças que lhes causam angústia, dado que elas estão implicadas no mais íntimo de si mesmas em relação a esse enigma da diferença, o que as leva a fazer perguntas e gerar respostas. A fantasia fálica constituiria uma resposta: enquanto detém-se o falo, vigora-se a proteção contra o desamparo, uma vez que ele possibilitaria a reunião com o objeto materno. O falo pressupõe um entendimento de *completude*, cuja quebra, ou perda, é sinalizada pela angústia como perigo de castração.

Podemos dizer que o Édipo constitui o eixo teórico, referente ao qual o percurso argumentativo de *ISA* é desenvolvido, quanto à angústia de castração. Quando pensamos na noção de perigo no contexto edípico, e suas relações com a angústia, é possível perguntarmos pelas razões que levam ao amor ser algo perigoso. Por qual razão as tendências libidinais

tornam-se proscritas e passíveis de punição. Lembramos aqui que um dos pontos altos da argumentação de *ISA*, corresponde à anterioridade da angústia em relação ao recalque, tese derivada como resultado do estudo das fobias de animais. Vieira (2001), por seu turno, faz um interessante apontamento: a angústia é anterior ao amor e ao Édipo também. O amor não pode ser o mobilizador do recalque; ele não é perigoso por si mesmo, mas é tornado perigoso. Algo vincula a angústia, elemento primordial, ao amor, tornando-o perigoso.

O que torna o amor edípico perigoso parece encontrar lugar na ameaça paterna, algo que vem de fora, o que nos levaria a entendê-la como um perigo externo originário. A revisão dos casos clínicos de zoofobia infantil inicia-se por meio das indicações que apontam para a ambivalência em relação ao pai, enquanto um conflito interno, passando à conclusão que prioriza um perigo que vem de fora. Freud chega mesmo a considerar que aquilo que é da ordem das pulsões, em si mesmo, não seria ameaçador. Observação criticada por Laplanche (1987), na medida em que contradiz a ideia da primazia da realidade psíquica. Pudemos averiguar o quão Freud fica reticente em relação à espacialização psíquica do perigo: ele vem de dentro ou de fora?

Quanto a essa questão, constatamos o destaque para um ponto na linha argumentativa de *ISA*: a concessão de caráter real ao perigo relacionado à emergência da angústia de castração, de modo que ela própria é realista, “angústia ante um perigo ameaçador ou considerado real” (FREUD, 1926/2014, p. 43, grifo nosso). O perigo é *concebido* como real. Isso nos parece muito importante, dado que relativiza a importância de uma distinção, outrora salientada por Freud, na *Conferência 25*, entre angústia realística, referente a um perigo real, e angústia neurótica, referente a uma ameaça desconhecida.

Isso encontraria ressonância com os aportes teóricos anteriores à *ISA*. Vimos que esses trabalhos, tais como *A dissolução do complexo de Édipo* e o historial clínico do *pequeno Hans*, nos permitem verificar que a ameaça proferida “*vamos cortar seu pipi*” não surte efeito em princípio. Tal coação só tem participação na dinâmica referente à castração a partir do momento em que é constatada a diferença sexual. Isso indica ao menino que ele pode perder o que tem, levando-o a fantasiar o perigo. Dessa forma, a ameaça paterna vem compor a concepção do perigo de castração, como seu fundamento, dado que institui um limite quanto ao avanço dos desejos edípicos. Porém, o perigo de castração implica em uma construção subjetiva. Verificamos, assim, a articulação entre percepção e fantasia na concepção do perigo, tomado como algo real, exigindo imediata ação defensiva. Sublinha-se a característica

de prontidão reativa da angústia aqui, aproximando-a do sentido do medo (HANNIS, 1996), uma resposta a algo próximo. Portanto, podemos constatar uma urdidura subjetiva na noção de perigo, sendo esse, então, uma concepção de algo tomado como real. Isso relativiza a polarização, outrora sustentada, entre os eixos ‘angústia realista/ perigo externo/ ameaça real-objetiva’ e ‘angústia neurótica/ perigo interno/ ameaça pulsional’. Lembramos que, ao final de *ISA*, a aporia referente à espacialização psíquica do perigo é remetida à convergência dos polos externo e interno para a dimensão do trauma/desamparo, essencialmente negativa. Porém, entendemos que o expediente apenas aponta o pano de fundo irrepresentável, sobre o qual a tematização do perigo é articulada, dado que esta exige uma elaboração simbólica, implicando em referências representacionais. Em outras palavras, o perigo do desamparo seria *genérico* e, nesse sentido, de caráter mais ontológico; o referente à castração, mais *específico* e também o *estruturante* da personalidade. A angústia de castração, em *ISA*, é destacada em seu protagonismo como deflagradora do processo defensivo e consequente formação das psiconeuroses. Ela é referente a uma ameaça representacionalmente especializada, sendo, portanto, uma *angústia qualificada*, inserida em um *contexto representacional* atinente ao perigo da perda do objeto fálico.

Percebe-se, assim, o quanto a angústia, em *ISA*, se apresenta balizada por essas duas dimensões: trauma/desamparo – no que diz respeito à angústia irrepresentável, o afeto originário – e a castração – angústia qualificada, ou especializada, dado que constituída em um plano de representação. Também podemos afirmar que essas duas balizas possuem características bem demarcadas. A primeira é fundamentalmente *negativa*: uma intensidade traumática irrepresentável, que se impõe como apelo de sentido, por meio de articulação simbólica. A segunda, em sua expressão, também é negativa, mas é da ordem de um efeito da falta, pressupondo, portanto, a representação de um objeto protetor do desamparo, cuja perda é sinalizada como perigo. Dessa forma, ela configura uma *positividade*.

No *SIO*, parte-se da estrutura edípica, na qual lei e desejo estão em relação de mutualidade, para abordar o que se passa na dimensão da cena do Outro. Dessa forma, o eixo simbólico-imaginário é organizado pelo campo edípico.

Lacan refere-se à falta concernente à angústia de castração como a lacuna (-φ) no espelho do Outro, que orienta o desejo e confere ao Eu uma imagem unificada. Podemos verificar o quanto a castração é um vazio estruturante, uma falta a partir da qual o real é recortado pelo simbólico, concedendo-se sentido à experiência humana. Isso nos ajuda a

entender o quanto a castração, como falta simbólica, é revestida de importância. Dela depende a manutenção da articulação simbólico-imaginária, na qual o sujeito é constituído, e o desejo pode ser sustentado. Note-se algo interessante: ao considerar a castração como falta simbólica de um objeto imaginário, como já indicado desde o *Seminário 4*, é possível considerar que a angústia de castração já possui, em si, uma certa qualidade, dado que comparece estruturada pelo significante no campo do Outro. Identificamos isso também em nossa leitura de *ISA*, mas em termos de representação que gera uma qualidade. No *S10*, ela se refere a uma lacuna no Outro, correspondente a uma falta redutível, passível de ser saturada, o que, como vimos, é desorganizador para a consistência da subjetividade, caso seja preenchida. A consistência imaginária é selada por um vazio, por uma falta ($-\phi$).

Assim, se em *ISA* a castração constitui-se como uma falta a ser evitada, desde que concebida como perigosa, no *S10*, ela é uma falta a ser preservada. O estatuto da falta tem valor diferente nas duas obras. Em *ISA*, ela comparece como possibilidade de perda de algo constituído e valioso, implicando em uma representação prévia de objeto protetor do desamparo. No *S10* é a falta que viabiliza a própria significação. Por outro lado, podemos entender que, no *S10*, Lacan não está discordando frontalmente de Freud quando este atribui importância à castração na constituição da subjetividade. Trata-se de uma operação fundamental. Porém, ele deixa de lado a *problemática defensiva*, tão presente em *ISA*, no sentido de fazer frente a uma perda, representada pela castração. Justamente, como já desenvolvido aqui, no *S10*, a angústia surge quando a falta organizadora, indicada pela castração, vem a faltar. A angústia corresponde à desorganização ou ao colapso do simbólico diante do aparecimento de algo concernente a uma falta irreduzível ao significante. Em *S10*, vemos como a estrutura da subjetividade implica na manutenção de uma falta.

O eixo simbólico-imaginário é apresentado, então, como dimensão regida pelas leis da linguagem. No *S10*, sublinha-se a equivocidade comportada pela ordem significante, viabilizando o engano e a mentira. Isso levou Lacan a deixar de lado a significantização generalizada da experiência analítica, visando outro registro, no qual não haveria engano.

Nesse sentido, a castração, referente à estrutura edípica, é apresentada como uma versão da falta original. Vimos que a fratura íntima, correspondente ao destacamento de uma porção de gozo, o objeto *a*, diz respeito a uma falta irreduzível ao significante. No *S10*, Lacan aborda essa outra modalidade de falta, referente ao registro do real, identificada ao corte que o significante faz no corpo. Assim, a angústia no *S10* é situada para além do vazio da castração,

apontando para uma falta que não se reduz àquela referente ao simbólico, que enseja a produção da ilusão e do engano.

Diante disso, a estrutura da fantasia – a *cena dentro da cena* – sendo ela construída dentro dos limites do Outro, traria em si tal característica enganosa. Podemos entender que a noção de perigo de castração, em *ISA*, produto da urdidura subjetiva na qual comparece a concepção de uma dramaturgia, ou de uma ficção, pode ser considerada como da ordem da ilusão, pela perspectiva aberta pelo *SIO*, relativizando sua importância no que se refere à tematização da angústia de castração.

No *SIO*, é salientado o registro que vai além do espaço delimitado pelo espelho, referente ao eixo simbólico-imaginário. Esse registro, como já apontado aqui, concerne a uma estrutura fundamental e irreduzível. “Aí está a hiância que não tentamos mascarar, visto que, por outro lado, achamos que o complexo de castração e o *Penisneid*, que nela florescem, não são, eles próprios, os termos definitivos para designá-la” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 202). Essa passagem deixa claro que a falta atinente à castração, em sua vertente simbólico-imaginária, não se identifica com essa falta fundamental. Podemos verificar aqui a mesma consideração que fizemos no item anterior, a respeito de dois tipos de falta. Assim, no *SIO*, Lacan relativiza a angústia referente à castração, formalizando um objeto lógico, o pequeno *a*, para designar essa hiância ou falta fundamental. No *SIO*, a angústia é remetida para esta falta original, para além da castração, portanto. O desenvolvimento das ideias prescinde do argumento da defesa contra a ameaça sinalizada pela castração, como em *ISA*.

Essas limitações identificadas no eixo simbólico-imaginário, referentes à abordagem do real pela via significante, promovem, no *SIO*, uma mudança de enfoque quanto à castração. Lacan a desloca da referência edípica, situando-a no campo da mediação do par sexuado.

Para tanto, Lacan recorre às particularidades anatômicas do pênis, destacando sua evanescência, ou seja, sua forma ereta é passageira. A possibilidade de sua queda ou detumescência é o traço mais significativo para a vivência humana. Intenta-se deixar em suspenso os aspectos do falo como significante ou como imagem, visando a vertente real: o falo-órgão. O recurso a tal característica do órgão serve para colocar em evidência os limites do falo como resposta ao enigma da diferença entre os sexos. A distinção de campos – homens e mulheres – pede um elemento que faça a mediação entre eles, que seria realizada pelo falo. Entretanto, a função mediadora do falo funciona em toda parte, exceto na fase fálica, onde é esperado, como resposta definitiva ao enigma da diferença sexual. O princípio

da angústia de castração corresponde ao esvanecimento da função fálica no nível em que se espera que o falo compareça. Ele é convocado para oferecer uma mediação, de maneira a garantir a relação entre homem e mulher, digamos, em sua complementaridade²⁵. Ele viria a sustentar uma resposta como o mediador entre dois campos. Entretanto, o órgão sexual masculino se mostra limitado quanto à sua manutenção na via de apelo ao gozo; ele não é suscetível, jamais, de se manter por muito tempo nessa trilha. Ele cede, prematuramente, à realização do ideal de junção, do encontro entre os gozos, masculino e feminino.

No *S10* é proposta a distinção entre o desejo e o gozo. A partir disso, é sublinhada a impossibilidade de conjugação no plano do gozo, de maneira que um ideal de complementariedade entre os sexos estaria descartado. O falo não é capaz de efetivar uma mediação no plano da mediação sexual, de maneira que a dicotomia fálico-castrado não resolveria o enigma referente à diferença sexual. Ela consistiria apenas em uma versão para abordar a distinção. Nesse sentido, Lacan parece indicar o caráter imaginário das diferenças sexuais, tendo eles o papel de organizar uma realidade construída na qual os sexos se orientam em suas relações. Entretanto, as versões concebidas mascaram a verdade da sexualidade.

Como já apontamos, a cena dramática da castração tem um caráter essencialmente ilusório; ela vem escamotear essa verdade, que por sua vez está identificada com a angústia, no que diz respeito à abolição da ordem dos sentidos. Quando as construções ilusórias são atravessadas, encontra-se com a verdade da sexualidade: não há ideal de completude na partilha entre os sexos. A castração substitui essa verdade, sendo tão somente um jogo ilusório, não se confundindo com a fantasia de mutilação, tampouco sendo o ponto a partir do qual não poderia mais se avançar. É o que se refere ao ponto falta-de-significante ou então, como mencionado, à impossibilidade do gozo absoluto, complementar. Tal impossibilidade é concernente à falta irredutível ao significante. Entendemos que a baliza teórica fornecida pelo campo do gozo, que não integra o plano teórico atinente à *ISA*, possibilita, no *S10*, a caracterização dessa outra modalidade de falta, distinta da simbólica, que abre caminho para um outro registro, fora da vigência das leis do significante.

Em *ISA*, a angústia de castração está estritamente relacionada com a ideia de ameaça, perpetrada por um agente, o pai. No *S10*, é possível verificar o esvaziamento desse enredo,

25 No plano cultural, é possível identificarmos proposições formuladas para estabelecer correlações entre os sexos, visando a distinção de campos e a ligação complementar entre eles. Assim, teríamos, por exemplo: “homens são de Marte; mulheres são de Vênus”; “Para os meninos, a cor azul; para as meninas, a cor-de-rosa”.

uma vez que suas referências apontam para os limites da inserção da subjetividade no campo da linguagem. Uma vez que a noção de ameaça de castração não encontra espaço na teorização de *S10*, a espacialização psíquica do perigo não comparece como problemática. Por isso, concordamos com a leitura de Miller (2005) ao considerar que a temática da angústia de castração, no *S10*, indica uma *desedipianização* da castração, dado que esta não está tão conjugada ao drama triangular, tal como observamos em *ISA*. Pelo contrário, no *S10*, Lacan afirma que não há castração, uma vez que não existe objeto a ser castrado, o que remete à questão fálica. Onde o falo é esperado a comparecer como mediador sexual, resposta que garantiria a correspondência entre o gozo do homem e da mulher, ele apenas aparece como falta (-φ).

Em *ISA*, o perigo identifica-se com a perda de um objeto do qual se detém a posse, valioso pela possibilidade de reunião com a mãe, de modo que a completude consistiria em uma possibilidade. No *S10*, é evidenciada a falibilidade do falo. Pudemos mostrar que no nível da relação sexual, verifica-se uma carência do falo, dado que ele apresenta limites quanto à possibilidade de responder pelo enigma da diferença sexual. Logo, a angústia é a verdade da sexualidade pois é com esse afeto que o sujeito se encontra ao ultrapassar a dimensão enganosa da castração. Nesse sentido, a noção de objeto fálico protetor contra o desamparo também vem se mostrar ilusória.

Quanto ao desamparo, pensamos que, à luz das formulações presentes no *S10*, a indicação presente em *ISA*, segundo a qual o desamparo seria um horizonte intrínseco à vida humana, ganha relevância, adquirindo destaque. Freud considerou que o desamparo não se restringiria à vida da criança, uma vez que a vida adulta não livraria ninguém quanto à possibilidade do encontro com essa dimensão. Entendemos que, no *S10*, ao apontar para a falta original, irreduzível à linguagem, Lacan sublinha os limites referentes a ela. As construções ficcionais apresentam limites quanto ao que nos permitem conceder sentido à existência. Isso foi indicado em *ISA*, mas não desenvolvido.

O sujeito se depara, justamente, com a falta de significante no Outro, correspondente à falta de garantias. Entendemos que essa é face real do desejo do Outro, vazio de demanda, pois está fora da articulação significativa. “É próprio da estrutura do Outro constituir um certo vazio, o vazio de sua falta de garantia” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 300). No *S10*, encontramos a valiosa indicação, segundo a qual não é diante da castração que o sujeito recua,

mas sim em fazer de sua castração algo positivo, fazendo de sua castração o que falta ao Outro, “a garantia da função do Outro” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 56).

Uma garantia consistiria na possibilidade de um *Outro do Outro*, uma resposta final, o que saturaria seu vazio, cessando, portanto, a remissão infinita das significações. Em outras palavras, revogaria a falta simbólica. O recuo do sujeito ante a possibilidade da falta simbólica faltar indica sua condescendência com a incidência da falta, na qual o movimento do desejo se respalda. “É por isso que o sujeito só tem um desejo quanto a essa castração primária, *que é voltar a ela*” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 226, grifos nossos). Entretanto, o que Lacan nos indica é que o neurótico posterga a tarefa de fazer valer essa falta significativa na qual o Outro se institui. Frente a falta de uma resposta última que desse conta de seu ser, o sujeito é levado a fazer algo com a sua castração, a partir de sua falta, por sua conta e risco. É o que nos indica a sustentação de um desejo.

Quanto a isso, no *S10*, Lacan deixa marcado que a falta simbólica, que viabiliza o desejo, é correlativa à perda de uma parcela de gozo, correspondente à cessão do objeto *a*, causa de desejo. Portanto, o atravessamento da angústia de castração, que leva à aceitação da falta instituinte do Outro, tem como condição inevitável a perda desse objeto como parte de si. Como já foi abordado, a perda do objeto *a*, falta irreduzível ao significante, é o que inaugura e sustenta a falta simbólica ou falta fálica ($-\phi$), que organiza o eixo simbólico-imaginário, campo no qual se enseja o jogo do desejo.

Assim, é possível percebermos que, no *S10*, ao destacar essa falta que o símbolo não supre, Lacan enfoca a dimensão essencialmente *negativa* da angústia, que em *ISA* identificamos com a dimensão irrepresentável do trauma/desamparo. Lacan retira a problemática da angústia da esfera na qual ela pode adquirir qualquer qualidade, incluindo-se aí aquela concedida pelo adjunto adnominal “de castração”, destacando justamente seu aspecto sem qualidades, referente à abolição da ordem do sentido. A angústia, em *S10*, relaciona-se à suspensão das coordenadas simbólico-imaginárias que sustentam a realidade, ou seja, à derrogação das referências que possibilitam a leitura do *mondo*, instituindo-se assim o plano do *palco*, e das encenações dramáticas desenvolvidas sobre ele. A falta fálica é concebida como falta simbólica, sob cuja incidência é promulgada a ordem das significações, incluindo-se aí as fantasias de castração, de perdas, de faltas, de separações. Portanto, a *positividade* atinente à articulação representacional, que geraria o sentido, apenas poderia ser observada na vigência da falta simbólica.

De acordo com o que encaminhamos aqui, podemos entender que, no quadro referencial de *ISA*, a angústia de castração se constitui como elemento central, estando referida à falta do objeto fálico, enquanto protetor do desamparo. A angústia de castração, em *ISA*, é conceituada estreitamente relacionada ao Édipo. No *S10*, sua tematização é deslocada da referência edípica para a abordagem da relação entre o par sexuado. Na obra de Lacan, a castração edípica é considerada ilusória, escamoteando a verdade da sexualidade, que está relacionada à impossibilidade de consumação do ideal de completude sexual. Tal verdade é referente à modalidade de falta primordial, irreduzível ao significante, diante da qual os sentidos são abolidos. É a essa modalidade da falta que a angústia é tematizada no *S10*, retirando-a do âmbito das significações e da qualidade do afeto. No *S10*, a angústia é abordada para além do registro da angústia de castração, sendo essa apenas uma versão da falta original. Em *ISA*, a angústia de castração pressupõe uma *positividade*, uma articulação de sentido, referente ao campo semântico da perda/falta/separação. No *S10*, indica-se a falibilidade do falo, sua impossibilidade de promotor da completude. Sublinha-se, assim, o caráter ilusório da castração, sendo a angústia relacionada à falta que o símbolo não supre, que é irrepresentável. Portanto, ela é essencialmente *negativa*.

Entretanto, não podemos nos esquecer que, em *ISA*, Freud apresenta a angústia de castração como realista, afeto disparado ante a algo real, próximo, que exige ação imediata. No *S10*, Lacan realça tais características, relacionando a angústia com a proximidade de um objeto elidido do campo do Outro. Deste modo, abordaremos doravante as considerações sobre o objeto da angústia, estabelecendo um cotejamento entre as duas obras.

3.4 – Objeto da angústia

Em *ISA*, a tematização do objeto é apresentada a partir das características de indeterminação e ausência de objeto, no tocante à angústia. Quando um objeto, eventualmente, pudesse ser isolado e identificado, estaríamos diante de uma configuração afetiva distinta: o temor (*furcht*). Entretanto, indica-se outra característica da angústia: sua relação com a *expectativa*. A geração de angústia ocorre *diante de* algo (*angst vor etwas*).

Ao abordar tais características, Freud toma como recurso a distinção entre a *situação traumática* e a *situação de perigo*. A expectativa estaria relacionada ao perigo, algo a ser evitado. Como vimos, a semântica do perigo centraliza-se na castração, o que nos permite estabelecer uma aproximação entre o traço da expectativa com o perigo da castração. A indeterminação e ausência de objeto estariam ligadas ao momento traumático do desamparo. Mais uma vez, é possível verificar como o tema da angústia, em *ISA*, bascula entre os campos do desamparo/trauma, dimensão irrepresentável, e do perigo da castração, que pressupõe uma inscrição; portanto, é fundado na ordem do sentido, da representação.

Em *ISA*, o objeto que ganha destaque nas proposições acerca da angústia corresponde àquele cuja ameaça de perda dá ensejo para que o sinal afetivo seja emitido, alertando o perigo. A sequência proposta por Freud “angústia – perigo – desamparo (trauma)” (FREUD, 1926/2014, p. 116), nos indica a situação traumática do nascimento como o marco originário da teorização. A convulsão econômica vivenciada, frente a qual o Eu é impotente, refere-se a uma exigência pulsional. A constituição de um objeto protetor ocorre no momento em que o bebê percebe que um objeto externo pode pôr fim à situação perigosa que remete ao nascimento. Esse é o deslocamento do teor do perigo, da situação traumática, econômica, para a sua condição, a perda do objeto, que pressupõe uma representação. Há uma passagem do registro econômico (trauma – pura descarga pulsional), para a ordem representacional; o objeto é externo, mas Freud enfoca a sua percepção, que enseja a constituição de um objeto interno, pautado na realidade externa. Admite-se um objeto protetor do desamparo, cuja perda levaria à instalação da situação traumática. Destacamos a seguinte passagem: “[...] a primeira condição para a angústia, que o próprio Eu introduz, é a da perda da percepção [do objeto], que é equiparada à da perda do objeto” (FREUD, 1926/2014, p. 121). Um pouco mais adiante: “[...] repetidas situações de satisfação criaram o objeto que é a mãe, que, surgindo na criança uma necessidade, recebe um investimento intenso, que pode ser denominado ‘anseio’” (p. 121). Admite-se a constituição de um objeto que é altamente investido, ansiado em situações de necessidade.

Embora já tenha sido explanada aqui a temática do perigo, ela comparece neste momento por conta da questão do objeto suscitá-la em alguma medida. Podemos verificar que a abordagem da angústia em *ISA* está situada em um esquema defensivo, encontrando-se estreitamente relacionada ao perigo que, por sua vez, envolve o plano representacional. Assim, correlativo ao objeto primário, constitui-se um objeto ameaçador, instituindo um

limite aos avanços dos desejos edípicos. A noção de castração, justamente, designa o risco da perda do objeto fálico, que poderia garantir uma reunião com o objeto materno. Além disso, a reação ao perigo nos remete para a uma consideração semântica. A palavra angústia, em alemão, língua original na qual *ISA* foi redigido, é *angst*. Sua tradução para o português tem uma relação fortemente estabelecida com a acepção de medo, dada a prontidão reativa envolvida nela. A angústia seria uma reação ante algo bem próximo do sujeito (HANNIS, 1996). No próprio contexto de *ISA* já encontramos a indicação que o conceito de angústia implica na noção de perigo. Se ela é reação a algo perigoso, e que se encontra próximo, seria preciso esclarecer que tipo de objeto ameaça o sujeito. Entendemos que essa questão acompanhou Freud na redação do seu ensaio.

Ao centralizar o perigo na castração, como indicado na seção anterior, percebemos que Freud se mostra reticente quanto à espacialização psíquica do perigo. Entendemos que, no contexto de *ISA*, a preocupação de Freud em relação à dicotomia interno-externo, referente à origem do perigo, encontra lastro na pergunta: *se a angústia é reação a uma ameaça de castração, de onde esta provém?* Ela é interna, pulsional, ou advém desde fora? A questão se mantém ao longo do texto e, chegando ao final, Freud conclui que seja interno ou seja externo, o perigo converge para a dimensão do trauma/desamparo. Perguntamo-nos: será que o “diante de algo” referente à angústia tem relação com o desamparo?

É justamente a partir desse algo, *etwas*, que a leitura lacaniana de *ISA* propõe um objeto concernente à angústia, contrariando a ideia de que ela não possui objeto. Entretanto, a proposição “*ela não é sem objeto*” (LACAN, 1962-1963/2005, p.101), como vimos, indica uma forma oblíqua de abordá-lo, sublinhando que seu delineamento não é discernível. De fato, ele não se confunde com os objetos da partilha, objetos da demanda, articulados pelo significante.

Ao fazer referência ao campo edípico, Lacan, no *S10*, expressa a relação de identidade observada entre o desejo e a lei. Isso nos indica que o objeto do desejo está conformado àquilo que é interdito pela lei. O pai sustenta o desejo pela mãe, possuindo esse objeto e fazendo-o cair sob a proibição para o menino. Essa interdição, por sua vez, torna o objeto desejável: o objeto proscrito pela lei é um objeto visado pelo desejo. O pai é quem estabelece o traçado do desejo e da lei, constituindo-se ele mesmo um objeto ameaçador que põe em risco a manutenção do objeto fálico. Desta relação “desejo = lei” engendram-se os objetos

referentes ao campo edípico: objeto primário materno, o objeto ameaçador, objeto fálico. Tal é o quadro de referência no qual se situa as proposições de *ISA*, como abordamos.

No *S10*, esses objetos situam-se no campo do Outro, sendo dotados de imagens e simbolizáveis. Desta forma, são objetos construídos a partir da grade significante. Verificamos como Lacan aborda a ordem significante como passível de engano. Portanto, como tudo o que é chancelado pelo significante, esses objetos são ilusórios. No item anterior, foi exposta a indicação do *S10* segundo a qual não haveria castração, uma vez que não haveria objeto a ser castrado. Esses objetos são aqueles que integram as fantasias, que são versões construídas pelo neurótico como interpretação do desejo do Outro. Dessa forma, uma análise que se restrinja ao objeto da fantasia do neurótico, estaria fadada ao engodo.

Como já foi abordado, no *S10*, Lacan procura sair da problemática edípica, considerando que a causa do desejo não corresponde ao domínio da lei e do interdito. Em outras palavras, a causalidade não estaria articulada pelo significante, mas seria abordada como resto da articulação significante, apontado para um registro distinto do eixo simbólico-imaginário, ou seja, fora do Outro simbólico.

Se em *ISA*, os objetos relacionados à geração da angústia são constituídos no plano representacional, estabelecidos no campo edípico, no *S10*, Lacan nos diz que tais objetos são enganosos. Quanto mais se envereda pelo caminho pautado pelas relações com esses objetos, mais o sujeito é enganado. A via alternativa a esse caminho, corresponde à angústia, afeto que não engana, que permite a construção do peculiar objeto *a*.

Como Rabinovich (2005) expressa muito bem, a dificuldade de Lacan ao discursar sobre o objeto *a*, neste seminário, é falar a respeito de algo que não é apreensível pelo significante. Fala-se de um pedaço de corpo, ou “a parte de nossa carne” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 237) que é arrancada, abrindo-se uma falta. Ele é abordado também como resto que não encontra acolhida no enquadramento do espelho do Outro. Quanto a isso, vale destacar que a abordagem da angústia, no *S10*, justifica-se como uma via não-significante, um afeto que aponta para algo não recoberto pela ordem da linguagem (MILLER, 2005). A leitura do *S10* nos permite verificar que, nele, o gozo está inerentemente relacionado ao registro do real; trata-se da faixa da experiência humana definida pelo negativo: não especularizável, tampouco simbolizável.

A cessão do objeto *a* como resto caído, a partir da constituição subjetiva, nos faculta o entendimento que esse objeto, estranho às coordenadas simbólico-imaginárias, aponta para a

radicalização dos efeitos da linguagem sobre o sujeito. Como ilustra Lacan, os significantes não são elementos alados que descem do céu e vão esburacando o real. A encarnação do significante pressupõe que algo fique de fora no processo de divisão subjetiva, dado que a ordem simbólica não é capaz de tudo recobrir, tudo abarcar. O *SIO* vem justamente destacar que a emergência do sujeito de desejo implica algo para além das coordenadas simbólico-imaginárias, além da dimensão da significação. Como vimos, a determinação significante, na divisão subjetiva, remete, a um só tempo, à ordem simbólica e àquilo que é avesso a ela, que se constitui como resto não absorvível pelo espelho do Outro. No processo de subjetivação, uma parte carnal de nós fica, necessariamente, aprisionada na máquina formal, para sempre irrecuperável. A entrada na ordem simbólica institui, assim, uma falta que corresponde à ausência de uma resposta última ao enigma do ser do sujeito; incide-se uma falta de significante no Outro [$S(\bar{A})$], ou um *ponto falta-de-significante*. Portanto, os recursos significantes esbarram em um limite na tentativa de oferecer significação ao que foi perdido. Isso nos leva ao entendimento de que essa falta [$S(\bar{A})$] é solidária ao corte que origina o objeto *a*. Trata-se da falta que o significante não preenche, diferente da falta simbólica, ilustrada por um livro que não se encontra em seu lugar na estante. Uma vez que ele volta para lá, não se verifica mais a falta. E mesmo não estando em seu lugar, este último, *um lugar*, nos faculta a possibilidade de simbolizar essa falta: é o lugar do livro ausente; o livro falta em seu lugar, instituído pelo simbólico.

Disso, podemos verificar que o objeto relacionado à angústia, elaborado no *SIO*, tem status muito diferente daquele concebido por Freud, no contexto das proposições de *ISA*. No *SIO*, o objeto é essencialmente negativo, um resto, correspondente a uma perda que incide em um tempo anterior à constituição do Eu. Ele é resistente à significação e sem imagem, ou seja, não especularizável. Em *ISA*, Freud apresenta a angústia como afeto caracterizado pela indeterminação do objeto, a despeito de considerar algo diante do qual ela emerge. A angústia estaria relacionada à iminência da separação de um objeto. Ele concebe este objeto como protetor do desamparo, um elemento representacional, psíquico, que é constituído tendo como referência a realidade externa. A passagem “o objeto psíquico materno substitui, para a criança, a situação biológica do feto” (FREUD, 1926/2014, p. 80) ilustra tal concepção de objeto.

O objeto *a* pode ser descrito como *resto* e como *perda*. Isso nos parece paradoxal. Como alguma coisa pode ser, a um só tempo, *resto*, apontado para um excesso, e *perda*,

referente à falta? Só podemos entender isso se consideramos a distinção entre os registros, apresentada no contexto do *S10*. Ele se constitui como um resto da divisão subjetiva operada pelo significante – daí não entrar na ordem simbólica, sendo abominado pelo Outro. Ele é perda enquanto uma porção do nosso ser, ou da nossa carne, que aponta para o registro do real, o campo do gozo, dimensão distinta daquela referente ao eixo simbólico-imaginário. Lembramos que a constituição desse objeto envolve uma *separação*, ou seja, uma divisão por dentro, derivando daí um *externo interior*, ou um *exterior íntimo*. Essas indicações nos remetem a ideia de que um fragmento muito íntimo encontra-se externo à ordem simbólica a partir da qual organizamos o mundo e nos reconhecemos. É nesse sentido que entendemos que o objeto *a* refere-se a uma exterioridade anterior a qualquer interiorização. Isso nos ajuda a encaminhar o impasse quanto à espacialização psíquica do perigo, presente em *ISA*. A distinção entre um dentro e um fora implica na sustentação de um arranjo imaginário, que viabiliza o estabelecimento de uma borda, instituindo a fronteira entre os dois espaços. Vimos que presença do objeto *a* constrange a ordenação simbólico-imaginária, apontando para o seu colapso, para a abolição do sentido. A angústia, sinal do real, “suspende a vigência do mapeamento imaginário, que reconhece intuitivamente a diferença entre um dentro e um fora” (HARARI, 1997, p. 152). Dessa forma, se no contexto de *ISA* a pergunta incidia sobre a origem do perigo, no *S10* é a própria ordem, que permite a existência da dicotomia interno-externo, que está sob ameaça. Quanto a isso, como havíamos considerado anteriormente, perguntávamos se o “algo”, diante do qual a angústia emergiria, poderia estar relacionado à dimensão traumática do desamparo. Percebemos que sim. O irrepresentável do trauma: é diante dele que a angústia surge. Entretanto, há de se ter uma precisão. Trata-se de um entendimento da indicação freudiana – angústia diante de algo – a partir da leitura lacaniana, que encontramos no *S10*.

À luz das formulações do *S10*, podemos compreender que os objetos referentes à angústia que estão indicados no *ISA*, são objetos da demanda, constituídos pelo significante. Dessa forma, eles podem ser inseridos no contexto atinente à *objetividade*. Como já mencionado, a causalidade do desejo, em *ISA*, é concebida dentro da referência edípica da lei sendo, portanto, articulada pelo significante. No *S10*, a causalidade é atribuída ao objeto *a*, que se caracteriza pela *objetividade*. Esta se refere ao corte do significante no corpo, instituindo uma hiância, uma abertura que causa o desejo, uma fenda não suturável pela linguagem. Assim, o objeto *a* é correlativo a esse corte, à falta irreduzível ao significante. O

esquema óptico nos indica que, estando fora do espelho do Outro, invisível, sendo pré-especular, ele comanda o jogo, afeta, causa o desejo. O objeto *a* constitui-se como o “ponto-raiz no qual se elabora no sujeito a função da causa. A forma primordial da causa é a causa de um desejo”. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 321).

A partir do que foi desenvolvido, podemos identificar diferenças quanto ao objeto relativo à angústia, a partir das duas obras em estudo. A distinção incide particularmente quanto ao estatuto epistemológico dos objetos. Em *ISA*, a noção de objeto implica em sua constituição a partir da realidade, dentro de um paradigma centrado na representação (CAMPOS, 2013). Verifica-se que a constituição dos objetos psíquicos tem a realidade como referente, estando pautados em um plano representacional. Eles são localizáveis pelas coordenadas têmporo-espaciais, relativas à realidade, que, segundo a perspectiva oferecida pelo *S10*, é fundada no eixo simbólico-imaginário. É nessa dimensão que as questões espaciais podem ser propostas, seguindo a partição entre o interno/psíquico e o externo/realidade. No *S10*, Lacan propõe outra perspectiva epistemológica quanto ao objeto, concebendo-o como causa, pura negatividade, inassimilável pela dimensão representacional. O objeto *a* é identificado a uma perda de gozo, sendo que seu conceito consiste em uma formalização lógica, que aponta para a anterioridade em relação ao que é instituído pela ordenação simbólico-imaginária. Sendo algo referente a um tempo pré-subjetivo, mítico, ele pressupõe uma construção. Desse modo, seu estatuto não se confunde com aquele dos objetos da demanda, constituídos pela articulação significante. Como falta não suturável pela linguagem, o objeto *a* demarca outro registro, distinto do eixo simbólico-imaginário: o real, inominável, que se refere ao campo do gozo.

A partir dessas considerações, fazemos um apontamento referente à própria designação que encabeça a presente seção. Acreditamos que não se trata propriamente de “objeto da angústia”. Tal expressão remete ao entendimento que haveria um objeto que causasse a angústia. Como Lacan (1962-1963/2005) nos indica, “a angústia é desprovida de causa” (p.338). Isso nos leva a pensar no caráter originário do afeto de angústia.

Em *ISA*, a angústia, compreendida como afeto atinente às funções do Eu, sinaliza a possibilidade de uma *falta* de objeto pautado na representação, o que nos indica uma *positividade* quanto a ele: há um objeto, cuja falta é sinalizada pela angústia. Assim, verifica-se uma semântica da perda, um sentido construído para o perigo, ante o qual a produção da angústia estaria relacionada. Tal constituição de objetos, atrelados a sentidos, é realizada a

partir de vivências, que pressupõem inscrições psíquicas. Fora do registro egóico – portanto, como fenômeno automático – a questão do objeto nem poderia ser considerada dado que estaríamos no âmbito do irrepresentável. Consonante a isso, *ISA* termina por destacar a característica de indeterminação de objeto da angústia. No *SIO*, a angústia concerne à *falta* de apoio de uma falta, ou seja, a suspensão da falta simbólica com a conseqüente abolição do campo do sentido. O objeto *a* indica uma falta não redutível ao significante, ou seja, irrepresentável. Refere-se, portanto, a uma *negatividade*. Embora Lacan conceda a esse conceito a designação de objeto, ele o faz de maneira oblíqua – “não sem objeto”. Isso remete às particularidades epistemológicas desse objeto: ele não se constitui no símbolo, tampouco possui imagem, indicando o registro do real. Desta forma, a perspectiva aberta pelas formulações do *SIO*, quanto ao objeto da angústia, nos leva a pensar no caráter essencialmente negativo desse afeto, permitindo destacar que o “diante de algo”, presente no *ISA*, pode, justamente, referir-se ao campo irrepresentável do trauma/desamparo. Não há objeto que cause a angústia, à maneira de um objeto que cause amor ou ódio, por exemplo. O estatuto da angústia é negativo por ela traduzir subjetivamente a presença de um objeto correlativo ao *ponto falta-de-significante*, ou seja, a ausência de sentido.

CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando na finalização do percurso deste trabalho, é momento de nos voltarmos para o seu ponto de origem. Buscávamos tematizar a angústia a partir da comparação entre duas importantes referências bibliográficas na tradição psicanalítica freudo-lacanianiana: *ISA* e o *S10*. A retomada das formulações presentes em *ISA*, no *S10*, viabilizaram algumas perspectivas para a leitura do ensaio freudiano. Devemos lembrar que Freud e Lacan, em suas produções teóricas, partiram de contextos intelectuais muito diferentes entre si.

Pudemos verificar que as proposições de *ISA* são elaboradas no campo edípico, que por sua vez está fundamentado no paradigma representacional. Freud considera o momento do nascimento como traumático, dado que se constitui como uma ruptura. A situação homeostática, dentro do ventre materno, é rompida com a chegada ao mundo, caracterizando-se pelo aumento das magnitudes de estímulos gerados pelas exigências pulsionais. O bebê não dispõe de recursos para solucionar tamanho afluxo energético, estando em desamparo. A angústia é o afeto que se origina nesse tempo marcado pela irrepresentabilidade. Entendemos que se trata do afeto em grau zero de elaboração. É a reação afetiva automática frente aquilo que é pura quantidade ou pura intensidade, sem ligação representacional. Isso nos remeteu à ligação entre essa angústia traumática e a pulsão de morte. Freud destaca o momento em que um objeto psíquico é constituído, tendo como referência a mãe, que pode subtraí-lo do estado de desamparo por meio dos cuidados prestados. A partir desse momento, balizado no campo das representações, é que a teoria da angústia apresentada em *ISA* ganha sua especificidade. A perda do objeto protetor passa a designar o perigo. A semântica da perda vai adquirindo delineamento, articulada ao sentido da ameaça, que encontra respaldo nas consequências externas às quais se está sujeito ao dar livre curso ao desejo edípiano. Nesse contexto, o objeto fálico constitui-se como algo de muito valor, uma vez que nele se encerra a promessa de reunificação com a mãe, afastando-se do risco do desamparo. A possibilidade de ser privado desse objeto é o que a angústia sinaliza. Freud centraliza a questão da estruturação da subjetividade no plano da castração, que por sua vez é correlativo ao Complexo de Édipo. A organização psíquica transcorre por meio do arranjo do drama edípico, composto pelos objetos que lhe são próprios: objeto protetor primário, objeto fálico, objeto ameaçador.

A partir da castração, a função sinalizadora da angústia é situada em importante papel no plano defensivo. É a partir dela que o princípio do prazer é acionado, colocando em curso as defesas que estruturam a subjetividade e formam os sintomas, no campo da neurose. As atribuições egóicas são muito destacadas no quadro referencial de *ISA*, dado que é no Eu que a angústia é emitida e sentida. Se originalmente, o afeto era um fenômeno automático, involuntário e desorganizador, a partir do assenhoreamento do Eu em relação à angústia, ela passa a desempenhar uma função psíquica. A angústia passa a ser reproduzida deliberadamente, de forma minorada, alertando o perigo, antecipando-o e se preparando para ele. A ameaça, sendo articulada à possibilidade da falta do objeto fálico, passa a conferir qualidade à angústia: angústia de castração. Estando organicamente articulada ao aspecto defensivo do psiquismo, visando seu equilíbrio e sua organização, *ISA* nos apresenta uma teoria funcionalista da angústia. O Eu passa a servir-se dela para propósitos referentes à manutenção do sistema, cujo gerenciamento ele é responsável.

Podemos constatar que as proposições de *ISA* referem-se à angústia a partir da distinção entre a situação traumática e a situação de perigo. A diferenciação entre angústia automática e angústia sinal – sendo a angústia de castração uma especialização desta – fundamenta-se a partir do discernimento do perigo (representação), destacado da dimensão do trauma (irrepresentável). A situação traumática se alinha às ideias de quantidade, força, processos primários, exigência pulsional, pulsão de morte, fator econômico, irrepresentável. Já a situação de perigo perfila-se nas ideias de qualidade, sentido, processos secundários, funções egóicas, perda objetual, inscrição psíquica, memória, fator histórico, representação. Correspondentemente, teríamos a angústia automática como reação ao trauma, ao terror, e a angústia-sinal como alerta de um perigo, cuja antecipação viabiliza o preparo para enfrentá-lo.

Disposta dessa forma, parece-nos que tal perspectiva funcionalista da angústia apresenta-se como uma domesticação do afeto, sendo sua expressão dosificada minimamente, de modo a cumprir sua utilidade enquanto sinal. O campo representacional, ao conferir sentido ao perigo, articulado ao importante papel do Eu, como aquele que se serve da angústia, parece arrematar um entendimento segundo o qual cada coisa tem seu lugar e seu papel, configurando-se um sistema em equilíbrio. Entretanto, a argumentação de *ISA* apresenta alguns impasses em seu percurso.

Ao longo do ensaio, Freud se pergunta mais de uma vez pelas razões que levam os neuróticos a se angustiarem diante de situações que não seriam justificadas a partir de um

plano de desenvolvimento. Em outras palavras, o que levaria a manutenção de velhas situações de perigo, que já não mais existem. Além disso, a partir da segunda tópica, Freud tende a enfatizar cada vez mais os processos secundários e o reconhecimento consciente e cognitivo, por parte do Eu, em relação às consequências perigosas que a realidade apresenta. Por conta disso, a realidade exterior passa a ter maior destaque, em detrimento da interior. Em relação ao perigo de castração, a dúvida se delineia: ele é pulsional, vem de dentro; ou é um perigo real, situado fora do psiquismo? A hesitação se alinha com a clássica perspectiva que distingue angústia realística e angústia neurótica.

Freud termina por convergir todas as situações perigosas para a dimensão traumática do desamparo. Trata-se daquilo que ele já havia considerado anteriormente: a convulsão econômica própria ao desamparo é o núcleo do perigo. Cada representação de perigo traz em seu cerne a irrepresentabilidade do trauma. Além disso, Freud faz um importante apontamento ao considerar o perigo de castração como algo realístico. Isso confere fundamento real à angústia neurótica, relativizando a antiga dicotomia. Lembremos da ilustração, inserida na introdução deste trabalho, que descrevia a angústia ante a aproximação de algo que, na realidade, não era perigoso. No entanto, o afeto, em sua reação de prontidão, sinaliza algo real. É o que Freud nos deixou, indicando que a angústia é diante de algo. Entretanto, ele sublinha a indeterminação do objeto da angústia, remetendo tal característica do afeto à dimensão do trauma/desamparo.

No *S10*, Lacan se propõe a defletir seu ensino da vertente caracterizada pela generalização dos efeitos do significante. Buscando a causalidade do desejo, ele denuncia a dimensão enganosa do significante, de maneira que a causa não poderia estar cernida à articulação simbólica. A via da angústia mostra-se como um caminho possível para seus intentos, tendo em vista ser ela o afeto que não engana.

A leitura do *Unheimliche*, pertencente ao campo do angustiante, é um recurso para Lacan indicar a dimensão de revelação atinente à experiência da angústia. Algo, desprovido de imagem, aparece em um lugar de falta, no qual não era esperado, causando perturbação, estranheza. Isso permitiu destacar uma falta, cuja preservação é fundamental para o sustento de uma realidade. Esta última corresponde ao eixo simbólico-imaginário, o campo do Outro, no qual é possível nomear as coisas e nos reconhecemos. Entendemos que as proposições de *ISA*, estabelecidas no campo edípico, referem-se a esse eixo. Como pudemos verificar, a possibilidade ofertada pelo plano representacional facultou a constituição de objetos que

viabilizaram sentido ao perigo, uma semântica da perda, frente a qual a angústia é sinal. Lacan parte da ordem das significações, indicando uma falta simbólica que condiciona esse cenário, tal realidade na qual um perigo pode ser concebido. Porém, o campo do Outro é regido pelas leis do significante; portanto, é ilusório. Justamente, aquilo que no *Unheimliche* vem comparecer, perturbando a ordem simbólica, corresponde a uma falta não suturável pelo significante. Sendo assim, não há palavra ou imagem que pode representá-la. Perdem-se as referências, inclusive aquelas que permitem o próprio reconhecimento e a localização ante o desejo do Outro. Essa experiência comporta uma alteridade que não se confunde com o Outro simbólico, portanto. Fica-se diante do Outro real, cujo querer enigmático enseja o posicionamento do sujeito como objeto. A angústia, dessa forma, refere-se à abolição da ordem do sentido.

A via da angústia permitiu a distinção desse algo, abominável pelo Outro, que Lacan designou como objeto *a*. Ele constitui uma porção de gozo que fica de fora no processo de subjetivação, ou seja, na entrada no campo do Outro. A ele é atribuída a causa do desejo, na medida em que ele é um corte, uma falta não preenchível pelo símbolo, garantindo a remissão dos significantes e a sustentação do desejo.

Percebemos que a investigação trilhada pela senda aberta pela angústia, levou Lacan aos confins da linguagem, construindo um objeto que se identifica a uma causalidade inassimilável simbolicamente. Por isso, tal objeto demarca um outro registro, distinto do eixo simbólico-imaginário: o real. Este, refere-se ao inominável, à faixa de experiência humana em relação de excludência com o eixo simbólico-imaginário, de maneira que sua aproximação coloca em risco a sustentação da ordem simbólica. A angústia é sinal do real. O real é um registro que, embora fora das coordenadas organizadoras da realidade, faz parte do psiquismo. Por isso, o objeto *a* é um exterior íntimo ou um externo interior. A aparição perturbadora do objeto *a*, vinda desde o real, nos permitiu entender que a espacialização interno-externo só pode ser concebida a partir do campo represencional. Além disso, a angústia é destacada como a verdade da sexualidade, uma vez que ela indica os limites da linguagem para dar conta da distinção entre os sexos. Há algo da ordem do gozo que não é redutível às significações e concepções. Portanto, o falo mostra-se falho na mediação entre os sexos; não há complementaridade possível.

Entendemos que as perspectivas abertas pelo *SIO* permitem a leitura de *ISA* de maneira a realçar a dimensão originária da angústia, assim como o trauma e o desamparo. A

distinção de um registro que concerne ao inominável, enseja o destaque para a dimensão irrepresentável relativa à angústia. Toda a dramaturgia edípiana, com seus objetos correspondentes, pode ser lida a partir da perspectiva do eixo simbólico-imaginária. Regida pelas leis do significante, ela é enganosa, ilusória. O mesmo pode ser aplicado quanto ao entendimento da castração. A representação do perigo referente a uma perda terrível é uma fantasia, que vem tamponar o real. Por mais que o neurótico remeta seu sofrimento à fantasia de castração, por trás dela, há algo pior: a suspensão de todo sentido. Isso nos remete às consequências de uma análise que tenha por referência apenas a dimensão simbólica. Fazer girar o tratamento em torno das construções fantasísticas do neurótico, fatalmente acarretará em limites para o processo. O caso clínico de Margaret Little nos possibilitou ilustrar tal condição. As questões somente encontraram encaminhamento transferencial a partir da presentificação de uma falta irredutível à linguagem.

Dessa forma, as perspectivas abertas pelo *SIO* nos permitem o entendimento da angústia como afeto essencialmente negativo, relacionado ao não sentido. Sua apresentação da angústia comparece descolada das qualificações ou sentidos atribuídos à angústia, assim como das considerações funcionalistas, tão presentes nas linhas argumentativas de *ISA*.

É importante mencionar os limites do presente estudo. A caracterização da angústia tomou como referência apenas um pequeno segmento da vasta produção lacaniana, de modo que fica evidente a parcialidade quanto à apreensão do tema no ensino de Lacan. Mesmo quanto à obra freudiana, admitimos limites, uma vez que demos ênfase ao último período da teoria da angústia. Por fim, indicamos também as restrições do presente ensaio, dado que optamos por ter como balizas algumas noções referentes à angústia, deixando de lado outras questões abordadas pelas duas obras. Por exemplo, passamos ao largo do tema referente ao Édipo feminino e às proposições atinentes ao desejo e ao gozo da mulher. Entretanto, a despeito dos limites, entendemos que é no trabalho intertextual, balizado em determinados pontos, que se faz possível a argumentação, sustentando o encaminhamento de questões referentes à leitura de importantes obras da tradição psicanalítica.

REFERÊNCIAS

ALLOUCH, J. *A psicanálise: uma erotologia de passagem*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2010.

BERNARDES, A. C. A resposta do analista: o caso Frida de Margaret Little. In: HANNA, M. S. G. F., SOUZA, N. S. (Orgs.) *O objeto da angústia*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2005.

CALAZANS, R. Sobre a psicopatologia dos atos. *Psic. Clin.*, v. 27, n. 1, p. 123-136, 2015.

CAMARGO, S. G.; SANTOS, T. C. O Homem dos lobos e a atualidade da incerteza diagnóstica. *Tempo psicanal.*, Rio de Janeiro, v. 44, n. 2, p. 477-502, 2012.

CAMPOS, E. B. V. A primeira concepção freudiana de angústia: uma revisão crítica. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 87-107, 2004.

CAMPOS, E. B. V. Considerações sobre o Estatuto Epistemológico da Psicanálise: a teoria das pulsões e a problemática da representação na contemporaneidade. In: MOUAMMAR, C. C. E.; CAMPOS, E. B. V. (Orgs.). *Psicanálise e Questões da Contemporaneidade - I*. Curitiba: CRV; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013, p. 13-30.

CAMPOS, E. B. V. *Limites da representação na metapsicologia freudiana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

CAMPOS, E. B. V.; COELHO Jr, N. Incidências da hermenêutica para a metodologia da pesquisa teórica em psicanálise. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 27, n. 2, p. 247-257, 2010.

CESAR, A. C. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

COELHO JUNIOR., N. E. A noção de objeto na psicanálise freudiana. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 37-49, 2001.

CONTÉ, C. Superfícies topológicas. In: KAUFMANN, P. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: 1996, p. 527-541.

COSTA-MOURA, F. A incidência real da causa na psicanálise. *Revista do Departamento de Psicologia - UFF*, v. 18, n. 1, p. 117-130, 2006.

COSTA-MOURA, F. Determinismo e responsabilidade: a condição objetual do sujeito. *Tempo Freudiano*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 177-192, 2007.

COSTA-MOURA, F.; COSTA-MOURA, R. Objeto a: ética e estrutura. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 225-242, 2011.

DOR, J. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

DUNKER, C. I. L. Mal-estar, sofrimento e sintoma: releitura da diagnóstica lacaniana a partir do perspectivismo animista. *Tempo soc.*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 115-136, 2011.

FARIA, M. R. Do significante da falta à falta de significante: a dimensão da causa no fundamento do desejo e do objeto na passagem do Seminário 8 ao Seminário 9. *Stylus*, Rio de Janeiro, n. 31, p. 63-70, 2015.

FERREIRA, N. P. Jacques Lacan: apropriação e subversão da linguística. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 113-131, 2002.

FIGUEIREDO, L. C. As províncias da angústia (Roteiro de viagem). *Rev. latinoam. psicopatol. Fundam.*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 50-63, 1999.

FREUD, S. (1895). Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada 'neurose de angústia'. In: ____ *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. III*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. (1893-1895). *Estudos sobre a histeria*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. (1900). *A interpretação dos sonhos*. Porto Alegre: L&PM, 2013. 2 v.

FREUD, S. (1909). Análise da fobia de um garoto de cinco anos (“O pequeno Hans”). In ___ *Obras completas, volume 8: O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, S. (1914). Introdução ao narcisismo. In ___ *Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. (1915). Os instintos e seus destinos. In ___ *Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. (1916-1917a). Conferência 23: os caminhos da formação de sintomas. In: ___ *Obras completas, volume 13: Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, S. (1916-1917b). Conferência 25: a angústia. In: ___ *Obras completas, volume 13: Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, S. (1918). História de uma neurose infantil (“O Homem dos Lobos”). In ___ *Obras completas, volume 14: História de uma neurose infantil (“O Homem dos Lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. (1919). O inquietante. In ___ *Obras completas, volume 14: História de uma neurose infantil (“O Homem dos Lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. (1920). Além do princípio do prazer. In ___ *Obras completas, volume 14: História de uma neurose infantil (“O Homem dos Lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. (1923a). A organização genital infantil. In ___ *Obras completas, volume 16: O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. (1923b). O Eu e o Id. In ___ *Obras completas, volume 16: O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. (1924). Dissolução do Complexo de Édipo. In ___ *Obras completas, volume 16: O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. (1926). Inibição, sintoma e angústia. In ___ *Obras completas, volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, S. (1933). Conferência 32: angústia e instintos. In: ___ *Obras completas, volume 18: O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. (1937) Análise terminável e interminável. In ___ *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1950). Rascunho E: como se origina a ansiedade. In: ___ *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. I*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana, v.2: A interpretação do sonho*. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

GAY, P. (1989). *Freud: uma vida para o nosso tempo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GIANESI, A. P. L. A inexistência e a insensatez: hiância causal e o gozo do falasser. *Stylus*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 51-57, 2014.

GRECO, M. Os espelhos de Lacan. *Opção Lacaniana online*, 2, n. 6, nov 2011. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/Os_espelhos_de_Lacan.pdf>. Acesso em: 30 maio 2017.

GREEN, A. *O discurso vivo: por uma teoria psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

HANNS, L. A. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HANNS, L. A. *A teoria pulsional na clínica de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

HARARI, R. *O seminário “a angústia” de Lacan: uma introdução*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

IANNINI, G. *Estilo e verdade em Jacques Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

KUPFER, M. C. *Freud e a educação: o mestre do impossível*. São Paulo: Scipione, 1989.

LITTLE, M. (1957) A resposta total do analista às necessidades do seu paciente. *Rev. Assoc. Psicanal. Porto Alegre*, n. 32, p. 82-112, jan./jun. 2007.

LACAN, J. (1949). O estágio do espelho como formador da função do eu. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 96-103.

LACAN, J. (1956-1957). *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

LACAN, J. (1958-1959). *O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2016.

LACAN, J. (1959-1960). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

LACAN, J. (1960a). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: “Psicanálise e estrutura da personalidade. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 653 – 691.

LACAN, J. (1960b). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 807 – 842.

LACAN, J. (1960-1961). *O Seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

LACAN, J. (1962-1963). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LAPLANCHE, J. *Problemáticas I: a angústia*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

LOFFREDO, A. M. Em busca do referente, às voltas com a polissemia dos sonhos: a questão em Freud, Stuart Mill e Lacan. *Psicologia USP*, v. 10, n. 1, p. 169-197, 1999.

LOFFREDO, A. M. Anotações sobre a leitura freudiana da angústia. *Tempo psicanalítico*, v. 44, n. 1, p. 105-130, 2012.

LOFFREDO, A. M. *Figuras da sublimação na metapsicologia freudiana*. São Paulo: Escuta: Fapesp, 2014.

LOURENÇO, L. C. A. A pulsão de morte e a gênese da angústia. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 101-117, 2009.

LUSTOZA, R. Z. A angústia como sinal do desejo do Outro. *Revista mal-estar e subjetividade*, Fortaleza, v. 4, n. 1, p. 44-66, 2006.

LUSTOZA, R. Z. A Natureza Secreta do Estranho: uma Interpretação Lacaniana da Angústia em Freud. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 35, n. 2, p. 473-487, 2015.

MEZAN, R. *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

MEZAN, R. *O tronco e os ramos: estudos de história da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

MILLER, J-A. *Lacan elucidado: palestras no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

MILLER, J-A. Introdução à leitura do Seminário da angústia de Jacques Lacan. *Opção Lacaniana*, n. 43. São Paulo: Edições Eolia, p. 7-91, 2005.

OBAID, F. P. Sigmund Freud and Otto Rank: debates and confrontations about anxiety and birth. *Int. J. Psychoanal.*, v. 93, n. 3, p. 693-715.

PEREIRA, M. E. C. *Pânico e desamparo: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Escuta, 1999.

PEREIRA, M. E. C. Mudanças no conceito de ansiedade. In: HETEM, L. A. B.; GRAEFF, F. G. (Orgs.). *Transtornos de ansiedade*. 2. ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2012. p. 3-27.

PISETTA, M. A. A. M. A falta da falta e o objeto da angústia. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 26, n. 1, p. 101-107, 2009.

RABINOVICH, D. *A angústia e o desejo do Outro*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

RANK, O. (1924). *O trauma do nascimento: e seu significado para a psicanálise*. São Paulo: Cienbook, 2016.

RINALDI, D. O conceito de angústia em Lacan. In *III Simpósio da Intersecção Psicanalítica do Brasil*. Salvador, 2000.

RIVERA, T. *O avesso do imaginário: arte contemporânea e psicanálise*. São Paulo: Cosac Naif, 2013.

ROCHA, Z. Desamparo e metapsicologia – para situar o conceito de desamparo no contexto da metapsicologia freudiana. *Síntese – Revista de Filosofia*, Belo Horizonte, v. 26, n. 86, p. 331-344, 1999.

ROCHA, Z. *Os destinos da angústia na psicanálise freudiana*. São Paulo: Escuta, 2000.

ROUDINESCO, E. *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

RUDGE, A. M. Jones e Lacan: pesadelos, demônios e angústia. *Pulsional Revista de Psicanálise*, São Paulo, v. 18, n. 181, p. 80-87, 2005.

SAFOUAN, M. *Lacaniana I: os seminários de Jacques Lacan 1953 – 1963*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

SHAKESPEARE, W. (1596?). *O mercador de Veneza*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

SIMANKE, R. T. Clínica e metapsicologia de Freud a Lacan. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 01-12, 1994.

SOLER, C. *Seminário de leitura de texto ano 2006-2007: Seminário A angústia, de Jacques Lacan*. São Paulo: Escuta, 2012.

SOUZA, N. S. A angústia na experiência analítica. In: HANNA, M. S. G. F., SOUZA, N. S. (Orgs.) *O objeto da angústia*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2005.

SOUZA, P. C. *As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

STRACHEY, J. Introdução do editor inglês para Inibição, sintoma e angústia. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

UCHITEL, M. *Neurose traumática: uma revisão crítica do conceito de trauma*. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

VIEIRA, M. A. A inquietante estranheza: do fenômeno à estrutura. *Latusa: Rev. Esc. Bras. Psic.*, Rio de Janeiro, n.4/5, p. 123-138, 2000.

VIEIRA, M. A. *A ética da paixão: uma teoria psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2001.

VIEIRA, M. A. Como se ri da angústia. In: BESSET, V. (org.) *Angústia*. São Paulo: Escuta, 2002. p. 71-87.

VIEIRA, M. A. *Restos: uma introdução lacaniana ao objeto da psicanálise*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2008.

VILTARD, M. Gozo. In: KAUFMANN, P. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: 1996, p. 221-224.